REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

N.º 30 24-7-48 Cr$ 3,00 em todo o Brasil

NINGUEM DIZ... MAS JÁ PASSEI dos 50!
Esta senhora previdente preferiu, aos produtos vulgares, a Quina Petroleo Malibú! E hoje mostra, na beleza irradiante dos seus cabelos, os efeitos maravilhosos da pilocarpina, composição mágica da Quina Petroleo Malibú!
SEJA A SENHORA TAMBEM DAS QUE FICARÃO NOS 50!
Com uma simples aplicação diaria, após o banho, a Quina Petroleo Malibú elimina a casca e evita a queda dos cabelos.
Malibú
MEDALHA DE OURO III FEIRA NACIONAL DE INDUSTRIAS
quina petroleo
Á VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÔAS CASAS DO RAMO

Desavença em família...

QUE o negócio dos cinemas no Rio de Janeiro — e com certeza no resto do Brasil — é um excelente negócio não pode haver dúvidas. Sustenta-o um público resignado e pouco exigente, cujo volume é praticamente igual ao da população da cidade.

Na verdade toda a gente vai ao cinema, pelo menos algumas vêzes por semana, e poucos são os que escolhem filmes e casas de projeção. Quase todos vão simplesmente ao cinema. Também quase todos são indiferentes aos sacrifícios que lhes custa o vício do cinema, sacrifícios que vão desde o elevado preço dos ingressos, o exercício de paciência para adquirí-los através o itinerário de infinitas filas que avançam lentamente enquanto o filme lá dentro se adianta, até a disputa de lugares, muitas vêzes violenta e infrutífera disputa, pois o espectador sofre cotoveladas, espremeduras, pisadas e por fim tem de assistir à sessão de pé ou sentado aos degraus do balcão.

Os exibidores bem depressa perceberam essa resistente vocação do público e organizaram-se convenientemente para explorá-la. O método escolhido foi o de concentrar todos os cinemas da cidade nas mãos de uns poucos. E assim proprietários de casas exibidoras, produtores e público ficaram a mercê de um grupo ditador.

★

Eu mesmo posso ministrar um depoimento pessoal acêrca dos métodos e das gananciosas intransigências do grupo senhor do cinema nesta capital. O caso é que o SAPS vem realizando cada sábado, alternadamente, sessões de cinema e de teatro, como uma das formas de efetivar o programa educativo que lhe incumbe. Naturalmente precisa de filmes de interêsse geral para compor as suas programações. São filmes de 16 mm, os quais, segundo as convenções internacionais, podem ser exibidos livremente até na praça pública. Hoje em dia todas as grandes películas comerciais estão reproduzidas em cópias de 16 mm. E' justo, pois, que se procure obtê-las como elemento de atração em programas educativos destinados à massa. Dentro dêsse pensamento, o SAPS dirigiu-se a determinada distribuidora com o fim de alugar-lhe alguns filmes de 16 mm, e foi-lhe comunicado que não era possível ceder as películas a menos que certo exibidor declarasse por escrito que não se molestaria com a concorrência.

Foi inútil explicar aos honrados distribuidores que não haveria nenhuma concorrência, pois os filmes se destinavam a exibição gratuita, uma vez na semana e no recinto de um Serviço Público. Menos ainda os comoveu a alegação do elevado sentido da obra a que iriam servir os filmes que o SAPS pretendia alugar. Nada demoveu os fiéis parceiros do monopólio exibidor.

Essa a vergonhosa realidade. No momento, ao que se sabe, a Comissão Central de Preços está às voltas com o problema. Parece que as queixas lhe são levadas sobretudo pelos produtores nacionais.

E' bom que seja assim, porque, através das mágoas deles, importantes particularidades se tornarão conhecidas. Mas advirta-se que êsses acusadores não são santinhos. O cinema nacional é o que se vê: cada nova película, uma nova baboseira. E não venham com desculpas, porque "Uma aventura aos 40" e "Inconfidência Mineira", cada uma no seu plano, indicam o de que seríamos capazes no campo da criação cinematográfica.

★

A verdade, porém, é que não progredimos sequer nos jornais nacionais, cujo mercado é imposto por lei. O consumo compulsório dêsses aperitivos só tem servido para beneficiar aquêles que os fabricam, quando o que se tivera em vista fôra, de um lado, a criação de uma justa base econômica para a incipiente indústria nacional e, de outro lado, a assídua divulgação, pela imagem, dos acontecimentos e das coisas brasileiras. Ora, sabidamente o favor da lei não frutificou até hoje nem num sentido nem noutro. Continuamos sem indústria cinematográfica, e quanto aos assuntos dos "shorts" nacionais são eleitos pelo critério da remuneração. Sim, meus amigos, tudo o que vos mostram os "shorts" nacionais foi filmado sob ajuste prévio de algum interessado... Nunca os produtores protegidos pela lei pensam em vós, no que gostarieis de ver ou no que verieis com proveito vosso. Só os preocupa o proveito próprio. A "onda" agora contra os exibidores vem de que êsses proveitos estão ameaçados na sua integridade. Trata-se de uma contenda em família. O público não tem nada com isso, é vítima de ambos, produtores e exibidores, os quais até então se entendiam sem sombras... No curso, pois, dessa desavença entre parceiros, não se fale em nome do público, êsse inocente, torça-se apenas para que de tudo lhe advenha algum benefício.

UMBERTO PEREGRINO — Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário:

COLABORAÇÃO

Desavença em família (Umberto Peregrino) 3
Lembrança de Coelho Netto (Herman Lima) 13

BIOGRAFIA

A vida de Cézanne (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 23

CARICATURA

Bom humor 24/25

REPORTAGENS

Ozanam — A Cidade dos Mendigos (Milton Pedrosa) 6/12
Notícias da Paraíba 14/15
Sangue novo no teatro brasileiro 16/18
São Judas Tadeu, padroeiro dos aflitos (Ruth Guimarães) 30/33

CONTOS

Noturno de Chopin (Tomaz Tavares) 19
O Avelino dos cabelos vermelhos (Moysés Duek) 20
Um filho (Raimundo Souza Dantas) .. 22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Cine-Revista 28
O Filme da Semana 29
Broadcast 34
Vida Literária 35
Livros Novos 36
Pelas Estradas do Céu 49
Música 50
Cancioneiro Internacional 48

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos 37
O espírito feminino através dos tempos 43
Mães e filhos (Zóia de Laet) 44
A personalidade da semana (Sarah Marques) 45
Muro das lamentações 46
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 47

FOLHETIM

Ninguém escapa (Faith Baldwin-J. Schabelitz) 57/58

ILUSTRADORES

Fernando Pereira
Abelardo Zaluar
Armando Moura

NOSSA CAPA

Temos hoje ilustrando a nossa capa a encantadora figura da talentosa Eleanor Parker, da Warner Brothers. Dona de grande simpatia e boa dose de talento, Eleanor tem conseguido sempre um lugar de destaque entre os nomes mais cotados de Hollywood. Depois de aparecer em "Quero-te junto a mim", ao lado de Errol Flynn e Ida Lupino, a veremos breve em "Centelha de amor", ao lado de Ronald Reagan. Miss Parker é considerada atualmente uma das mais elegantes mulheres de Hollywood e, a julgar pela foto apresentada, vemos que o título é mais que merecido.

a Semana EM REVISTA

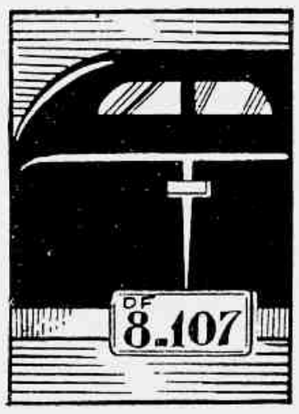
UM PRÊMIO ESPECIAL DO NOSSO CONCURSO DE CONTOS

Os nossos leitores já devem ter notado quão assiduamente o nome de Thereza de Almeida tem aparecido em nossas colunas, como detentora de prêmios em nosso concurso permanente de contos. Num período de três anos, já conquistou a jovem contista nada menos de dezoito prêmios, tendo, dêsse modo, reunido material suficiente para a publicação de um grosso volume de contos. Essa constância da contista gaúcha, o forte cunho regional dos seus trabalhos, a linguagem pitoresca e colorida em que são vasados, tudo isso fez com que se voltasse para ela a atenção da REVISTA DA SEMANA. Vivendo em Santana do Livramento, no Estado do Rio Grande do Sul, nos limites com o Uruguai, sem jamais ter visitado a capital do seu Estado, pareceu-nos que seria interessante oferecer-lhe, como prêmio "extra", uma passagem de ida e volta ao Rio, afim de realizar, nesta capital, uma reportagem em que narrará suas impressões de moça provinciana sôbre a terra carioca. Thereza de Almeida, consultada por telegrama, aceitou nosso convite e, no domingo transato, desembarcava de um avião da Varig, no aeroporto Santos Dumont, vinda diretamente de Livramento. Os dias da semana passada foram para ela, dias cheios. Foi a teatros, visitou a Pinacoteca, os Museus, o Parque da Cidade, a Quinta da Boa Vista, Petrópolis, o Quitandinha, a Academia Brasileira de Letras, a A. B. I., etc. E continua a satisfazer sua curiosidade de provinciana, que pela primeira vez conhece a capital do país. Brevemente, Thereza de Almeida, que os nossos leitores, tanto conhecem como contista exímia, será apresentada pela primeira vez como repórter, contando-nos suas impressões do Rio, — impressões que serão vivas, ágeis, interessantes e variadas, se ela tiver aplicado em sua execução as mesmas qualidades de observação de seus belos contos.

JÔGO, O GRANDE CORRUPTOR...

Entrevistado pela imprensa do Recife, êsse homem desabusado que é o governador de Alagoas, sr. Silvestre Péricles de Góes Monteiro, exemplar dos mais pitorescos da nossa fauna política, declarou ter "arrendado o jôgo, no Estado, a um cidadão". Afirmou, mais, acerca dêsse singular monopólio, oficializado pelo govêrno alagoano e entregue "a um cidadão" que não desejou, ou não foi solicitado a identificar, que a importância paga ao Estado pelo concessionário é empregada em "obras de benemerência" e que "é mais fácil fiscalizar um do que muitos". Louve-se no sr. Silvestre Péricles de Góes Monteiro, ao menos a franqueza e sem-cerimônia com que vai pondo êsses podres na rua, antes que qualquer outra pessoa o faça... Inúmeras vêzes, em reportagens fartamente documentadas, como também em tópicos, temos demonstrado que a extinção do jôgo, pelo decreto de intuitos moralizadores, mas sempre fraudado em suas boas intenções, havia sido apenas aparente. No Rio, joga-se por tôda parte. O bicho impera, encontrando muita indulgência, por parte da nossa tolerante organização policial. Por outro lado, se esta investe contra os profissionais do pifepafe, prendendo-os em flagrante, não falta quem, depois, os absolva, em juizo, sob a alegação de que os jogadores ignoravam tratar-se de um jôgo de azar. No Pará, a jogatina está novamente instalada como nos dias saudosos do Estado Novo, o benemérito dos "croupiers". Na Assembléia Fluminense, a jogatina em Nova Iguaçú e em Caxias, transformadas em pequenos Monte Carlos, provoca veementes debates entre deputados. Vê-se, assim, que o jôgo, embora proibido, continua florescendo, na ilegalidade, do mesmo modo que o fazia à sombra da ditadura. O que acontece, apenas, é que nem todos os patronos da jogatina, nem todos os amigos dos que vivem do jôgo, têm essa franqueza fantástica do sr. Silvestre Péricles de Góes Monteiro, — o homem que não precisa tomar escopolamina para dizer verdades contra êle próprio...

AUTOS-OFICIAIS, ETERNA FONTE DE ABUSOS...



Um dêstes dias, não durante o horário normal do expediente das repartições públicas, mas a horas mortas da noite, uma senhora, dirigindo um automóvel oficial, atropelou um cavalheiro, em Copacabana, não parando, sequer, para se intenrar do estado da vítima. Em lugar de oferecer-lhe socôrro e condução para um hospital ou ambulatório, o que fez a distinta senhora foi imprimir maior velocidade ao carro e, assim, escapar ao flagrante. Êste caso foi muito comentado pela imprensa e repercutiu até mesmo na Câmara dos Deputados, não só por causa dêsse aspecto pouco humanitário, de que se revestiu, mas ainda porque, sem dúvila alguma, o carro oficial estava sendo usado irregularmente, uma vez que não há mulher alguma matriculada na direção de qualquer dêsses veículos. E' sabido que os automóveis oficiais constituem uma perene fonte de abusos. E não se abusa apenas dos automóveis, mas igualmente de choferes que são pagos pelos cofres públicos, mas geralmente usados em serviços particulares, até altas horas da noite. Além dêsse aspecto censurável, há ainda abuso maior: a audácia e a impunidade com que os automóveis oficiais infringem os regulamentos do tráfego, entrando por onde não devem, pondo em perigo as vidas de outrem, avançando sinais, tudo isso porque usam "chapa branca" e os guardas do tráfego não ousam multá-los, com medo de irritar algum graúdo, com carteira de oficial de gabinete de um Ministério qualquer. Os carros oficiais, do mesmo modo que os da polícia e os transportes militares, contribuem, dêsse modo, para tumultuar, ainda mais, o tráfego já naturalmente congestionado, difícil e perigoso, da cidade. Se os responsáveis por êsses cargos fôssem também multados, se houvesse para com êles o mesmo rigôr que há para com os carros de praça e com os autos particulares, talvez houvesse menos acidentes no Rio...

ANO XLVII
Nº 30 — 24-7-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr$ 140,00; Seis meses Cr$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr$ 270 00; Seis meses — Cr$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITORIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Na convenção do Partido Democrático, em Filadélfia, Harry Truman foi escolhido como candidato à Presidência da República. Apesar de ter de ombrear com um rival da envergadura de Thomas Dewey, do Partido Republicano, não se pode negar que Truman teve expressiva vitória com sua plataforma, equiparando totalmente os direitos civis para brancos e negros. Vencedor êsse Partido, os negros terão: a) direito de participação política total e completa; b) direito de iguais oportunidades de emprêgo; c) direito à segurança pessoal (abolição dos linchamentos), e d) direito de igualdade de trato quando em serviço da Nação (extinção da segregação nas fôrças armadas, por exemplo). Apesar de ter perdido vários Estados sulistas, Truman manteve esta magnífica linha de conduta. Cumprirá, caso seja eleito?... Um juiz correcional de Nova Jersey, cujo guarda-roupa lhe granjeara a fama de ser "o magistrado mais bem vestido dos Estados Unidos", confessou-se culpado de um desfalque de 657.000 dólares em um banco. Toda essa "gaita" foi perdida em corridas de cavalos. Brevemente o elegante juiz irá fazer companhia aos criminosos que mandava para a detenção... O sr. Xisto Vieira Filho, diretor geral da Fazenda, reclamou aos chefes de Serviço Público contra a excessiva generosidade no julgamento dos seus subalternos. Todo funcionário público recebe grau 100 dos chefes de serviço, embora o serviço se atrase, as partes reclamem, etc., etc. Tem razão, "seu" Xisto, estão sobrando zeros nessa classificação... O comerciante Alcides Ferreira Gaia, estabelecido à rua dos Inválidos, 13, com fábrica de chapéus de chuva, moveu seis ações de despejo para desalojar outro negociante que ocupa parte do mesmo prédio. Perdeu as seis ações e vai entrar com a sétima. "Está chovendo no molhado", comentou o advogado do inquilino... Naturalmente vão remeter para o hospício o açougueiro novayorkino Mr. Anthony Amelio, que fechou o seu açougue porque "teve vergonha de aumentar o preço da carne". Isto é que é um açougueiro de verdade, comenta a Amélia, do Rio... A ambulância 166 do Hospital Miguel Couto partiu veloz para a rua Voluntários da Pátria, a fim de socorrer o operário Alexandrino Soares de Araújo. Na rua Jardim Botânico abalroou um motocilista e atropelou um transeunte, ficando os dois em estado de "shock", pois sofreram ambos fratura do crânio. Pediram, com urgência, novas ambulâncias ao mesmo hospital. Partiram mais duas, mas dessa vez bem devagarinho... Vai ser mudado o nome já tradicional da rua das Marrecas para o de Juan Pablo Duarte (fundador da República Dominicana). A rua das Marrecas chamava-se no tempo do Império rua das Belas Noites. Com a abertura do Passeio Público pelo marquês do Lavradio e a colocação de um bebedouro com marrecas de bronze naquele logradouro (há muito retiradas), passou a ter essa nova designação, que pegou... Mas a rua Juan Pablo Duarte vai pegar? Pois sim! Ficará como a rua do Ouvidor, quando se chamou Moreira César, e a da Assembléia, quando passou a ser República do Peru... Em Copacabana são inúmeros os cafés que alegram o panorama com suas barracas coloridas. Agora, cada chapéu-de-sol dará uma despesa de quatro mil cruzeiros ao dono do bar, em razão do novo e excessivo imposto municipal. Por fôrça disso vão desaparecer os "terrasses" de Copacabana e de outras praias... Um avião cargueiro da Aerovias Brasil, após a decolagem do aeroporto de Belém do Pará perdeu altitude, caindo em seguida. Faleceram três tripulantes e dois passageiros... Em São Paulo despedaçou-se um "Fortaleza Voadora", da F.A.B., morrendo nove tripulantes... O negociante Manuel Alves de Oliveira foi furtado na rua Camerino em trinta e oito mil cruzeiros. Deu parte à Polícia, "que instaurou inquérito". Os operários Antônio Gomes e Valter Ferreira Pinho, que trabalham nas imediações, souberam do ocorrido e começaram a investigar por conta própria. Num tempo "record", conseguiram identificar os larápios, entregando-os à Delegacia de Polícia. Por que a Polícia não leva êsses dois competentes auxiliares voluntários para seus quadros?... O deputado federal alagoano padre Medeiros Neto vai processar o governador Silvestre Péricles de Góis Monteiro, pelo crime de calúnia. O singular governador expôs num casa comercial de Maceió uma chibata com a legenda: "Presente do padre Medeiros Neto ao governador para que com ela chibateasse o povo alagoano". Vários deputados atestaram na Câmara Federal que são uma verdadeira invencionice a frase e o fato atribuidos ao padre Medeiros Neto... Quando saía da Câmara dos Deputados, em Roma, o líder comunista Palmiro Togliatti foi alvejado a tiros pelo estudante siciliano Antonio Pallante. Das cinco balas disparadas, uma raspou-lhe o pescoço e outra atravessou-lhe a pleura. Graves distúrbios se alastraram pela Itália. Togliatti, depois de operado, melhorou extraordinariamente e suas primeiras palavras foram para que os comunistas cessassem as greves. Mas, logo depois, piorou muito. Apesar disso, continua de extrema gravidade a situação política, sendo provável a queda de alguns ministros do gabinete De Gasperi, senão de todo o gabinete. Essa política de sangue não é digna de nações democráticas... O asilo Ville-Evrad, próximo de Paris, resolveu apressar a cura de doentes nervosos e crianças retardadas, fazendo-os habitar cômodos pintados com côres especiais. Dizem os pintores Fillacier, Schurr e Savary que a mistura do amarelo, verde e rosa faz desaparecer 97% das crises de histeria... A Delegacia de Ordem Política e Social continua seviciando os presos que recolhe e detendo inúmeras pessoas sem dar a menor satisfação às famílias dos detidos ou à imprensa. Há dias, um homem surgiu na 9ª Vara Criminal e relatou, entre gemidos, ao juiz Oliveira e Silva as brutalidades de que fôra vítima, exibindo o dorso e os membros selvagemente feridos pelos valentões daquela Delegacia. O pintor Adolfo Gomes, um dos muitos espancados, foi levado nos braços de amigos à presença do juiz, tal o estado em que o deixaram os "interrogatórios" na Polícia Central. Que fazem o chefe de Polícia e o presidente da República que não vêem e não proibem essas atrocidades?... Os russos parece que desejam deflagrar a terceira guerra, fazendo de Berlim o estopim. Anunciaram que os representantes inglêses e americanos teriam de abandonar a capital alemã em oito semanas, caso fossem fechadas novas portas de bloqueio. Terão êles o topete de obstruirem essas portas, ou isso é apenas uma "paz de nervos"?... O deputado Barreto Pinto, que é co-autor de uma peça teatral sôbre cuecas, desmentiu seu casamento com a viúva Martinelli, declarando que a ida de ambos a Buenos Aires prendeu-se, apenas, a uma transferência de pesos do falecido comendador para o Brasil... Fala-se novamente na ligação, por ponte ou túnel, da Capital Federal com a Capital fluminense. Para gáudio da Cantareira, o fim dessas discussões será como o de tantas outras: fogo de palha... Foi decretada a dissolução da Confederação dos Trabalhadores do Brasil, sociedade que agrupava os sindicatos federados. As razões apresentadas foram estas: a Confederação propagava doutrinas incompatíveis com as instituições democráticas e que os sindicatos não deveriam ficar sob a sua tutela devido à pluralidade de como são constituidos... A Câmara aprovou o endôsso do Govêrno no empréstimo que a Light fará ao Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, na importância de noventa milhões de dólares... Procópio Ferreira, com Bibi e Alma Flora, está obtendo fenomenal sucesso em São Paulo, onde sua companhia se mantém com uma média de 25.000 cruzeiros diários. Milagre semelhante é o que fazem Dulcina e Odilon no Rio, com "Chuva", um sucesso sensacional na sua terceira apresentação, no Teatro Regina... Por hoje é só... Até sábado.

LÂMPADAS DE ALTA QUALIDADE

LUZ DE baixo CUSTO

a boa luz

custa pouco...

a boa visão

não tem preço!

8248

LÂMPADAS EDISON G-E MAZDA
SEMPRE BRILHAM MAIS
GENERAL ELECTRIC

Cartas à redação

A TUBERCULOSE, A ESTREPTOMICINA E UM MÉDICO PORTUGUÊS

A propósito do tópico que publicamos há dias, sob o título "A tuberculose e a estreptomicina", recebemos a seguinte carta:

"Exmo. Senhor Diretor-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Acabei de ler a sua bem elaborada e interessante revista. Sou médico da Junta de Emigração Portuguêsa a bordo do "North King" que presentemente se encontra neste belo pôrto do Rio de Janeiro de regresso a Lisboa. E na qualidade de médico não podia deixar de despertar-me interesse particular, o que na referida revista se escreve sob o título "A tuberculose e a estreptomicina".

Tudo parece estar certo com excepção porém da explicação que nela se dá quanto à ineficácia do aumento de dose da mesma droga **"Por o bacilo se tornar resistente ao medicamento".**

Peço licença para discordar e vir apresentar a razão pela qual a quimioterapia (sais de ouro, sais de cobre, estreptomicina, etc.) é incapaz por si só de combater a tuberculose, isto é, de destruir o bacilo de Koch **in vivo**. Se é certo que **in-vitro**, quer dizer, em culturas de bacilos, solutos milinesimais de qualquer sal de cobre, prata ou ouro, matam o bacilo de Koch, o mesmo não acontece quando êle está no organismo animal. A razão disto é muito simples. Basta para isso ter conhecimento do que diz a anatomia patológica acerca do chamado **nódulo** ou **folículo tuberculoso**. Para os leitores da sua importante e notável revista fazerem uma ligeira idéia desta matéria direi a traços largos em que ela consiste.

Por experiências clássicas de Baumgarten, Metchnikoff, Yersin, Borrel, sabe-se que o bacilo de Koch introduzido num tecido provoca, como todos os agentes inflamatórios, uma reação vascular que se traduz por surto congestivo, acompanhado duma exsudação de líquido e duma diapedese leucocitária. E' a fase exsudativa inicial provocada pela ação necrosante das toxinas bacilares que é constante qualquer que seja o modo de inoculação dos bacilos e a diversidade do tecido.

A esta fase exsudativa mais ou menos duradoura segue-se outra que é a da formação do chamado **nódulo** ou **folículo tuberculoso**. O tecido conjuntivo local multiplica-se e metamorfosa os seus elementos constitutivos celulares. E assim à volta dos bacilos de Koch forma-se uma esfera de células denominadas epitelioides, que por sua vez é cercada por uma zona de células chamadas **linfocitos**. Uma parte das células **epitelioides** fundem-se para constituir as chamadas **células gigantes** no seio das quais continuam a pulular os bacilos tuberculosos; mas o que caracteriza essencialmente o **folículo** tuberculoso é a ausência absoluta de vasos sanguíneos e linfáticos, ao contrário das inflamações nodulares banais. Está, assim, resumidamente, feita a descrição do **folículo** tuberculoso, para fàcilmente se compreender que não é possivel atingir os bacilos de Koch, com qualquer substância química que se introduza na corrente sanguínea ou linfática.

Além disto é necessário considerar que o bacilo de Koch está revestido duma cuticula constituida por quitina, cera e gordura, o que torna refratário o bacilo à coloração empregada para os outros micróbios.

Deste modo não há que entrar em considerações com a **habituação** dos bacilos de Koch ao veneno — streptomicina — porque êste veneno nem siquer pode chegar junto deles.

Mas se, por **hipótese**, houvesse tal **habituação**, seria necessário empregar dóses crescentes para envenenar os micróbios e seria contário do que se diz no artigo em referência: **"Se o doente não experimentar melhoras com as pequenas doses (estreptomicina) também não as experimentará com grandes doses, pois é sinal de que o bacilo se tornou resistente ao medicamento".**

E para terminar, direi que o pneumotorax artificial descoberto pelo ilustre médico italiano Forlanini é o meio incruente mais eficaz para a cura da tuberculose, acompanhado de repouso, cálcio e boa alimentação.

Agradecendo para bem do interesse público a publicação destas linhas, subscrevo-me de V. Excias. muito atento venerador, s/s "North King", 10 de Julho de 1948. — **Manuel Antonio Monteiro Filipe** — Médico da Junta de Emigração Portuguêsa."

AS CRIANÇAS da Cidade Ozanam têm que inventar brincadeiras especiais. Vontade de brincar há muita... Faltam os brinquedos...

QUAL O FUTURO destas crianças nascidas na miséria? Elas hoje estão na crèche de Ozanam, mas e amanhã? Ei-las descalças e mal vestidas num dia de frio.

OZANAM --- A CIDADE DOS MENDIGOS

Reportagem de **MILTON PEDROSA** Fotos de **AUGUSTO CARDOSO**

CONVIDO-VOS, leitor, a visitar comigo uma estranha cidade. Não fica longe. Em alguns minutos, o automóvel nos levará até lá. Isso se estiverdes em Belo Horizonte, pois ela se situa apenas fora do centro urbano da capital mineira.

E' a Cidade Ozanam ou a Cidade dos Mendigos. Sim, porque, por mais estranho que vos pareça, os mendigos têm a sua cidade. Não, não penseis que se trata de alguma revolução. E' dentro mesmo de nossa organização social que tão bem conheceis, e até mesmo por causa dela, que os mendigos têm a sua cidade. Também não é uma linda cidade. Está um pouco à margem da antiga Curral del Rei e por lá não passam ricos automóveis, que não é caminho das belas casas de campo, nem de estações de veraneio, nem mesmo da formosa e atraente Pampulha. Se perguntardes a alguém na capital mineira pela Cidade dos Mendigos, ouvireis que fica para "os lados da Renascença", e Renascença é um bairro pobre. Os veículos de suas ruas são principalmente caminhões de carga, carroças de leite, de lenha ou de pão, puxadas por velhos e cansados burros.

Convido-vos a ir até lá. Podereis voltar do caminho ou mesmo abandonar a cidade, quando quiserdes. Mas, se ficardes e vos tomarem a indignação, o asco, a piedade, ou mesmo — quem sabe? — a vergonha, não culpeis o repórter. Não é dele a culpa. Êle apenas vos mostrará o que viu. O resto correrá por conta vossa.

A CIDADE MENDIGA

A Cidade Ozanam ou a Cidade dos Mendigos é na verdade o que êste nome indica, uma cidade habitada por homens, mulheres e crianças de todas as idades que, de tanto descerem, chegaram a mendigar o pão de cada dia. Ela se compõe de algumas dezenas de pequenas e pobres habitações e de um grande pavilhão onde se abrigam mais de quatrocentos sêres humanos. O nome de Ozanam é uma homenagem a Frederico Ozanam, um francês filantropo que teve a iniciativa de um movimento no sentido de dar agasalho aos restos que a sociedade atira ao desamparo.

A estranha cidade nasceu há cêrca de dez anos. As ruas de Belo Horizonte estavam cheias de velhos, moços e crianças de ambos os sexos esmolando a caridade pública. Era uma coisa feia, chamava a atenção, dava má impressão aos turistas, e os ricos banqueiros, os altos dignitários da Côrte sentiam o incômodo dessas presenças a qualquer hora do dia ou da noite pelas suas ruelas, ruas, becos e praças, e por isso foi fácil aos promotores da iniciativa encontrar o apoio de que necessitavam para a obra já em elaboração.

E' uma iniciativa da Associação São Vicente de Paulo, que depois teve de ampliar o seu plano inicial dando assistência ao mendigo também a domicílio. De acôrdo com êste desenvolvimento do plano primitivo, mais de 1.500 mendigos recebem, em suas habitações, o auxílio necessário para deixarem de mendigar e não morrerem de fome. A fonte de renda principal é a caridade pública. O Govêrno Federal contribuia com cinco contos mensais até o ano passado, mas êste ano foi feita uma redução, que se atribui a exigências do Plano Salte. A Prefeitura Municipal dá a sua contribuiçãozinha anual e o Govêrno Estadual a dá apenas ocasionalmente.

No momento, a Cidade Ozanam atravessa uma crise grave, devendo a Deus e todo mundo, pois sua despesa anual vai a mais de mil contos e a receita orça pela metade desta quantia. Concorre para isso a crise geral, que tem como consequência a restrição nos donativos que eram feitos por alguns bancos. E aqui vale assinalar que a contribuição mensal de um dos maiores banqueiros, rico senhor do crédito e dos juros por essas bandas, não ultrapassa a soma de dez cruzeiros. No que, porém, não perde para o maior industrial dos tecidos dessas Minas Gerais, que contribui com idêntica quantia. Mas isso talvez se justifique no fato de serem êsses dois homens os que mais molestados se sentiam com a mendicância nas ruas de sua bela capital.

Em todo caso, a Cidade Ozanam retirou das ruas de Belo Horizonte a maioria de seus mendigos. E de fato êles deixaram de mendigar.

Agora, quem está mendigando por todos êles é a própria Cidade Ozanam... pois que ela é a Cidade dos Mendigos.

ASSIM PASSAM o tempo de folga as crianças. Futebol? Existe apenas uma bola, mas com boa vontade...

OS HABITANTES DA ESTRANHA CIDADE

Mostro-vos agora os seus habitantes. Velhos à beira da morte, apanhados nas sargetas, cegos, paralíticos, famintos e friorentos sêres humanos. Lá estão alguns deles na enfermaria, à espera da morte. Aquêle que ri o seu riso desdentado foi encontrado sem sentidos, cego e os olhos comidos pelos bichos. Hoje, tiraram-lhe o último bicho e êle ainda é capaz de um riso. Sim, ainda é capaz disso. Aquêle outro é doente do coração e a morte qualquer dia o levará, como levou aquela mendiga cujo cadáver jaz ao alcance de sua vista. Êsse é difícil de dizer-se quem seja. Sabe-se que é búlgaro. Tem a fisionomia de um Cristo. E' ainda uma bela fisionomia. Está surdo, mudo e paralítico. Faz apenas um gesto: aponta a cabeça com o dedo, indicando que lhe dói a fronte. E lá

QUE PENA da vida este mendigo! Surdo, do mundo que o cerca só conhece a miséria. Trabalha na horta da Cidade Oceanica.

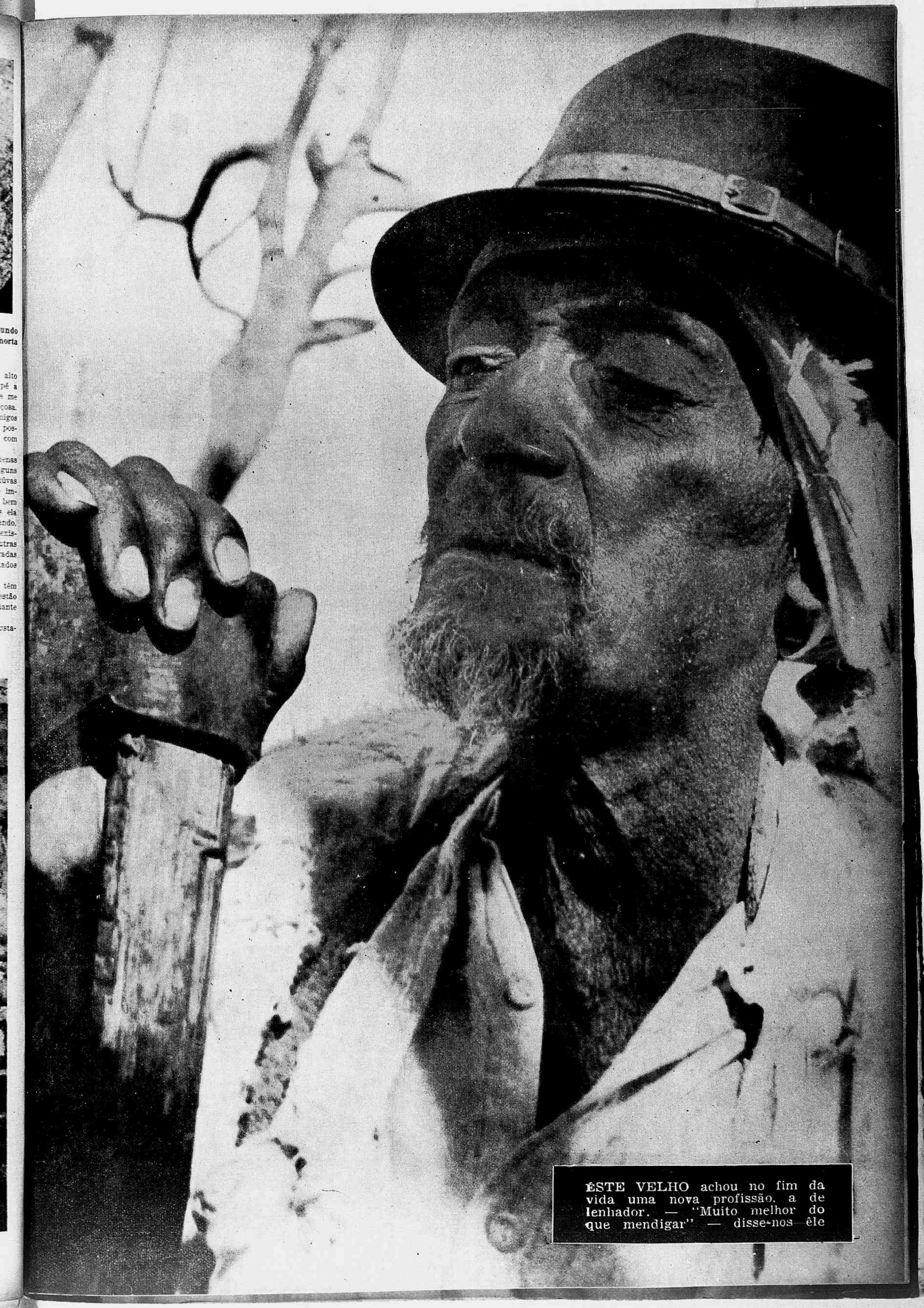
ainda um preto velho também paralítico. E o velho alto e engraçado, Romualdo de Sá e Castro, sempre em pé a acender um cigarro que nunca chega a fumar, e que me diz: "Sou bernardina sem por cento e seu filho de Vigosa. Escreva meu nome e tire o meu retrato, para meus amigos e conhecidos saberem onde estou". Foi negociante, possuiu seu hotel no interior de Minas e hoje ali está com seus 82 anos.

Debaixo a enfermaria, vemos duas filas de pequenas casas. Ali vivem os mendigos que possuem família. Alguns casam com três, quatro filhos, mas na maioria viúvas com cinco e seis. Eis a história de uma delas. Não importa o nome. Tinha uma filha mais ou menos bem casada, em companhia de quem estava vivendo. Mas ela e o genro não se davam bem, estavam sempre brigando, e então resolveu o trans-e, para não perturbar a existência da filha, vir para a cidade dos mendigos. Outras foram abandonadas pelos maridos e vieram carregadas de filhos. Muitos alegados, definitivamente incapacitados para o trabalho, muitos doentes mentais ali estão.

E há no grande pavilhão as mulheres que não têm família. São dezenas e dezenas. E nele também estão as crianças, pois que há um número de crianças e adiante vos falarei delas.

No início da Cidade Oceanica, o problema era desusta-

Ao alto — UM MONUMENTO à Miseria! Por que não? Um grupo comum de mendigos da Cidade Oceanica. Em baixo: AQUI, O VELHO benhaõr do seu duro ofício.



ÊSTE VELHO achou no fim da vida uma nova profissão, a de lenhador. — "Muito melhor do que mendigar" — disse-nos êle

ELAS VOLTAM com os filhos que se chamam Fulano, Beltrano ou Sicrano... de Jesus. A creche está sempre repleta de crianças

Ao alto — ENCURRALADAS aos bandos numa grade de madeira, estas crianças mendigas não têm brinquedos. Nunca tiveram uma boneca. Estão à espera de que alguém se lembre de lhes oferecer... Em baixo — O BERÇÁRIO. Dezenas de bebês terão um novo destino, graças à Cidade Ozanam.

dor. Três e quatro ambulâncias chegavam diariamente, ali esvaziando a sua carga de mendigos. Êsse trabalho tinha a colaboração da polícia, que, no seu velho hábito, não se limitava a recolher os mendigos na rua. Contribuia também com a sua dose de espancamentos diante da menor resistência. Pois que havia esta resistência. A princípio, não era por gôsto que os mendigos deixavam-se conduzir à sua cidade. A rigor, Ozanam ergueu-se contra a vontade dos mendigos.

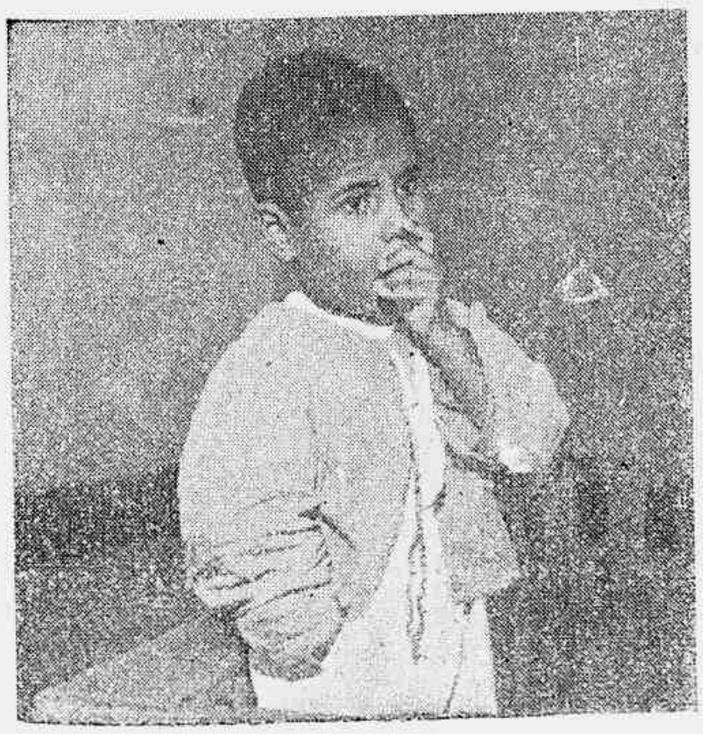
Hoje, muitos vêm espontaneamente abrigar-se à sua sombra.

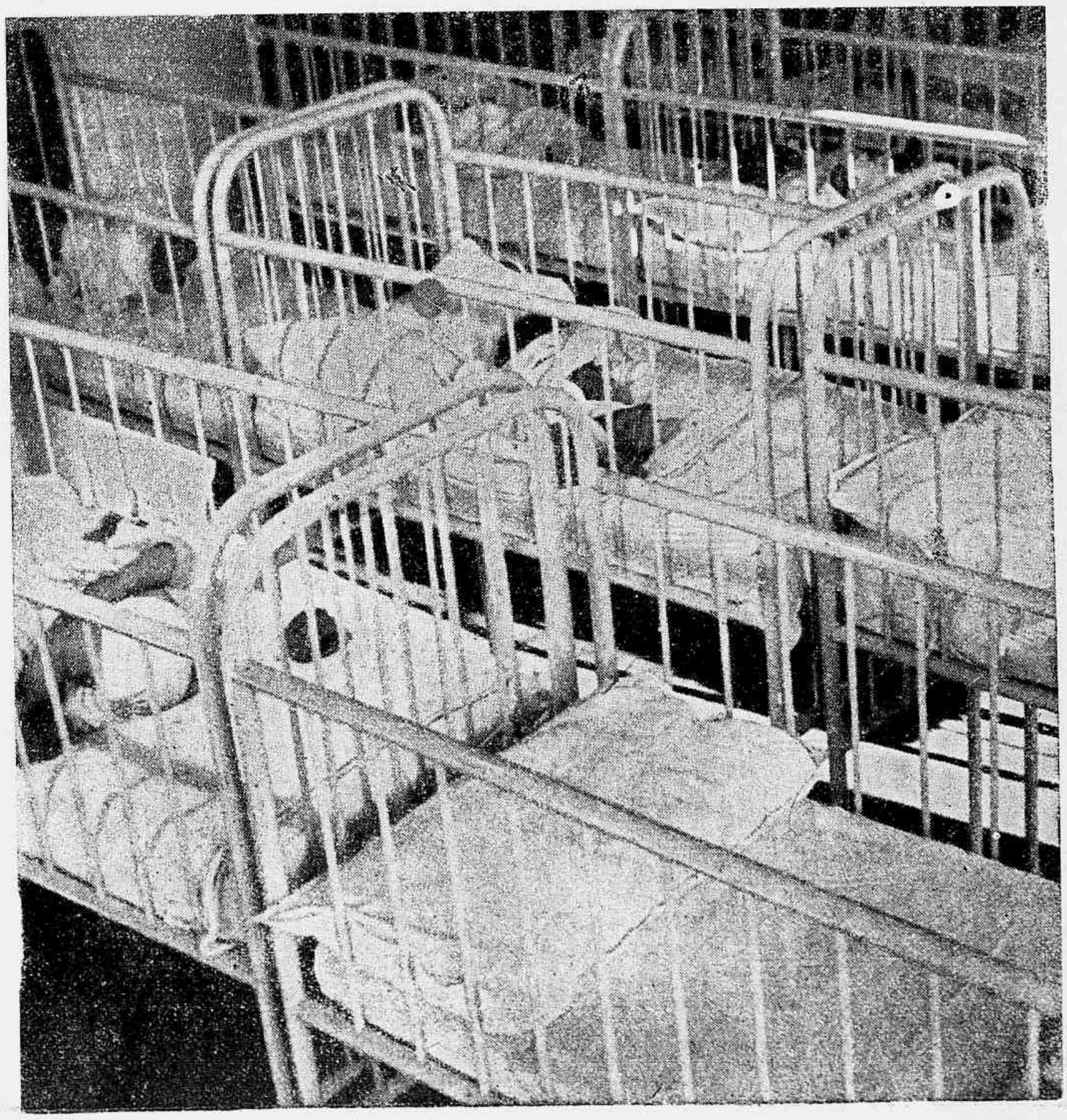
MAIOR DO QUE O DE ADULTOS, O NÚMERO DE CRIANÇAS

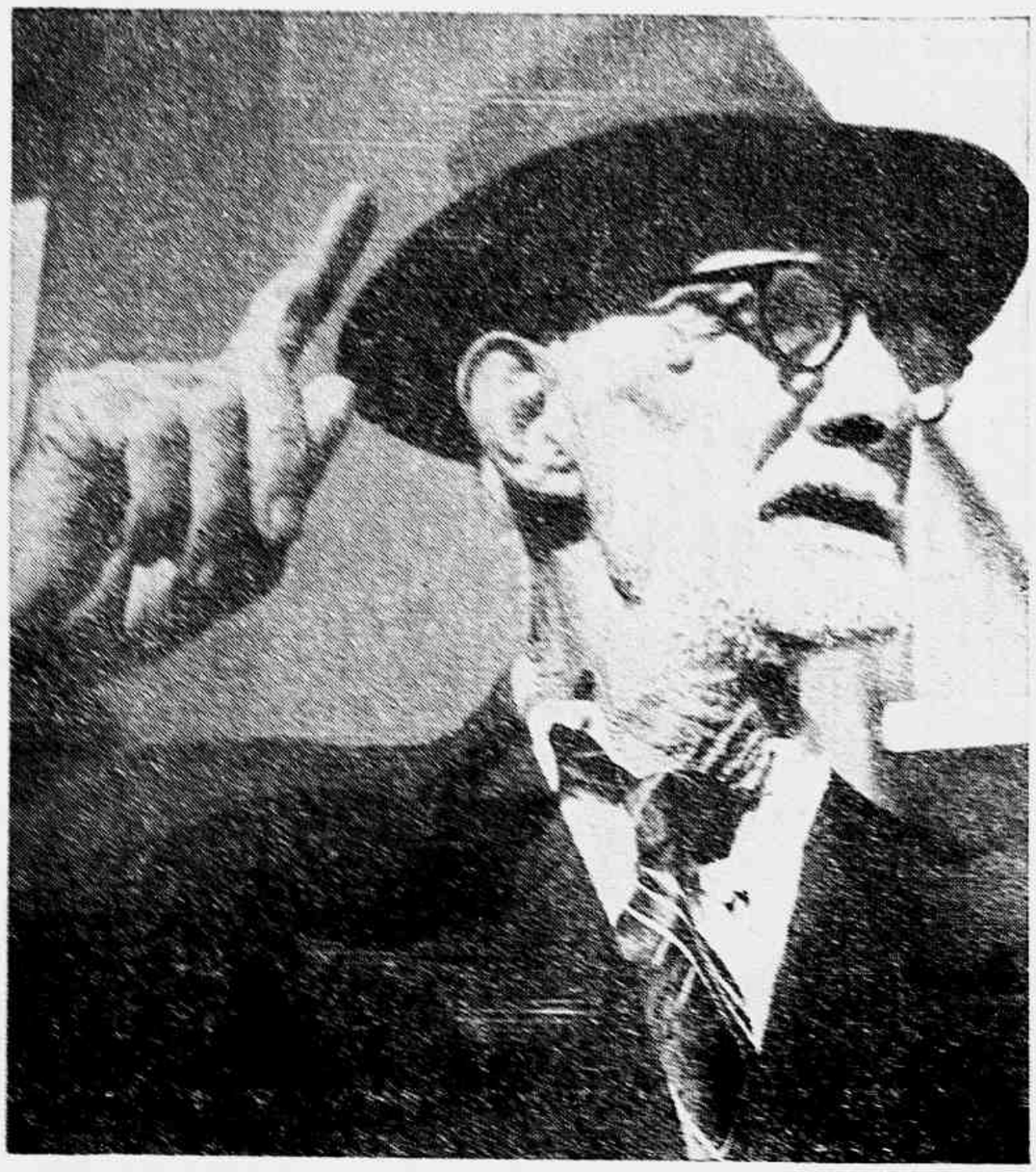
A maioria dos habitantes de Ozanam é constituida de crianças. No total, duzentas e onze. No pavilhão coletivo existem um berçário, uma creche e um alojamento para órfãs. Na creche e no berçário estão 56 crianças cuja idade varia de dias até os cinco anos. No alojamento das pequenas órfãs estão 40 meninas de 5 a 12 anos.

Não vos falarei da tristeza de 40 camas alinhadas, nas quais à noite se abriga igual número de pequeninos sêres

O DOIDINHO. Seu pai deixou-o na cidade de Ozanam e não mais voltou. Seu nome, Getúlio.







À esquerda — "SOU BERNARDISTA cem por cento! Tire meu retrato para que meus amigos saibam onde estou", disse-nos Romualdo de Sá e Castro. À direita — NA LAVANDERIA, as mendigas trabalham para a Cidade e para fora.

humanos, apanhadas na rua, sem pai, sem mãe, à míngua de um carinho.

Mas vos falarei das crianças da creche e do berçário e vos direi como elas para aí foram, pois de muitas maneiras lá vão. Muitas são apanhadas na rua, como aquela de pouco menos que estava abandonada defronte de uma porta. Aquele "bandinho" que não cuva, não fala e estranha tudo quanto lhe faz, mas sabe o que se chama, bem bem (poderia chamar-se Pedro, Silvestre, Joaquim, André, João, o nome não importa) foi levado ali pelo pai, que jamais voltou para saber da sua sorte. Chegou para lhes o agora corrida a andar. Mas era só nome grande e ninguém pode deixar de pensar no seu futuro. Ha muita criança e uma quantidade grande no berçário, de menos algumas, de duas outras. Pedro ali porque foram apanhadas com as mães ou porque as mães as trouxeram na sua volta. E que acontece que de quando em vez uma fêmea poderosa leva do colo as mendigas para as ruas. Não para mendigar o pão. Vão mendigar o amor. Sim, ha disse, elas vão. Não, não é o amor que as leva para as ruas, para os becos escuros, para os abrigos sob as pontes mal iluminadas. Elas vão para uma necessidade fisiológica. E regressam, tempos depois, ou são apanhadas com um novo ser, filho legítimo da miséria, que na Cidade Oriental encontra abrigo. Não lhes perguntem pelos pais, que as mães não saberão responder. E o nome do menino será então José de Jesus, Maria de Jesus, Pedro de Jesus, Manoel de Jesus, Joaquim de Jesus. Deixo então chorar a creche e o berçário. Tanto num como noutro, o espaço é pequeno e por isso há muita vez duas crianças no mesmo berço e quatro ou cinco na mesma grade de madeira.

NÃO HÁ FRUTAS, NEM DOCES, NEM BRINQUEDOS

Dessas crianças, cerca de 180 estão na escola. Frequentam o grupo escolar situado no pavilhão da Cidade Oriental. Não estão matriculados setecentos alunos, incluindo os dos bairros vizinhos. Neste grupo há um teatro onde os filhos dos mendigos, eles mesmos mendigos, levam à cena peças infantis. Não existem, porém, brinquedos para essas crianças, pois não poderiam ser sequer nome ao futebol para o qual existe apenas uma bola. Os seus divertimentos são ainda os dos meninos das ruas: subir nas árvores, trepar pelos muros, as corridas, o "pega". Nas horas de folga, eles perambulam livremente pelos terrenos e edifícios da Cidade. Particularmente no que diz respeito à creche, o ambiente é desolador. Num reduzido espaço, não muito mais pois que se trata num primeiro andar, com amplas janelas para o ar livre, não notamos mais falta de brinquedos. As crianças dormem-se tolhendo umas as outras e fazendo grande algazarra. Em sua grande maioria estão famintas e cheias de... famintas. Sim, estão famintas. Comunicam a ser mendigas. Frutas, a simples laranja ou a rudimentar banana, o doce,

Continua na pág. 34

À esquerda: MARIA FUJONA — Muitas vezes seu bugio de Oramam e agora diz: — "Deus me livre. Não sou mais. Tive cansada de apanhar da polícia"... Mas fugiu novamente. À direita — NA SAPATARIA, os menores mendigos aprendem um ofício e recebem alguns níqueis.

LEMBRANÇA DE COELHO NETTO

Por **HERMAN LIMA**

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

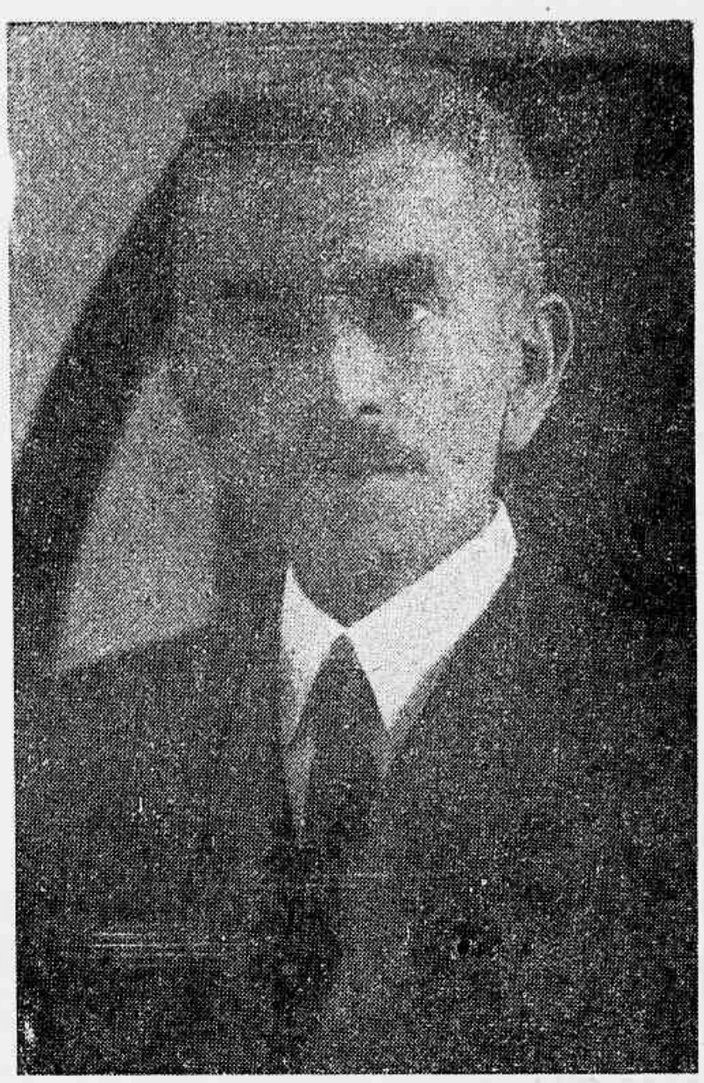
Coelho Netto, em sua biblioteca, em um dos seus últimos retratos.

GUARDO de meu primeiro encontro com Coelho Netto uma lembrança tão viva que um quarto de século não a conseguiu sequer amortecer. Outro tanto que viva, creio mesmo que facilmente poderei tornar sempre presente, quando queira, aquela noite do Teatro Guarani, da Bahia, quando o ouvi, numa admirável oração de louvor à terra e à raça brasileira. O romancista de "Miragem" (tão injustamente esquecido pelos de hoje, que seu nome, deliberadamente, chegou a ser excluído do número da "Revista do Brasil" dedicado ao romance, brasileiro), achava-se na Bahia, chefiando uma embaixada do Fluminense. Rapazinho ainda, mal chegado do Ceará, terra pobre de oradores, tive dessa noite uma impressão de deslumbramento que me facilitou reproduzir depois, no silêncio da minha "república" da rua do Desterro, até quase madrugada, muita vez palavra por palavra, a oração de Coelho Neto, como ainda agora a releio, dum velho recorte amarelado d'"O Imparcial", onde a publiquei no dia seguinte.

Coelho Netto começara evocando a tradição oratória da Bahia primeiro "êsse monstro demosténico, meio português, meio brasileiro, mais brasileiro, pode-se dizer, pois foi na Bahia que se elevou primeiro a sua voz, êsse padre, êsse jesuita, que pronunciou, pronunciou não — proclamou a oração mais alta da língua, Antonio Vieira". Depois o cantor das "Vozes da África" e do "Laço de fita", lírico e épico por igual, em igual esplendor. "Depois, houve um silêncio. A natureza, para conceber as grandezas, precisa de repouso. Fez-se um hiato. Por fim, Êle surgiu. Criança, nos bancos escolares, era um espanto. Nem parecia um homem, era um monstro, reproduzindo essas figuras antigas de Atlantes, suspendendo nos ombros o pêso de um mundo. Todo êle parece que fora feito sòmente para carregar a cabeça. Quasi igual a Deus, se Deus lhe perguntasse o que viera fazer ao mundo, responderia — Pensar! E, para que êle sòzinho não enchesse o mundo, fê-lo Deus pequenino, como o menor dos homens. O cérebro de Ruy, no entanto, só poderia ser comparado com o mundo, dividido em dois hemisférios: num, enchendo-o de todo, o Direito, no outro, a Justiça!" (Estas hipérboles de Coelho Netto arrancavam rugidos da assistência). Então o orador lembrava esta passagem narrada por um classico: certo viajante cansado, penetrou num velho templo em ruinas, onde não havia mais sequer um traço de divindade e adormeceu confiado. Mas, súbito, acordou em sobressalto: de todos os cantos surdiam grifos, fantasmas, vultos de assombro, saltitando, cambalhotando, apontando-o, vozes estranhas sussurravam de todos os cantos e todos clamavam contra o intruso. — como a êle parecia estarem a espreitá-lo todos os deuses da palavra que encheram o templo, a Bahia, espreitando-o rebelados, contra a invasão do bárbaro.

Dito isso, Coelho Netto passou a evocar sua primeira visita à Bahia, em 1899, quando se tratava das festas comemorativas do quarto centenário do descobrimento do Brasil e lhe ofereceram oportunidade de visitar a Vila de Santa Cruz, terra brasileira onde primeiro pisaram os portugueses. Agarrado o tempo todo da viagem à carta de Pero Vaz de Caminha, por um feliz ensejo o navio que o levava aportara no mesmo dia 3 de maio à baía de Porto Seguro, podendo êle assim avistar na madrugada mesma da Descoberta a meia laranja do Monte Pascoal. Na última noite não dormira. Fazia um luar maravilhoso. Mas, à prata da lua cheia sucedera o ouro da madrugada. Era ela, sim, a manhã do Descobrimento, quando do mar alto se avistara, na bruma da distância, a terra desconhecida. E êle quase gritava, como o gageiro de 1500: Terra! Bandos de aves voavam pelo céu calmo. E êle perguntava assombrado quem era que resava na altura pelas contas verdes de um rosário de esmeraldas vivas, que figurava um bando de periquitos. Depois foi uma rosa de sangue que desabrochou no céu, e era um bando de jandaias. Depois foi uma cruz branca de jaspe, que ascendeu tão branca e alta como a cruz de Constantino, e era uma garça... Foi em Santa Cruz, onde a expedição demorou vários dias que teve Coelho Neto a visão que era o tema da sua palestra, a chegada das caravelas, a primeira missa, o abandono dos dois degredados na pátria nova, o encontro de Afonso Ribeiro com uma índia brasileira.

A índia leva o proscrito, águas do rio acima, para além das cachoeiras que era preciso vencer levando a piroga pela margem. Tudo era assombro para o forasteiro: um tronco enorme que descia sôbre as águas e de súbito encurvava o dorso de serpente; um pequeno elefante de tromba decepada que nadava calmamente e fugia à vista da canôa; os pelotões de emas galopando pelos gerais baianos; um lago de neve que subia de golpe, e era uma nuvem de garças, e a tudo a índia sorria, senhora da terra virgem. Por fim, chegaram ao seio do sertão, à serra dos Aimorés. Então, abandonando a piroga, a índia levou o moço branco ao cimo da montanha. E, na manhã que nascia, mostrou-lhe a terra desconhecida. Um mar de leite parecia estender-se em baixo. O sol rompia, e logo aquela brancura que lembrava a terra de Canaã do livro de Moisés, se elevou e a floresta que Deus cobrira com o manto da bruma, para dormir, apareceu aos olhos do marujo.



Coelho Netto está sendo injustamente esquecido. Seu nome não figurou sequer na relação dos autores citados no número da "Revista do Brasil" sôbre o romance brasileiro.

Lembro ainda o alvoroço do nosso grupo de estudantes pela sensual evocação: a revelação amorosa da Eva brasileira, a linguagem do amor que fazia os dois estranhos se entenderem, o côro nupcial da terra americana: "então fez-se a floresta mais clara, o sol dourou a terra tôda, retorceram-se as raízes das velhas arvóres, as cachoeiras enovelaram com fôrça maior as suas águas, os passaros romperam em chilros, trilos, trinidos, trinados, chilreios e chalros, porque não era só o consórcio de dois corpos que se celebrava ali, era a união da raça do oriente com a raça do ocidente, para a formação da raça do Brasil, que o orador assinalava nos jovens atletas dos estadios brasileiros alí presentes.

A publicação dessa minha reportagem valeu-me receber no dia seguinte, das mãos do chofer agaloado do Palácio do Govêrno, onde Coelho Netto estava hospedado, um livro autografado pelo escritor, acompanhado destas linhas no seu manuscrito de miniaturista: "Se as palavras voam não se perdem no esquecimento quando encontram uma rêde como a atenção generosa com que o meu amigo prendeu as que pronunciei no Guarani. Tenho-as agora comigo e o que a minha memória me recusava, deu-me a sua bondade, podendo eu agora, com facilidade, reconstituir a palestra durante a qual tive a ventura de sentir de perto a Alma da Bahia".

Trago para aqui estas palavras e fico vendo de novo, como ha vinte e cinco anos, no pequeno palco de teatrinho baiano, aquêle homenzinho moreno, de cabelos hispidos e ar lijeiramente felino, quasi sem gestos, a voz de harmoniosa e quente inflexão, plasmando no silêncio da sala um suntuoso mural de intensa beleza literária, donde saltavam, na pureza do verbo encantatório, corpos nús de ritmos virginais, bichos estranhos e ambiguos, como ainda mal saídos do cáos, a infusa e confusa palpitação duma nova Gnese.

Coelho Netto, orador de praça pública. Sua palavra era sempre empolgante e improvizava com muito brilho e fluência

NOTÍCIAS DA PARAÍBA

[illegible]

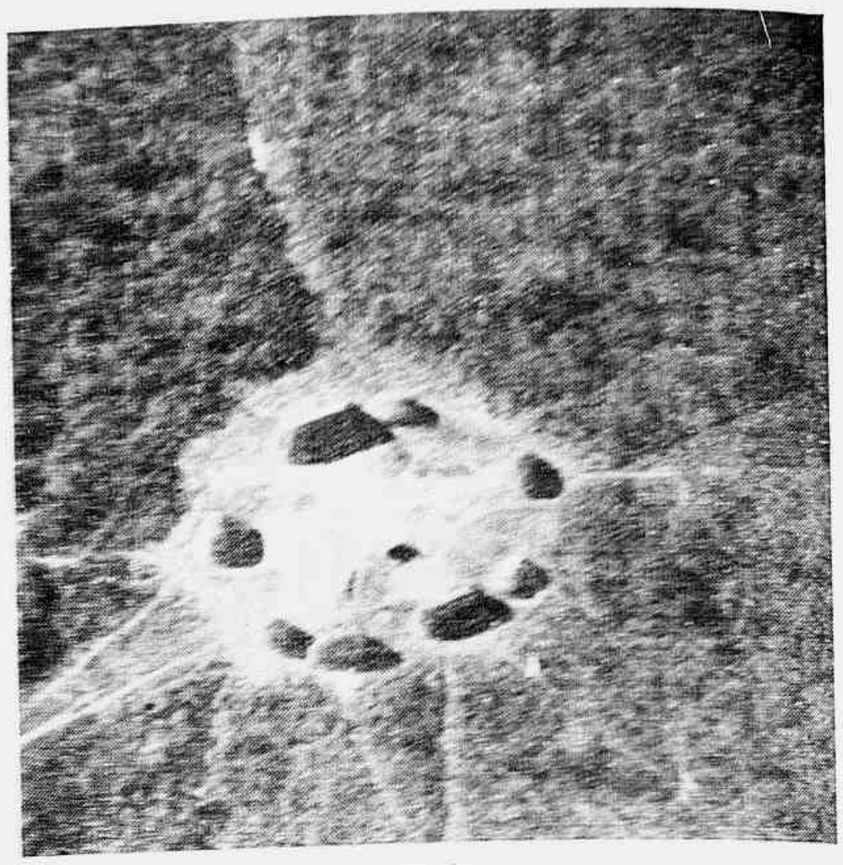
EM CIMA: Dulcina felicitando Yara Cortez e Beyla Genauer, vencedoras do concurso d'"A Noite" e intérpretes principais de "Hipocampo". Em baixo: uma cena da peça de estréia da "Barraca da Comédia", vendo-se Yara Cortez entre Odilon Azevedo e Manuel Pera.

SANGUE NOVO NO TEATRO BRASILEIRO

EM "HIPOCAMPO", QUE INAUGUROU A "BARRACA DA COMÉDIA", ESTREIARAM DUAS NOVAS E INTERESSANTES ATRIZES: YARA CORTEZ E BEYLA GENAUER

O teatro brasileiro está atravessando um período magnífico, de renovação de valores, recebendo poderoso influxo de sangue novo que tem contribuido para dar-lhe maior vitalidade. Agora mesmo acabam de estrear, profissionalmente, duas novas e interessantes atrizes, — Yara Cortez e Beyla Genauer, premiadas, respectivamente, em primeiro e segundo lugar no concurso de novas atrizes lançado pelos nossos colegas de "A Noite", com uma repercussão verdadeiramente notável, pois logrou reunir nada menos de sessenta candidatas, das quais pelo menos vinte dotadas de predicados expressivos para o palco. As duas novas atrizes estrearam em "Hipocampo", deliciosa comédia italiana, de Sergio Pugliese, traduzida por R. Magalhães Junior e Ruggero Jacobbi, especialmente para a estréia da "Barraca da Comédia". Essa iniciativa de Odilon Azevedo, destinada a preencher as segundas-feiras do Regina com espetáculos leves, divertidos e agradáveis, que serão repetidos também às quartas-feiras em vesperais, foi recebida com os maiores aplausos pela crítica e pelo nosso meio artístico, tendo sido alvo de calorosa mensagem de congratulações do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Todos os críticos tiveram expressões de louvor para com as duas estreantes, que desempenharam com verdadeiro brilho os seus papéis, cooperando, assim, com Odilon Azevedo, Manuel Pera, Dinorah Marzulo, Maria Isabel e Ninon de Oliveira para o êxito do espetáculo. Mário Nunes, no "Jornal do Brasil"; Baldomero Carqueja, no "Jornal do Comércio"; José Lyra, no "Diário Carioca"; Raul Lima, no "Diário de Notícias"; Aldo Calvet, na "Folha Carioca", além de vários outros críticos, realçaram a elegância, o encanto e o talento artístico de Yara Cortez, bem como os predicados e a graça juvenil de Beyla Genauer. Dulcina Morais, a intérprete de "Chuva", e que foi um dos julgadores do concurso de "A Noite", felicitou Yara Cortez e Beyla Genauer pelo êxito da estréia de ambas. Tanto Yara Cortez como Beyla Genauer farão, decerto, uma bela carreira artística e, presentemente, além de participar da representação de "Hipocampo", estão ensaiando "Mulheres", a comédia sem homens, de Clare Boothe, traduzida pela brilhante escritora Lúcia Benedetti. Ao mesmo tempo que documentamos em nossas páginas o êxito do lançamento da "Barraca da Comédia" com "Hipocampo", felicitamos as novas atrizes pelo seu triunfo e nos congratulamos com o teatro nacional pela excelência dos novos elementos que nele acabam de se integrar.

EM CIMA: Beyla Genauer e Odilon Azevedo, em uma cena de "Hipocampo", a deliciosa comédia de Sérgio Pugliese; em baixo: duas cenas da mesma peça (na primeira, aparecem Dinorah Marzulo, Beyla Genauer, Maria Isabel e Manuel Pera e, na segunda, aparecem Manuel Pera e Dinorah Marzulo).



NA ROTA RIO-MANAUS

DURANTE [illegible] Almirante Tamandaré, ministro da Aeronáutica, [illegible] de [illegible] do Brasil, [illegible] de haver [illegible] de Paula [illegible] em homenagem ao prefeito de Petrópolis. [illegible] nas mãos dos [illegible] Almirante [illegible] do porto de Belém [illegible] Belém [illegible] Almirante [illegible] Belém [illegible] Almirante Tamandaré [illegible] Brasil. Bem [illegible] um dos [illegible] principais [illegible] Almirante Tamandaré [illegible] por [illegible] e um de [illegible] que [illegible] Tabatinga [illegible] Bragança e Cuiaba. [illegible] Departamento de Aeronáutica [illegible] do porto de Belém [illegible] Em sinal de protesto [illegible] "Tamandaré" [illegible] de [illegible] Almirante Tamandaré [illegible] Trimpovel [illegible] e mais uma [illegible] Com as [illegible] entre os [illegible] de posse dos [illegible]

O NOTURNO DE CHOPIN

Conto de **TOMAZ TAVARES** ★ Ilustração de **F. PEREIRA**

POR mais absurdo que isso me pareça, o certo é que desde aquêle dia comecei a ter ciúme de minha mulher. Foi num domingo de março. Fazia calor. Eu e ela estávamos sentados na sala de jantar. Conceição tinha vindo da cozinha, onde avisara à criada que pusesse a ceia, e sentara-se a um vão da janela, a fazer croché; eu, que começara a ler um capítulo de "Braz Cubas", de Machado, largara o livro sôbre a mesa, enfadado; e começara a escrever.

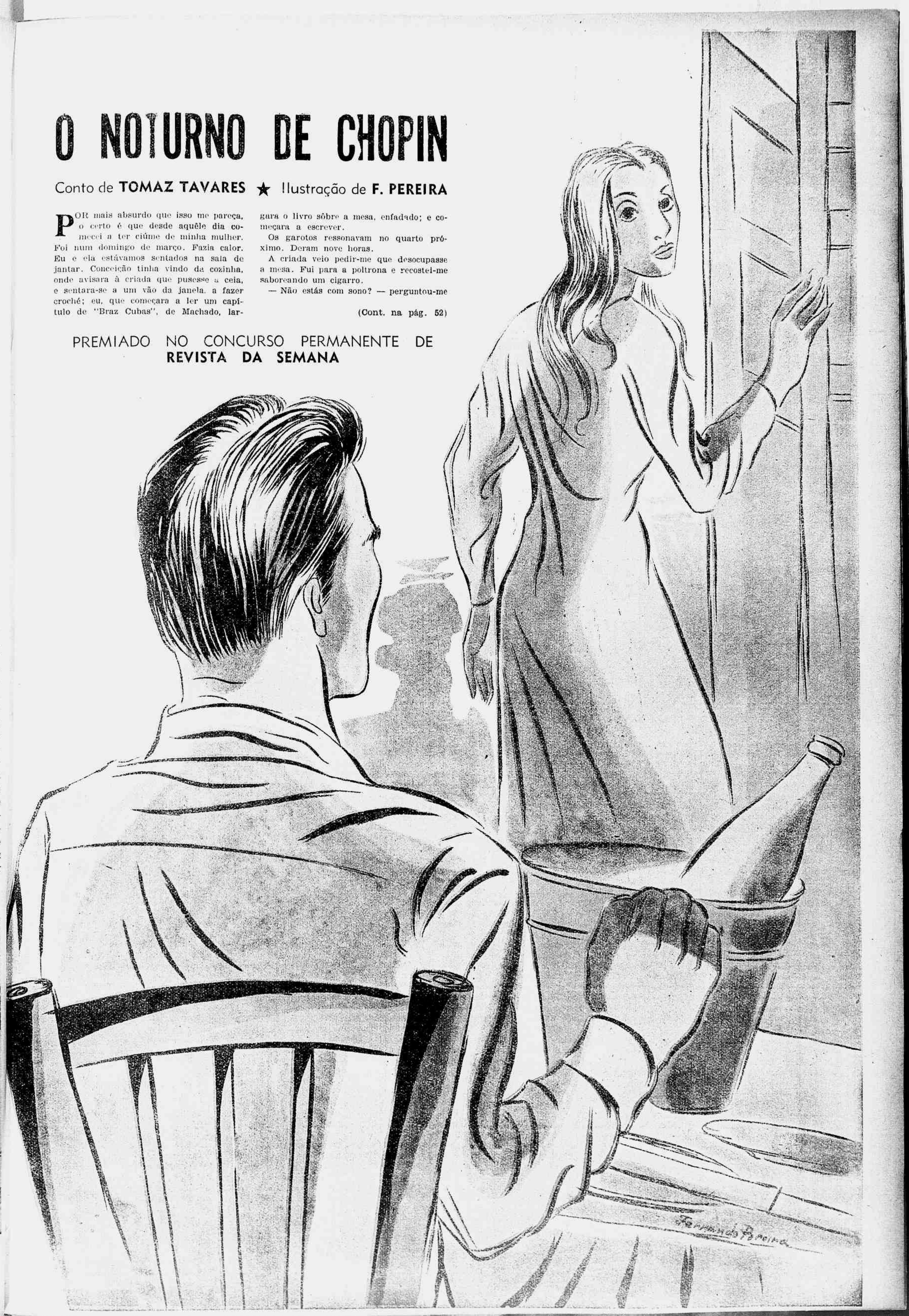
Os garotos ressonavam no quarto próximo. Deram nove horas.

A criada veio pedir-me que desocupasse a mesa. Fui para a poltrona e recostei-me saboreando um cigarro.

— Não estás com sono? — perguntou-me

(Cont. na pág. 52)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE **REVISTA DA SEMANA**



QUEM o olha de frente acha-o muito magro, mas vendo-o de perfil já não parece tão magro. Talvez isto seja por causa do nariz muito fino e comprido, bem como todo o rosto. As orelhas são redondas e com traços bem definidos. Ombros curvos, mãos ossudas, com as juntas grossas. Chama-se Avelino. E para muitos é o Avelino dos cabelos vermelhos.

Avelino nasceu sem cabelos. Era um bebê rosado com lindos olhos azuis que em pouco se tornaram castanhos. Andava de colo em colo. Era a sensação da família. E — coitadinho! — não tinha um fio de cabelo. Afinal, os meses trouxeram uma tênue penugem loura. Foi um alívio. E Avelino foi crescendo, foi crescendo com os cabelos louros; mas aos poucos os cabelos foram tomando uma coloração mais escura.

— Continuará louro — garantia a mãe.

— Qual! Acabará de cabelos castanhos — vaticinava o tio Alexandre.

— Talvez os cabelos fiquem pretos — arriscava a prima Ernestina.

Nunca Avelino se preocupou com os seus cabelos. Na rua olhavam muito para êle e, em pequeno, ninguém resistia passar a mão por sua cabeça. Na escola admiravam-se do tom e o olhavam como se examina a plumagem exótica de um pássaro engaiolado. Afinal, aos poucos se acostumaram com êle.

— Entregue isto ao Avelino.

— Avelino? Que Avelino?

— O dos cabelos vermelhos.

— Ah...

Todos sabiam logo quem era.

Depois, saiu da escola e foi fazer os preparatórios. A mesma coisa: Avelino, o dos cabelos vermelhos — era como o chamavam.

Tornou-se homem, porém o corpo era mais de menino que mesmo de homem. Magro e pequeno. Os olhos oblíquos. As faces encovadas. A bôca pequena, sem lábios. As olheiras violáceas davam-lhe a aparência de menino sofredor.

Um dia, d. Ofélia chamou-o às falas:

— Meu filho, passaste dos trinta. Precisas te casar.

— Vou ver.

D. Ofélia pôs a trabalhar os seus próprios dedos, ajeitando as quatro pontas do lenço no bolsinho do filho. Queria que todas as pontas aparecessem e que ficassem do mesmo tamanho. Avelino continuava olhando para a frente. Êle reconhecia esta atitude de sua mãe; quando êle ia à escola, d. Ofélia ia ver como estava o seu pequeno. Alisava a gola da camisa, acertava o penteado, examinava a higiene de suas unhas e de suas orelhas. Com os joelhos sujos não podia ir à escola, nem com as mãos meladas da sobremesa.

Na escola, a professora, d. Erondina, tomava-o como padrão:

— Eu queria que todos vocês viessem como vem o Avelino.

A camisa sempre limpa e sem ruga, as meias esticadas nas pernas, os sapatos brilhando.

Os meninos e as meninas olhavam para Avelino, mas o pequeno ficava imutável, como se tudo aquilo não fosse com êle.

D. Ofélia se dá por satisfeita com a arrumação do lenço do filho e continua:

— Por enquanto és jovem, não sentes falta de espôsa. Tens a casa de teus pais que te adoram. Mas depois, bem sabes, filho, um dia... um dia verás que morremos e então...

Avelino sentou-se e recostou a cabeça no espaldar da cadeira. D. Ofélia sentou-se em frente a êle. Faz uns dois meses vinha procurando um jeito para dizer isso ao filho — e não encontrava palavras próprias. Mas agora ela se decidira e tinha de falar.

O rapaz olhava sua mãe. Era alta, muito alta, mais alta que êle, que o pai. Clara, de cabelos castanhos e crespos unidos na nuca. O nariz era longo e fino como o dele. Trazia um vestido esverdeado, entre verde e creme; e rente ao pescoço vinha como enfeite uma gola de renda de seda, franzida, arrematada na frente por um broche de pequeninos rubis, um seguido ao outro, desenhando o nome Ofélia.

Era no verão e ainda estava claro, embora passasse das seis. Numa janela em frente, uma senhora sacudiu uma toalha.

— Avelino, quero que te cases. Olha o exemplo de teu primo. Bem sabes que o Olavo é mais novo que tu e já se casou e é muito feliz. Por que não fazes o mesmo? Não será difícil encontrares uma espôsa. Basta que seja uma boa moça e que não seja feia — pois não quero que tenhas filhos feios. E então, Avelino? Que me dizes?

D. Ofélia tinha a certeza de que de nada valera toda aquela conversa que lhe era tão difícil.

— Fala-me a verdade, meu filho. Não pretendes te casar? Nunca, nunca?...

— Não sei. Nunca pensei nisso.

— Mas precisas pensar! — e a sua voz era explosiva.

Ambos baixaram os olhos.

D. Ofélia estava inconsolável por não saber dizer o que desejava. Achava que não conseguiria o seu intento, mas precisava insistir. Por isso ela perguntou tentando achar a causa:

— Será que gostas de alguém?... ou será que gostaste de alguém... e por isso guardas um sentimento...

Avelino respondeu com voz clara, prontamente:

— Não, mamãe. Não gosto de ninguém. Nunca pessoa nenhuma me preocupou. Talvez um dia...

Estas últimas palavras do rapaz plantaram uma esperança no coração de d. Ofélia. Na verdade, ela já estava quase tranquilizada. Suspirou fundo e disse com voz compassada:

— E nesse dia eu serei muito feliz, porque sei que escolherás a moça que te convém para espôsa.

★

E, naquela mesma noite...

Avelino cruzou o quarto e foi sentar-se no canapé. Baixou a cabeça e ficou olhando os desenhos do tapete.

— Que tem você, querido?

— O que tenho?

Êle segurou as mãos da moça que o olhava com enternecimento. E perguntou:

— Você me ama, Isabel? Quero que me diga de coração.

— Amo, sim. Você bem sabe.

Os dois uniram os rostos e ficaram assim algum tempo sem dizer nada. Depois de um pouco êle principiou:

— Hoje mamãe me falou coisas...

Isabel afastou-se de Avelino e olhando-o nos olhos perguntou com vivacidade:

— Ela sabe? Ela sabe de nós?

— Não — fez êle meneando a cabeça. — E prosseguiu:

— Ela quer que eu me case.

Novamente Isabel afastou-se de Avelino; desta vez mostrou-se irritada:

— Que se case? Ora essa! Que se case!

O rapaz passou os dedos pelos cabelos vermelhos e foi dizendo:

— Mamãe está preocupada comigo. Quer saber por que ainda não me casei... Quis saber se eu já gostei de alguém...

Isabel segurou os ombros do rapaz e fê-lo voltar-se a ela:

Conto de **MOYSÉS DUEK** (Especial para **REVISTA DA SEMANA**) Ilustração de **ABELARDO ZALUAR**

— E que lhe disse?

— Menti. Disse que nunca amei ninguém... Que ninguém me preocupa...

A moça franziu a testa; examinou-o e quis saber:

— Você custou a mentir? ou foi fácil?

— Acho que mamãe me acreditou... Mas, Isabel, todo o tempo eu pensava em você. Só em você. Em minha doce Isabel!

Num gesto rápido Avelino segurou as mãos de Isabel e, levando-as aos lábios, beijou-as com ardor.

— Eu pensava na Isabel loura e linda, na minha deusa! Nesses olhos que me matam...

E Avelino franze o nariz fazendo-lhe uma careta amorosa. Devagarinho, aproxima seu rosto do de Isabel e beija-lhe bem na bôca.

Isabel começa a retirar os grampos, deixando os cabelos caírem pelas costas e sôbre os ombros cheios, arredondados. Isabel traz um roupão de veludo de sêda azul que deixa a descoberto grande parte de seu colo muito alvo. Os olhos de adorador de Avelino não abandonam a figura amada. Segura carinhosamente as pontas do luzidio cabelo e diz:

— Ouro sôbre azul.

Ela sorri satisfeita. E levanta-se. Vai até o toucador e começa a escovar os cabelos.

— Por que você não disse à sua mãe que nos amamos?

Oh, não! Por Deus! Avelino não poderia dizer isso a d. Ofélia. Isabel era uma atriz. Nem mais nem menos: uma atriz.

— Por que você não disse? O amor, afinal de contas, é uma coisa que acontece. Se sua mãe é uma mulher com um coração que algum dia vibrou, ela poderá compreender.

Avelino sentiu-se humilhado. Ao menos êle deveria ter dito à sua mãe: "Amo alguém. Talvez um dia isto passe. Mas enquanto perdurar, não me casarei com ninguém".

— Você já não é um menino. Poderia dizer isto à sua mãe.

Avelino continuava encolhido num canto do canapê, humilde, olhando o tapete com tanta atenção como se tivesse, depois, de reproduzir o desenho de cor.

— Você não me responde, Avelino?

— Por que eu iria dizer isso? Que adiantaria?

Isabel atirou a escôva sôbre os objetos da penteadeira e êle ouviu a música de um frasco de cristal para perfumes.

— Você pensa que não sei? Você tem é vergonha de mim. Ao meu lado você se contorce de paixão. Mas fora destas quatro paredes não me menciona.

Andou uns passos. Foi até uma mesinha onde repousa um masso de papéis. Era o seu novo papel numa tragédia em que morreria na última cena. Segurou as folhas e pôs-se a enrolá-las, formando um canudo.

— Pois, sr. Avelino, não precisa se envergonhar de mim. Pode sair e não voltar nunca mais. E, tranquilize-se, em meu diário não constam nomes.

O rapaz tinha as faces tão vermelhas quanto os seus cabelos. Apertava as mãos, sucumbido. Ainda se não a amasse... E foi o que disse como que pensando alto:

— Ainda se eu não lhe amasse...

Mas Isabel amava-o também. Por isso foi até êle. Ajoelhou-se no canapê e abraçou-o. Deitou a cabeça de Avelino em seu colo e ambos ficaram quietos, assim, por muito tempo.

Depois ela perguntou, aflita:

— Que horas são?

O rapaz tirou o relógio da algibeira e disse:

— Dez para as oito.

Isabel pulou do canapê. Despiu o penteador de veludo azul e disse aflita:

— Estou atrasada para o teatro!

Foi ao guarda-vestidos e retirou de lá algumas peças de roupa. E pôs-se a se aprontar.

Em poucos segundos Avelino estava esquecido. Ali, num canto, mais parecia um estranho que se imiscuira no quarto, sem ainda ser notado.

Êle via Isabel com mãos peritas apertar os cordões do colete; viu-a, depois, vestir uma longa combinação côr de rosa, cheia de babados e fitas de cetim. Em seguida, Isabel segurou um vestido arroxeado, e com o braço estendido pôs-se a considerá-lo. Repô-lo no guarda-vestidos e preferiu um outro, preto com cabeção formado de papoulas vermelhas. Isabel vestiu-o, apertou as pressões do lado esquerdo e fez-se envolver numa nuvem de perfume que evolou do vaporizador. Retocou o penteado, retirando uns grampos e repondo-os. Repassou pó de arroz no nariz. Fez subir as pontas da renda da combinação acima do decote. Abriu uma caixa de jóias guarnecida de placas de madrepérola e escolheu anéis, um broche de chuveiro e um longo fio de pérolas que enrolou em três voltas em tôrno do pescoço. Perfumou um lenço e procurou umas luvas de renda preta numa gavetinha de um móvel pequeno, de pernas retorcidas.

Avelino saiu do canto e andou com passos vacilantes até o meio do quarto. Pigarreou antes de perguntar:

— Isabel, você não está zangada comigo?

— Não, não, meu bem. Volte amanhã, sim?

Êle beijou-a no rosto e saiu. Nada em Avelino transparecia um amante vitorioso; em verdade, seu aspecto era o de um menino humilhado.

O AVELINO DOS CABELOS VERMELHOS

Um FILHO

ILUSTRAÇÃO DE A. MOURA

DUAS razões havia para que fosse direto para casa — a gravidez da mulher e a necessidade que sentia de ficar a seu lado. Naqueles últimos meses vivia exclusivamente para ela e para aquêle filho que pouco a pouco ia reclamando seu lugar, na proporção que os dias e as semanas se passavam. A mulher o esperava, imensa na sua gravidez, sentada na cadeira de sempre, perto da porta. Nada lhe escapava, nem o brilho diferente de seus olhos, nem a expressão da fisionomia. As dificuldades de vida nada representavam, pouco se demorava a pensar nos momentos difíceis que sobreviriam, com o nascimento do filho. Havia dentro dele, nos seus gestos, na sua maneira de falar, uma alegria crescente e transbordante. Preocupava-se, apenas, com o estado da mulher e lhe perguntava, mal chegava, desembrulhando uma ou outra coisa que comprara para o filho:

— Como se foi hoje?

Encarava-a, bobo diante de seu sorriso, feliz diante dela.

— Buliu tanto hoje que chegou a me magoar. Está impossível.

— Quer sair de qualquer forma — exclamava êle, abraçando-a, desajeitado.

— Olhe, tenha cuidado, Carlos. Basta êle a me machucar.

Encabulado, voltava-se para um lado e desfazia o embrulho que trouxera. Nunca fôra capaz de tanta delicadeza, nunca se imaginara em semelhante papel — e isso o agradava. Desfazia o embrulho, emocionado, por vêzes até com as mãos trêmulas. Tirava uma camisinha branca, um par de sapatos, um capote ou qualquer outra coisa.

— Que foi que você trouxe hoje? — indagava Maria, espiando-o com desconfiança. — Eu não já lhe disse que não compre nada antes de me falar? Deixa ver.

Ficava triste quando a mulher não aprovava as coisas compradas por êle. Estirava a mão e lhe passava o capotinho ou a camisa. Os dois ficavam em silêncio por um instante, êle esperando suas palavras, como se delas lhe dependesse a vida. Maria, sem querer magoá-lo, alegre com a sua alegria, dava a entender que a compra não podia ser melhor. Contudo, não deixava de exclamar, divertida, abrindo as pequenas peças em toda a sua extensão:

— Carlos, êle só vai poder vestir estas roupas quando passar dos seis meses. E' por isso que eu digo que antes de fazer qualquer compra você me fale.

Êle tentava se desculpar, levantando o rosto e olhando para a mulher com muito custo:

— Pois é, mas eu pedi para uma criança recém-nascida.

— Você vai trocar.

— Eu? Oh, não, voltar lá não volto. Com que cara?

— Está bem, mas você...

A cena se repetira muitas e muitas vêzes, Carlos olhando para a mulher, que lhe dizia faltarem apenas sessenta dias, lembrava-se daquelas loucuras miúdas. Nunca se sentira tão bem. Para todo mundo falava sôbre o filho que ainda não nascera, contava seus projetos, ignorando o ridículo da coisa. No trabalho, parava de súbito, fixando o pensamento na criança. Com quem viria a se parecer? Maria queria que o menino tivesse a fisionomia do marido, mas o desejo de Carlos era de que a criança se parecesse com a avó, sua mãe. E que tivesse também, o mesmo gênio e a mesma bondade. Preferia uma menina — se viesse menino o seu amor pelo filho não seria menor. Escolhera, caso fosse menina, o nome de Isa, mas se nascesse homem, a espôsa já havia pedido que se chamasse Roberto. O médico desconfiava de um menino. De noite, após a visita médica, êle disse para Maria, meio curvado sôbre ela, na semi-claridade do quarto:

— E se fossem dois?

— Gêmeos? Você está louco? Deus me livre, Carlos! Eu não poderia.

— Apenas pensei. Também eu não queria, não

Falavam mais sôbre a criança quando estavam deitados. Êle pousava, de leve, a mão sôbre a barriga de Maria e ficava esperando que o filho começasse a bulir. O menino parecia mover as mãozinhas, agitar os pés. "Sentiu?" — perguntava a mulher. "Sim" — respondia êle, sem sono, chegando-se mais para o seu lado. "O que é que êle vai ser?" — indagava ela, sorrindo, voltada para o marido. Carlos ficava a pensar, saltando de um ofício para outro, sem se decidir para nenhum deles. Achava tão difícil escolher um ofício para o filho — nenhum deles lhe parecia bom. Quem sabe se não poderia formá-lo? "Queria que êle fosse músico" — exclamava a mulher, num tom vago. "Músico?" — repetiu êle, como se tivesse escutado mal. "Músico, nada, senhora. Êle poderia ser um advogado, um médico, um engenheiro". Mas onde encontrar dinheiro para o filho estudar? O que ganhava mal dava para as despesas diárias. O emprêgo não era seguro, a todo momento estava ameaçado de perdê-lo. Perdendo-o, não saberia o que fazer, ficaria como muitos, desempregado, passando maiores necessidades por muito tempo. Seria difícil arranjar um outro emprêgo. Na cidade grande parecia que todos os empregos estavam tomados e, ainda por cima, os filhos herdavam as colocações dos pais. Tinha medo. Medo, medo, medo. Sabia, contudo, que era preciso vencer o medo, como também não se preocupar com o futuro do filho. Necessário ter fé, continuar alegre, não se infelicitar. Num momento pensava em tudo — e felizmente a crise era passageira. A mulher, ao lado, diante de seu silêncio estirava a mão e alisava-lhe os cabelos, como se adivinhasse. Carlos sofria, mas aquêles momentos eram raros, raríssimos. Poderia ficar doente, morrer, deixar Maria desamparada, o futuro do menino ir por água abaixo. Fugia daqueles pensamentos, êles o angustiavam. Quando escapava dos mesmos, era outro. A mulher, vendo-o silencioso e de testa franzida, adivinhava o que se passava em seu íntimo e perguntava:

— Em que é que você está pensando?

— Ora, em nada.

E depois:

— Em que poderia eu pensar, fora de nosso filhinho?

— É, mas êste moleque não tem pena de mim. Bole que nem carrapeta.

Enquanto isso o tempo passava, aproximando-se o dia do nascimento de Roberto. Carlos parecia zonzo, não sabia como agir, nem que cuidados tomar. Maria sorria do

(Cont. na pág. 56)

A VIDA DE CÉZANNE

(PAUL CÉZANNE — 1839-1906)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

UM jovem casal passeava pela Rue Lafitte, em dezembro de 1895. Discutiam acaloradamente ao passar pela vitrina de uma loja, onde um grupo de pintores impressionistas fazia uma exposição, o homem agarrou o braço da moça. Esta lutou por um momento, e gritou:

— Como ousa me empurrar assim?

O homem forçou-a a olhar para o quadro da vitrina durante alguns segundos, e depois soltou a prêsa.

— Isso te ensinará a me respeitar, de agora em diante.

A fim de castigá-la pela briga, o marido forçou a mulher a olhar um quadro de Paul Cézanne, *Banhistas*.

Cézanne era apenas um de uma escola de artistas que aparecera últimamente na França, para atormentar os amantes da arte. Essa escola de Impressionistas causou muito má impressão. "O público ainda não compra os Impressionistas", observou um velho colecionador, em 1895, "porque os acha feios. Mas verá que passará a comprá-los, embora os ache feios. Talvez mesmo comece a procurá-los exatamente porque são feios, partindo da teoria de que êsse próprio atributo garantirá altos preços para o futuro".

Só depois de muito tempo, entretanto, o público procurou os trabalhos de Cézanne. Aos vinte e sete anos, mandou seu primeiro quadro para o Salão de Paris. Nem sequer recebeu resposta. Escreveu ao júri uma carta cheia de veemência e de cólera. "Contento-me em dizer... que não posso aceitar o insatisfatório julgamento de pessoas a quem eu próprio não designei para me avaliar". "Sugeria que o júri revivesse o antigo costume de expor no Salon des Refusées os quadros que tivessem sido rejeitados pelo salão oficial. Desta maneira o público seria o juiz". Cézanne obteve resposta a esta sugestão. O júri escreveu-lhe que estava abaixo da dignidade da arte o restabelecimento de uma tal instituição.

Teria sido por causa dêsses reveses que Paul Cézanne abandonou o estudo de direito e adotou a carreira de artista, para profundo pesar de seu pai?

Os Cézanne eram sólidos provincianos de Aix-en-Provence. O mais velho dos Cézanne, por meio de sagazes economias e trabalho duro, adquirira uma pequena casa bancária.

Quando Paul era muito jovem, o pai lhe dera uma caixa de tintas, que comprara de um mascate. Mas não tinha a intenção séria de fazer do filho um artista. Foi tudo por brincadeira. Quando Paul começou a pintar sèriamente, e obteve o segundo prêmio na escola, Luis Augusto Cézanne ficou horrorizado.

— Rapaz, rapaz, pensa no futuro! — exclama. — Com gênio morrerás, com dinheiro viverás!

— Mas o seu nome é Paul, não é? — insistia a mãe de Cézanne. Sonhava grandes coisas para o filho. Paul! Veronese e Rubens também se chamavam Paul.

O pai, entretanto, era inflexível. O rapaz tinha de ser advogado ou ao menos um homem de negócios. Matriculou-o na faculdade de direito, mas inutilmente. Paul passava as horas vagas pondo em versos o Código Legal francês. Partilhava seus arroubos poéticos com outro companheiro no ginásio de Paris. "A poesia é uma grande coisa; fora da poesia não há salvação", dizia êste jovem. Seu nome era Émile Zola. O futuro grande romancista e o futuro grande pintor eram amigos íntimos. Juntos discutiam política, literatura e arte — Socialismo, Musset, Hugo, Lamartine, Veronese, Rubens, Greuze. Quando, depois de uma curta separação os dois se encontravam, Zola ficava alucinado de alegria. "Eu vi Paul!" escreveu a um amigo comum. "Eu vi Paul! Podes imaginar toda a melodia que está contida nessas três palavras?"

Mas o pai de Paul não via melodias em amizades ociosas e em sonhos. Chamou-o ao banco de Aix-en-Provence. Paul ficou no balcão e somava cifras. Passava dinheiro e carimbava cheques. Uma vida séria! O pai, entretanto, sentia-se apreensivo e cheio de dúvidas.

Cézanne, o banqueiro, com mêdo nos olhos,
Vê um futuro pintor de seu balcão surgir.

O "futuro pintor" tinha um temperamento pródigo em excesso para ser advogado ou banqueiro. Amontoar dinheiro não era para êle. Em Paris distribuía suas moedas ao acaso.

— Pardieu! — dissera ao econômico Zola, que o olhava com espanto. — Se eu morrer esta noite, queres que minha família herde o dinheiro?

Cézanne deixou o banco, pôs de lado os livros de leis e reuniu-se a Zola, em Paris.

II

Cézanne foi pródigo em sua arte. Dogmàticamente dividiu tôda a pintura em "vigorosa" e "emasculada". Êle era "vigoroso". Era jovem, descuidado, desenfreado, irascível. Valeu-se do marido de uma mulher que mantinha um restaurante popular. O marido era um guarda noturno, e dormia durante o dia. Cézanne induziu-o a posar na cama para êle, pintou-o nu, e mandou o trabalho para o Salão — com a falta de sucesso já assinalada. Os amigos viram em suas telas nada mais do que um "triste fundo para pintar". Diziam que gostava de derramar baldes de côres sôbre suas telas. E Cézanne concordou cordialmente com êles. O que mais se poderia esperar de um homem famoso por usar uma roupa vermelha e por ter dinheiro suficiente para oferecer bons jantares a seus amigos? Esbanjava dinheiro e côres. Atrevido? Não oferecia interêsse para os críticos de arte, "os professores de artifícios". Um amigo lhe disse:

— Agora que seus quadros foram recusados pelo Salão, o que é que você vai mandar-lhes na próxima vez?

— Um pote de... — respondeu Cézanne.

Não oferecia interêsse para os artistas da moda. Quando foi apresentado a um grupo dêles, no Café Guerbois, disse ao chefe:

— Vocês se enfeitam como uma cambada de advogados. Vocês não valem um tostão!

Mas gostava dos mestres. Visitava o Louvre diàriamente, e copiava-lhes as obras. Respeitava especialmente os venezianos, os grandes venezianos com suas côres prodigiosas. Sem naturalidade? E' claro! Melhores do que a natureza! Lembrava-se de uma conversa que tivera com o pai.

— Meu querido Paul, — dissera-lhe o pai, — que vantagem pode a pintura lhe trazer? Como pode você esperar aperfeiçoar o que a natureza já fêz tão divinamente? Você deve ser muito estúpido, muito estúpido!

Muito estúpido na verdade!

— Se eu fôsse o senhor, — respondeu Paul, — não me importaria com a natureza, assim como a natureza não se incomoda com o seu banco.

Pintar a natureza, superá-la essa era a preocupação de Cézanne. Seus olhos estavam deslumbrados com as côres da carne, em Rubens, e com a escola barroca. Para êle, o mundo que haviam criado parecia o mundo de um sonho gigantesco. E, como logo compreendeu, um sonho além de seu alcance. As grandes visões eram para as pessoas que tinham olhos para ver. Êle, no entanto, não possuía êsses olhos. O senso da realidade, êste seu fatal defeito, feria-o com uma fôrça repentina quando se sentava no Louvre, copiando os quadros épicos de Tintoretto e as pastorais de Rubens. Tinha o sentido da côr, mas faltava-lhe o instinto da forma. Seus olhos eram incapazes de reconhecer um espaço tridimensional. Como se, convidado para um banquete, tôda sua fome dos pródigos pratos expostos fôsse anulada pela sua incapacidade constitucional de sentir-lhes o gôsto. Na escola de arte, seu professor dissera dêle: "Cézanne tem o temperamento exato de um colorista; infelizmente não tem habilidade para a composição". Êle precisaria criar um novo estilo próprio, escrever uma nova linguagem, revirar tôdas as antigas teorias de estética e formular uma arte inteiramente nova sôbre bases inteiramente novas que se adaptassem às idiosincrasias de seu gênio. Ou, então, voltar ao banco e passar sua vida carimbando cheques.

III

A guerra de 1870 entre a França e a Alemanha explodiu como um raio. A França perdeu. Os socialistas provocaram uma revolução, e Émile Zola escreveu: "Cezanné, uma nova Paris, está para nascer. E' a nossa vez, agora!" Cézanne achou que Zola estava excessivamente exaltado. Caçoou do optimismo ingênuo de seu amigo. Entretanto, Émile Zola tinha razão, pelo menos no que se referia a êle próprio. Era a sua vez agora. Iria tornar-se um escritor rico e famoso, idolatrado pelos círculos elegantes de sua "nova Paris". Cézanne, contudo, estava destinado a viver uma vida de isolamento e a aturar muitos anos de injúrias dos críticos justamente dessa mesma Paris. Para um, seria uma nova era de felicidade e esperança. Para outro, a velha era de desespêro. "Quando considero que em minha casa não se alterou uma só polegada, que meu jardim está como sempre foi", escreveu Zola, depois do cêrco de Paris, "posso afinal persuadir-me de que os dois cêrcos foram apenas "histórias de bicho papão". Em sua casa, nem uma só cadeira saíra do lugar, nem uma planta sofrera em seu jardim! Esta era a Paris de Zola, e, astutamente, êle se formou baseado em sua tradição revolucionária. Para Cézanne, no entanto, a França de após guerra foi um pesadelo. Não voltara para o banco de seu pai. Em vez disso, começara a desenvolver um estilo de pintura todo pessoal, construído em tôrno da fôrça e da fraqueza de seu gênio singular. Adotou um credo orgulhoso e independente: "Aqui está meu trabalho. Sei que vocês não o apreciam. Se vierem ao meu atelier para comprá-lo, tanto pior para vocês; o dinheiro não será restituído". Interessou-se pelo trabalho dêsses *enfants terribles*, *Pissarro* e Manet, e pelo Dr. Gachet um excêntrico e velho colecionador de arte, que tivera a audácia de adotá-los. E tornou-se o mais injuriado pintor da época.

Muito poucos homens, na história da arte, alcançaram um descrédito tão notório quanto Paul Cézanne. Sua má fama foi crescendo gradualmente nos anos que se seguiram à guerra franco-prussiana. Paris para êle tornara-se um pesadelo cruel, embora estivesse cheia de aplausos para seu velho amigo Zola. Cézanne sentava-se no café e conversava com as poucas pessoas que o toleravam. A "nova Paris" encontrou nêle um homem de cêrca de trinta e poucos anos, casado, com um filhinho. Não era desconcertante que tivesse gasto três décadas de sua vida não fazendo nada que o tornasse famoso? Um amigo, certa vez, entrando em seu atelier, surprendeu-se tanto com "as enormes telas penduradas por tôda parte, tão espantosamente coloridas", que ficou "petrificado". Na sala, um papagaio gritou: *"Cézanne é um grande pintor! Cézanne é um grande pintor!"* "Meu crítico de arte", disse Cézanne, apontando para o pássaro com um sorriso.

Por fim um conhecido de Cézanne, um homem que declarava admirar as curiosidades artísticas, mal desenhadas, brilhantemente coloridas, da nova arte de Cézanne, comprou uma de suas telas — um estudo de banhistas nuas, no qual todos os princípios e proporções do corpo feminino haviam sido violados. Êste comprador, de nome Choquet, não ousou levar o quadro para casa e entregá-lo à mulher. Finalmente, sugeriu que uma terceira pessoa, um amigo da família, lhe fizesse uma visita com a tela, sob o pretexto de mostrá-la, e que, então "distraídamente", a deixasse com êle. A astúcia deu resultado, e os nus entraram na casa de Choquet para ficar permanentemente.

Cezanne.

Com o tempo, Choquet tornou-se um discípulo genuíno da obra de Cézanne e insistia com todos os seus amigos para que comprassem suas telas. Jamais, entretanto, conseguiu fazer uma única venda. Um dia, é verdade, empurrou um pequeno quadro, como presente, a um de seus conhecidos. Mas prefaciou a oferta com a tímida observação:

— Não estou pedindo que você a leve para casa, naturalmente.

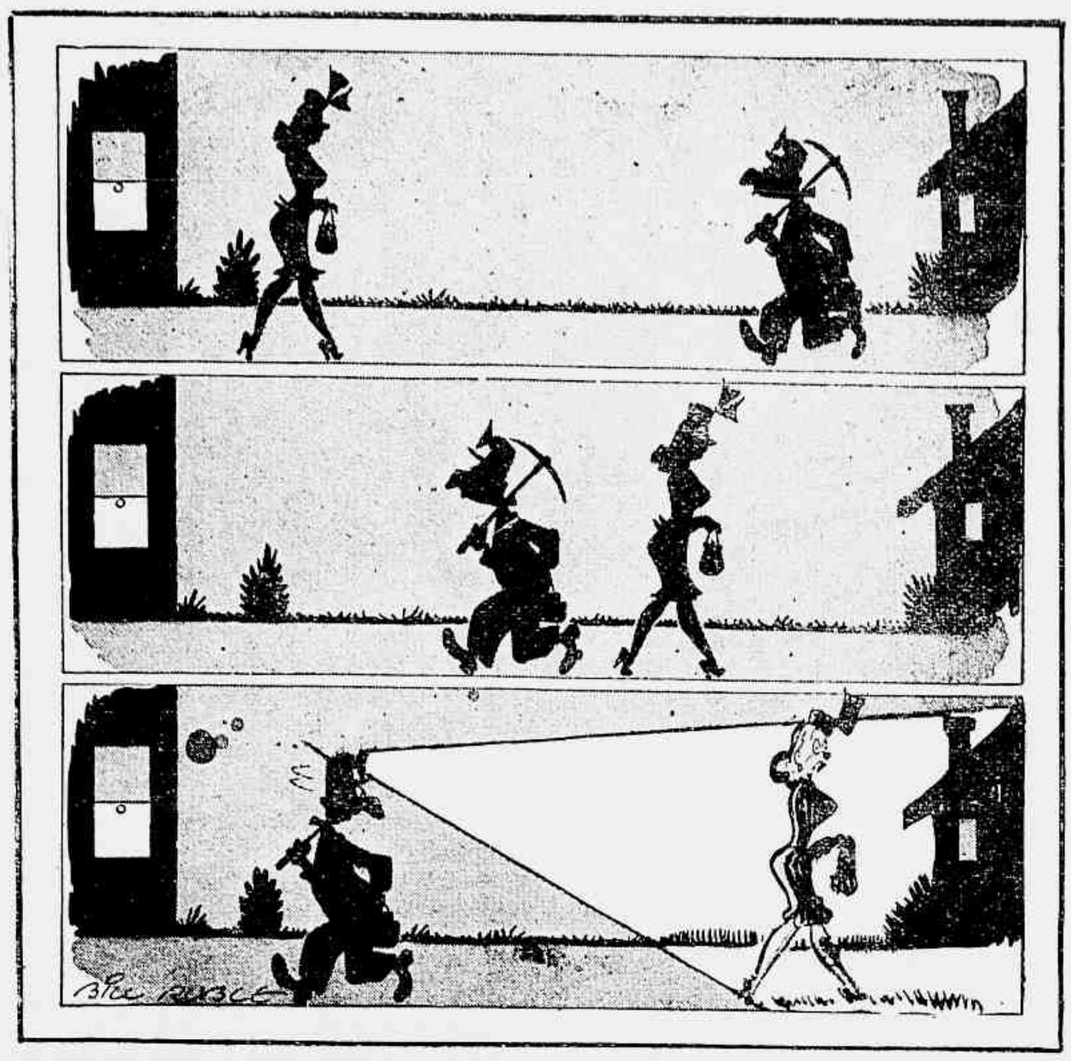
— Espero que não! — replicou o recebedor da desagradável dádiva.

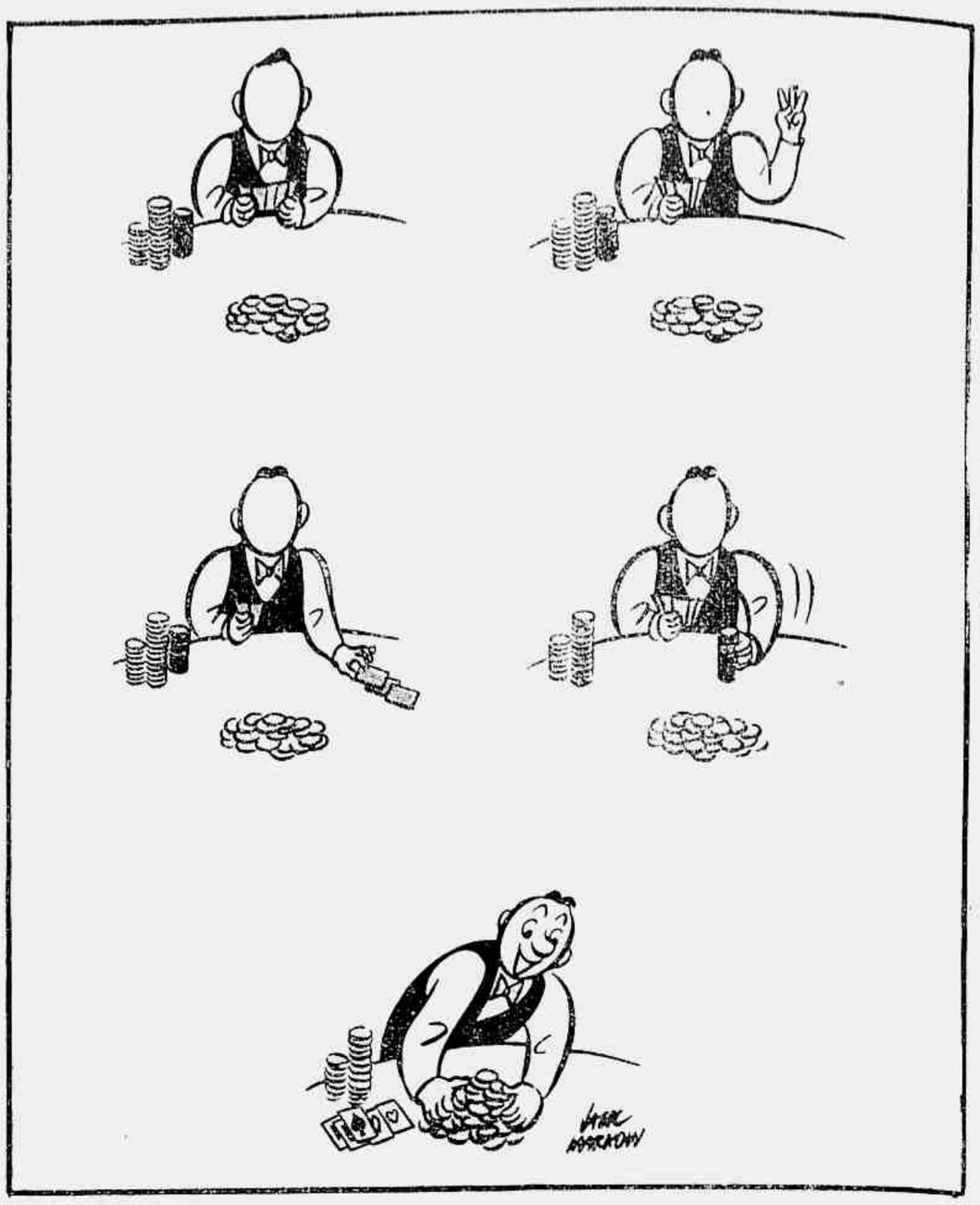
Cezanne era um homem de visão imperfeita. Havia algo que sempre se ocultava atrás das paisagens que tentava pintar — algo que jamais conseguira alcançar. Os novos murmuravam que não possuía sequer os simples poderes de um desenhista comum — e murmuravam alguma coisa parecida com a verdade. Entretanto possuía o fogo imortal que o fazia prosseguir, apesar de sua estranha falta de dons e seus estranhos poderes ocultos. Trabalhava obstinadamente. Certa vez, surpreendeu, por um instante, o vislumbre da Terra Prometida. Seria êle como o grande Chefe dos Hebreus — obrigado pelo Senhor a retirar-se de sua peregrinação, exatamente quando estava prestes a chegar à realização de seu sonho?

IV

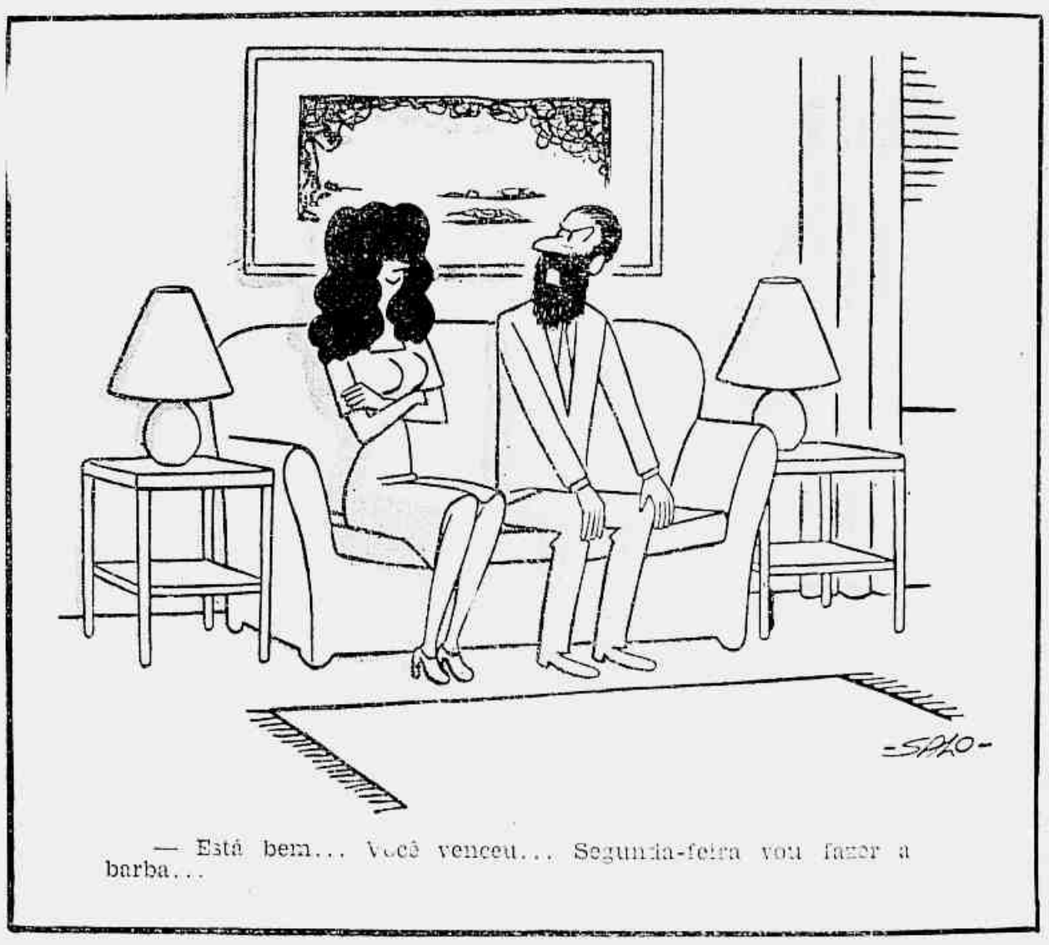
Sua amizade com Zola não correra bem. Zola tornara-se um sucesso literário. Cézanne era um fracasso artístico. Os livros de Zola vendiam-se às centenas de milhares. Cézanne não podia dar saída a seus quadros. Zola sentava-se em salões luxuosos e falava ocasionalmente, com uma tristeza teatral e exagerada, sôbre as camaradagens

(Cont. na pág. 56)

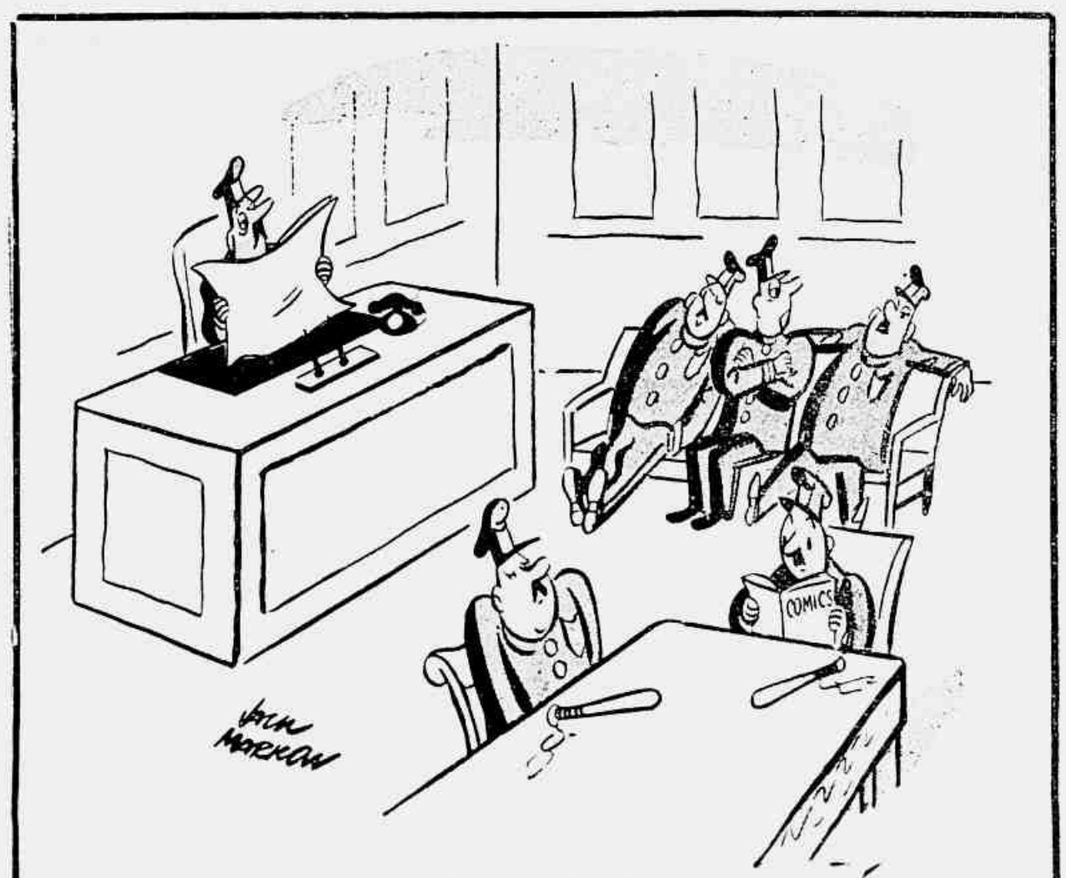




BOM HUMOR



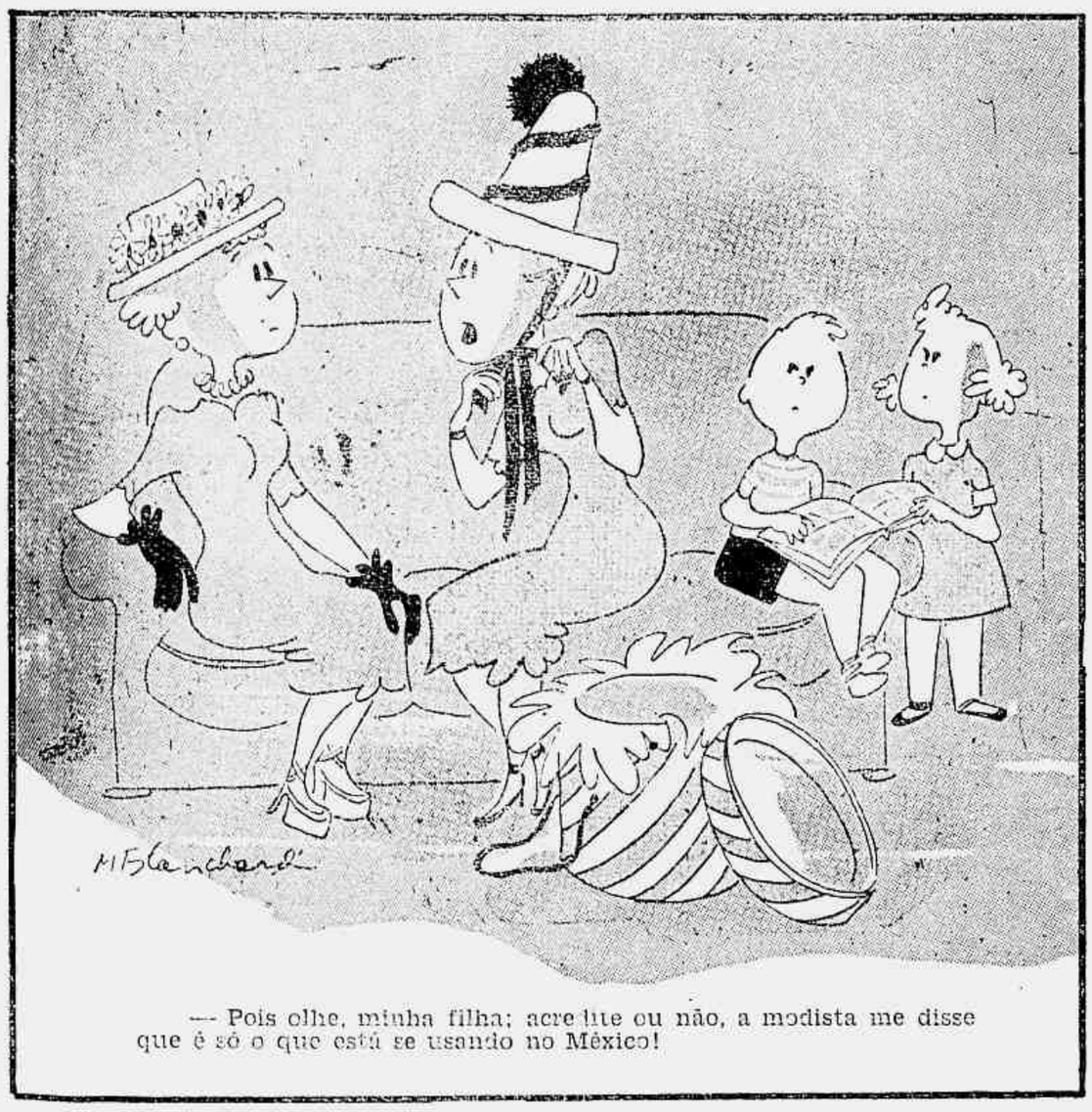
— Está bem... Você venceu... Segunda-feira vou fazer a barba...



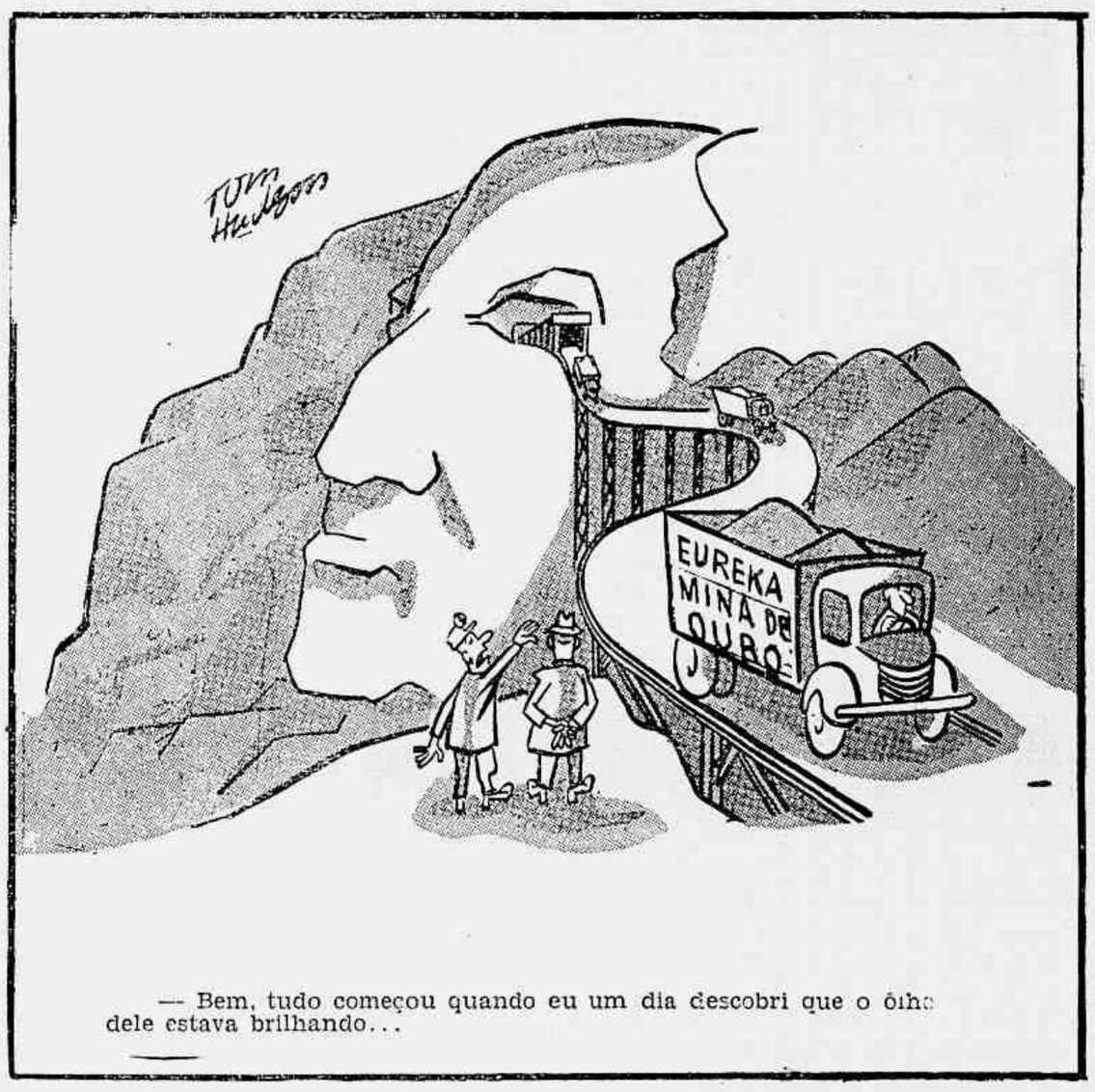
— Isto parece um dêsses dias paulificantes, em que não há crime algum...

— Eu sabia que você ia ficar deslumbrado! E olhe que êste mimo de chapeu só custou três mil cruzeiros...

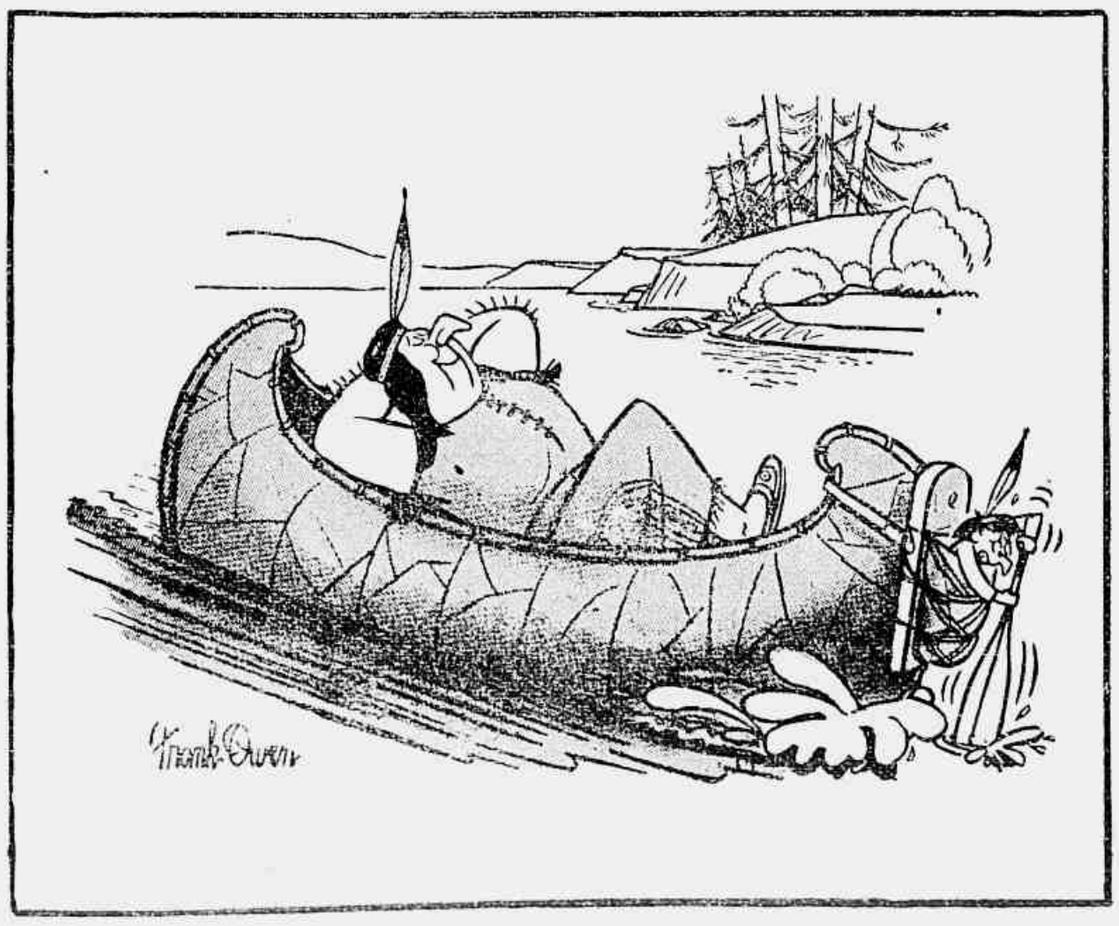
— Vamos ver se dá certo... Eu atiro a tinta na parede e você espalhando...

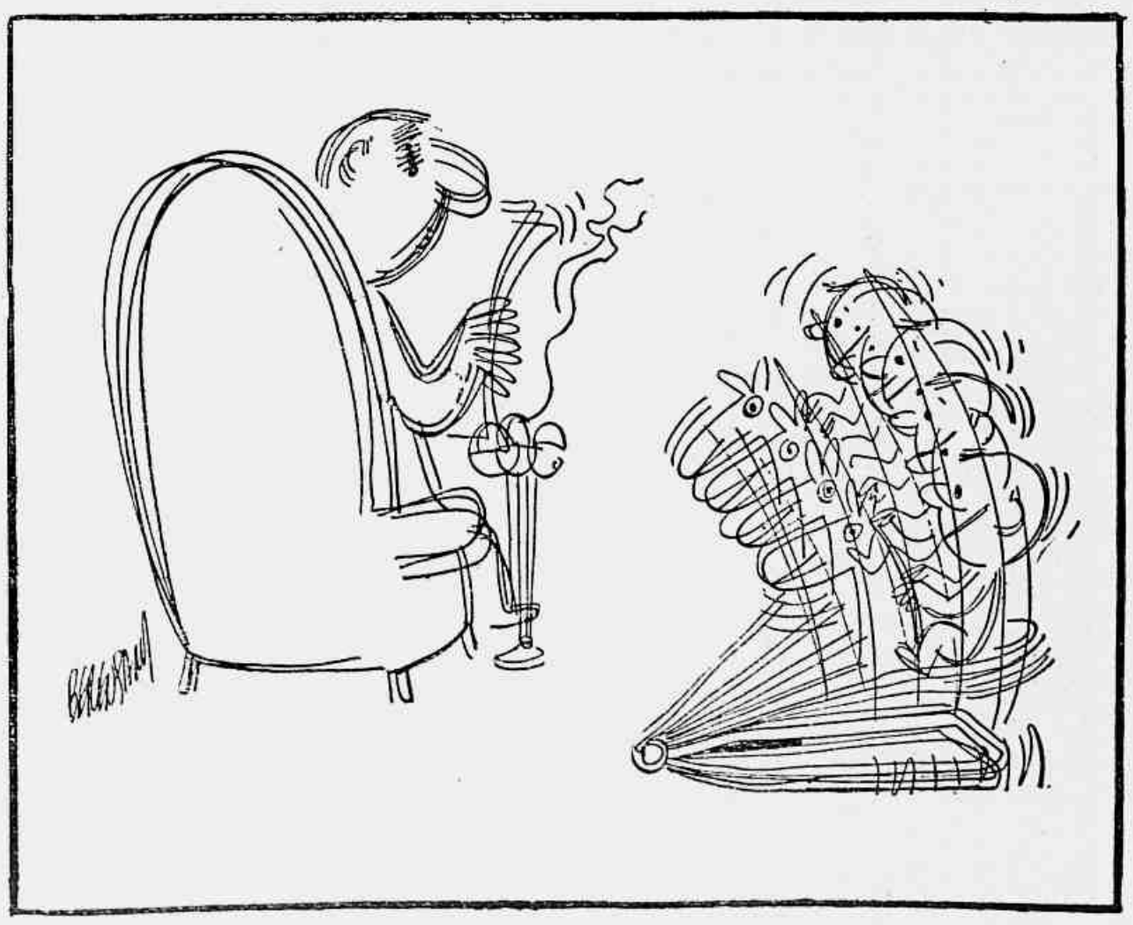


— Pois olhe, minha filha; acredite ou não, a modista me disse que é só o que está se usando no México!



— Bem, tudo começou quando eu um dia descobri que o olho dele estava brilhando...





JOCKEY CLUB MUNDANO

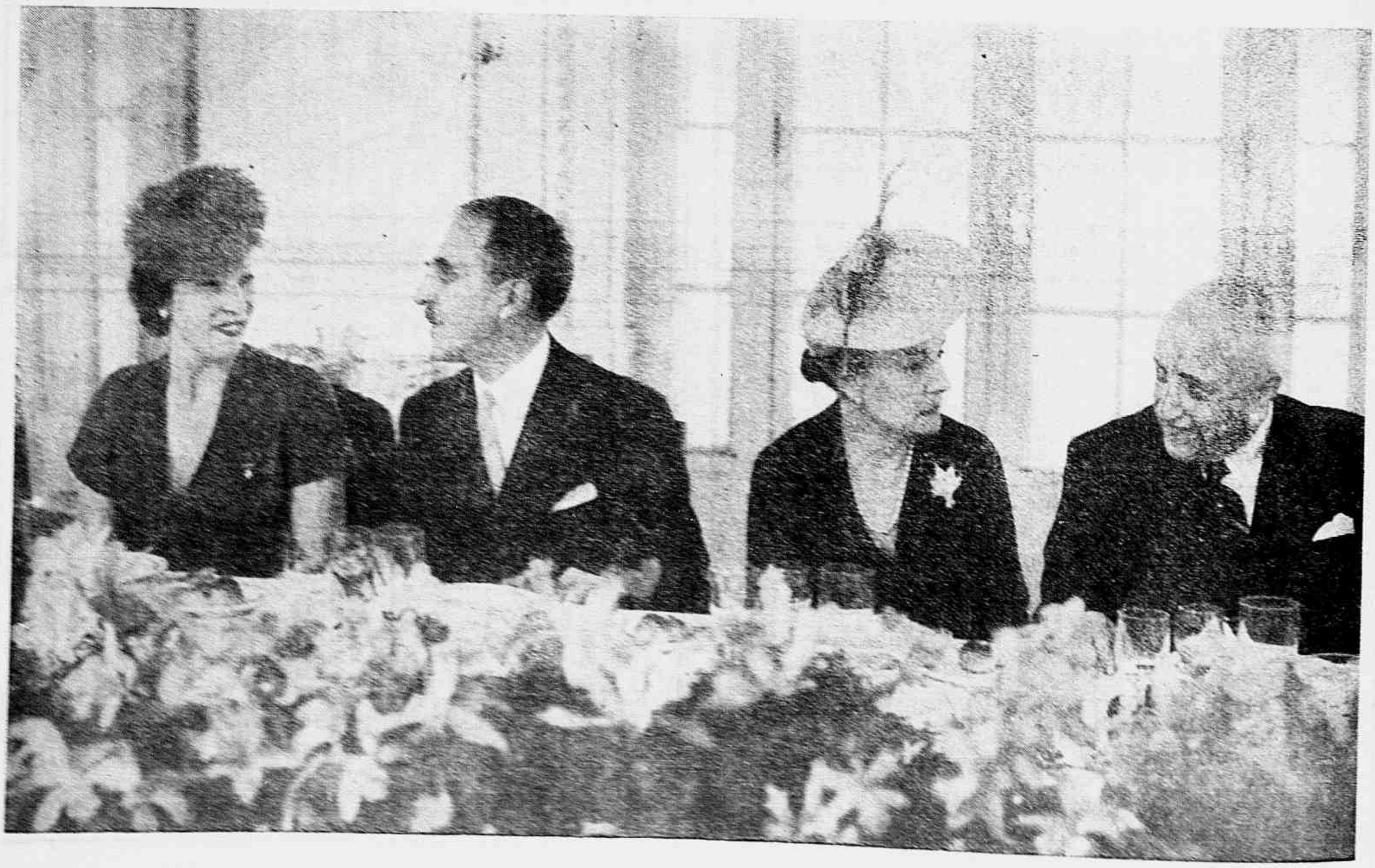
Nestas páginas focalizamos aspectos expressivos da vida social do Jockey Club Brasileiro, cujas atividades mundanas se revestem sempre de um cunho de alta distinção.

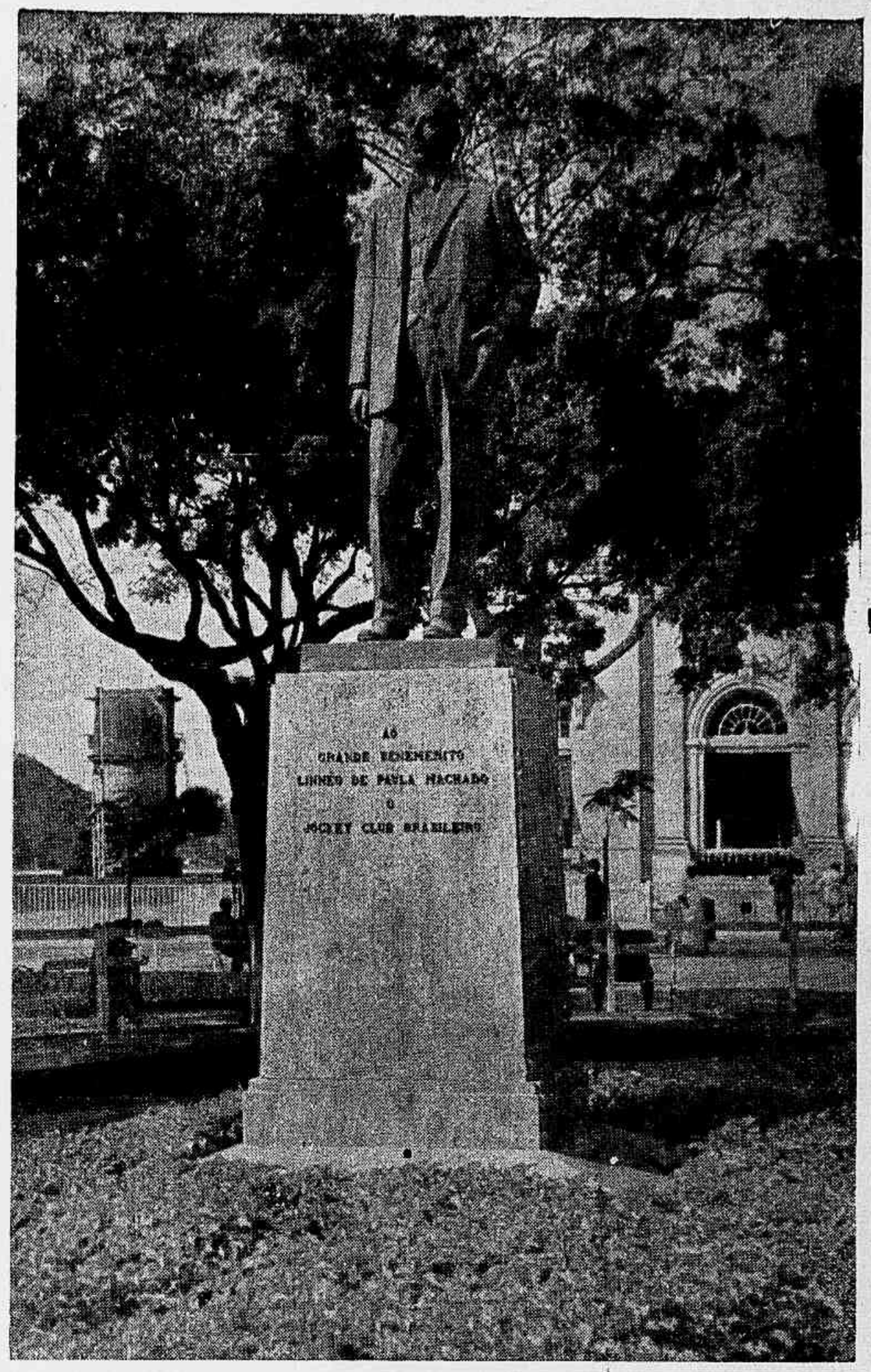
No dia 8 do mês em curso, a prestigiosa associação turfista fez inaugurar no "paddock" do hipódromo da Gávea uma estátua do seu grande benemérito dr. Linneu e Paula Machado, perpetuando no bronze a justa homenagem agora prestada à sua memória.

Nas proximidades da grande data nacional da França, o Jockey Club Brasileiro, estreitando ainda mais os laços da tradicional amizade franco-brasileira, prestou significativa homenagem ao grande país pioneiro da civilização, na pessoa dos seus dignos e ilustres embaixadores, oferecendo-lhes um banquete na Tribuna de Honra na tarde de 11 de julho, ao qual compareceram os vultos mais representativos do mundo oficial e da sociedade brasileira.

Na foto acima, feita antes do banquete, vêem-se, da esquerda para a direita, os embaixadores da França, o brigadeiro Armando Trompowsky, ministro da Aeronáutica, e o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club.

Em baixo, estampamos um flagrante em que se vêem, na mesma ordem, a sra. almirante Sílvio de Noronha, o embaixador Hubert Guerin, a sra. dr. João Borges Filho e general Ângelo Mendes de Morais.

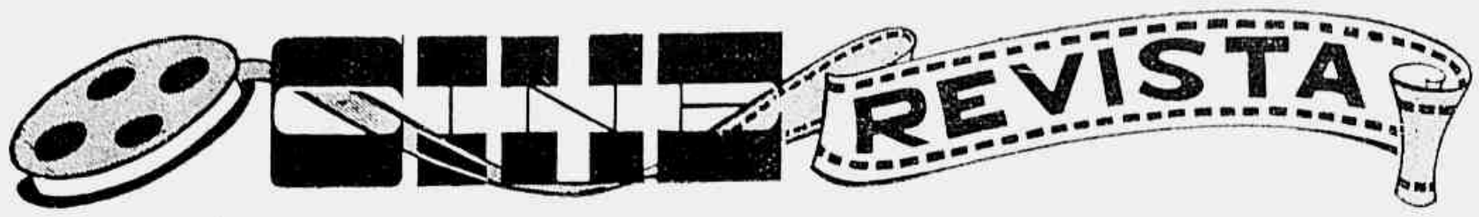




EM CIMA, A ESQUERDA — Dois aspectos do banquete em homenagem à França, destacando-se entre os presentes o ministro Philadelpho de Azevedo e o dr. Rubens Antunes Maciel, respectivamente 1º e 2º vice-presidentes do Jockey Club. A DIREITA — Estátua do dr. Linneu de Paula Machado, inaugurada no dia 9 dêste mês no "paddock" do hipódromo da Gávea, homenagem do Jockey Club ao seu grande benemérito. EM BAIXO — O sr. Francisco Eduardo de Paula Machado em palestra com a embaixatriz da França, ladeado pela senhora do ministro da Suecia e dr. João Borges Filho, vendo-se ao fundo o embaixador Hubert Guerin

Deanna Durbin parece que está cansando os fãs norte-americanos. Os brasileiros, também, já estão cansados. Seus filmes pioraram muito. Não têm mais a qualidade dos tempos de Joe Pasternak. Deanna não é mais menina. E' uma senhora que começa a ficar pesada e a nos recordar de tempos que já se foram.

Cecil B. De Mille é hoje o decano dos diretores cinematográficos, com mais tempo de serviço que os veteranos Robert Z. Leonard, Norman Taurog e Raoul Walsh. Já era tempo do velhinho estar cansado. Mas, qual! Êle ainda nos vai dar muitas dores de cabeça com os seus "épicos".



O CINEMA BRASILEIRO PERANTE A JUSTIÇA

A Atlântida foi, por duas vezes, processada no curso do corrente ano. E ambas as vezes por causa de um dos seus filmes que fizeram maior sucesso de bilheteria, embora com falhas que, com um pouco mais de bom gosto e de critério, facilmente poderiam ter sido corrigidas. O primeiro dos processos foi movido pelo brilhante poeta Murilo Araujo, que exigiu, — e era naturalíssimo que exigisse, — indenização pelos versos de sua autoria, cantados pelo baixo Edson Lopes, numa das cenas de uma suposta revista teatral com finalidade beneficente. Êsses versos haviam inspirado uma música de Hekel Tavares, de estilo afro-brasileiro, e foram cantados sem a necessária autorização do autor. Causa ganha, portanto, para Murilo Araujo.

O outro processo foi movido contra aquela produtora cinematográfica nacional por Maria Aparecida Marques, professora e locutora da Rádio Globo, que há pouco tempo, em concurso, foi eleita "rainha das mulatas". Ela é, na verdade uma mulata sensacional, com predicados físicos que lhe assegurariam rápida carreira no teatro de revistas. Julgou-se ela injuriada por uma passagem do mesmo filme da Atlântida, no qual o cômico Grande Othelo fazia uma parodia tão grotesca quanto pornográfica, apresentando-se como a "rainha das mulatas" e cantando em espanhol com os mais lascivos trejeitos a canção "A última noite que eu passei contigo". A ação caiu na vara de um magistrado ilustre e íntegro, o juiz da 5.ª Vara Cível, dr. Augusto Moura, que há semanas, em memorável sentença, deu ganho de causa aos artistas do Fênix, ameaçados de despejo pela gananciosa emprêsa Vital Ramos de Castro. As palavras da cena em que aparece Grande Otelo foram apresentadas ao juiz que, apreciando-as, declarou que "o menos que se pode dizer é que estão impressas em um vernáculo que envergonha um aluno reprovado do 1º ano ginasial, sendo incrível que as autoridades incumbidas da censura não tenham um pouco mais de respeito pelo idioma dos nossos maiores e cujo burilamento tanto trabalho deu a Camões, a Alexandre Herculano, a Eça de Queiroz, a Camilo, ao nosso grande Rui, a Machado de Assis, a Laudelino Freire e outros.

Entretanto, para melhor inteirar-se do sentido da cena, o juiz resolveu promover a exibição da película, o que foi feito a 15 do corrente, quando estas linhas já estavam escritas de modo que não podemos registrar qual foi a decisão do juiz. Do nosso ponto de vista pessoal, não houve, entretanto, insulto à pessoa de Maria Aparecida Marques, mesmo porque ela não foi nominalmente citada, êsse título é, de resto, bastante discutível e, além do mais, o público logo reconhece que se trata de uma aparição de grande Othelo, em travesti, numa paródia de intenções cômicas, embora o resultado dessa paródia tenha sido apenas deplorávelmente pornográfico. A reputação de Grande Othelo sofreu, no caso, muito mais que a de Maria Aparecida Marques e, com mais base, êle próprio poderia ter processado a Atlântida. Entretanto, valha, ao menos, a lição de bom gôsto e de senso estético, que o juiz Augusto Moura deu àquela dinâmica produtora cinematográfica, de louvável operosidade, malgrado essas descaídas em que não deve reincidir... — MICKEY.

COMEÇOU O CICLO ANTI-RUSSO EM HOLLYWOOD

Hollywood sempre foi mais ou menos inconsistente em suas atitudes políticas, mas sempre foi consistente em uma coisa: no modo pelo qual explora o filão do sucesso. Se um filme de determinado gênero produz boas receitas, todos os produtores fazem sua fitinha do gênero, espremendo o limão até ficar apenas o bagaço. Quando surgiram os filmes de selva, com dois sucessos como os de "Trader Horn" e "Sequoia", vieram, em seguida, milhares de películas parecidas, inclusive as de Tarzan, Buster Crabbe, os filhos das selvas, os homens-leões, as mulheres-panteras, etc. Quando "Paixão e sangue" fez notável sucesso e projetou no cinema a figura dos "gangsters", houve verdadeira enxurrada, com bons filmes como "Alma de lodo", "Scarface", etc., mas com muita droga no meio disso... Durante a guerra, houve um ensaio de um ciclo pró-Rússia, com certos filmes como "Alma Russa", "Canção da Rússia", "Estrêla do Norte", etc. Mas, já agora, existe um ciclo bem definido de filmes anti-russos, começados com "The Iron Curtain", da Twentieth Century Fox.

Após essa película, que foi interpretada por Dana Andrews e Gene Tierney, sob a direção de William Wellman, já Edward Small produziu outra película do mesmo tipo anti-russo, sob o título aparentemente neutro de "FBI meets Scotland Yard". Onslow Stevens faz um vilão russo e outros vilões do mesmo tipo e nacionalidade são feitos por atores eslavos, radicados nos Estados Unidos, como Igor Braun, Anastásia Neva, Mizner Krebs, etc. E a coisa não ficará aí. Os fãs vão ser chacoalhados agora com uma verdadeira série de filmes anti-russos, sendo um deles provavelmente produzido por Walt Disney, com a história do Pequeno Polegar Smith perseguido pelo bichoff papãozoff.

★

UM NOVO FILME DE PEGGY CUMMINS

Peggy Cummins é aquela linda garota inglêsa que havia sido escolhida para interpretar "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber) mas foi posta de lado, sendo substituída por Linda Darnell e indo desempenhar um papelzinho secundário em "Tenho direito ao amor" (The Late George Appley), com o ator Ronald Colman. Peggy Cummins chorou muito, estrilou... e quis até a rescisão do seu contrato. Mas a Twentieth Century Fox disse que não e declarou que tinha outros planos para ela. E, agora, êsse entreaberto-botão-entrefechada-rosa que é Peggy Cummins é a figura de maior relêvo do tecnicolor "Green Grass of Wyoming", em que aparece com Charles Coburn, Robert Arthur, Lloyd Nolan, Burl Ives e Geraldine Wall, todos êles dirigidos por Louis King. A história dêsse filme é de Mary O'Hara, especialista em romances da vida rural, em que tem cavalos e potros como protagonistas.

VOCÊ SABIA QUE...

... o filme francês "Passionelle", baseado no romance de Emile Zola, está sendo exibido há 77 semanas no cinema Pix, na rua 42, em Nova York?

... que dois filmes que ainda desconhecemos, "Shoe Shine" (Sciu, scia), italiano, dirigido por Vittorio de Sicca, e "Pânico", com Viviane Romance, também estão em exibição, em programa duplo, em Nova York, no cinema Squire, com enorme sucesso?

... que igualmente em programa duplo o público nova-yorkino está vendo "O idiota", de Dostoiewsky, em francês, e a "Cavalleria Rusticana", de Verga, em italiano?

... e que, no Apolo, na mesma cidade, estão ocupando o cartaz do Apolo, na rua 42, os filmes "Viver em paz", italiano, com Aldo Fabrizzi, e "Confissões de um malandro" francês, com Louis Jouve e Suzy Prim?

... que o Elysee da mesma cidade ainda está exibindo aos seus frequentadores o filme francês "Marius", com o falecido Raimu, Pierre Fresnay e Charpin?

... que o filme italiano "Paisá", dirigido pelo "regisseur" Roberto Rosselini está fazendo verdadeira sensação no cinema World, localizado à rua 49, esquina da Sétima Avenida em Nova York?

... e que, depois de tudo isto, há seguramente oito filmes inglêses em exibição nos grandes cinemas nova-yorkinos, mas, mesmo assim, há gerentes de companhias distribuidoras norte-americanas no Brasil querendo convencer os exibidores de que o cinema europeu é uma [illegible]

A "rainha das mulatas", Maria Aparecida Marques, posando de "maillot", após [illegible] do título, e Grande Otelo, que apareceu no filme da Atlântida, na paródia [illegible] pela professora publica e locutora da Rádio Globo.

O FILME DA SEMANA

SONHOS DOURADOS

(THE JOLSON STORY)

Al Jolson, LARRY PARKS; Julie Benson, EVELYN KEYES; Steve Martin, WILLIAM DEMAREST; Tom Baron, BILL GOODWIN; O cantor Yoelson, LUDWIG DONAT; Sra. Yoelson, TAMARA SHAYNE; Lew Dockstader, JOHN ALEXANDER; Ann Murray, JO-CARROLL DENNISON; Padre McGee, ERNEST COSSART; Al Jolson (em criança), SCOTTY BECKETT; Ann Murray (em criança), ANN TODD; Oscar Hammerstein, EDWIN MAXWELL. Uma Produção em tecnicolor da COLUMBIA PICTURES. Dirigida por ALFRED E. GREEN.

EM princípio dêste século vivia em Washington a pequena família Yoelson: o chefe e Cantor Yoelson, sua espôsa e o pequeno Asa, então com cêrca de doze anos de idade.

Certa tarde Asa viveu, em companhia de sua namorada Ann Murray, uma aventura excitante. Foram a um teatro de variedades. Havia um dêsses números em que a assistência também toma parte. E Asa obteve aplausos cantando da platéia com o comediante Steve Martin, que atuava no palco. Saiu dali correndo quando lembrou-se que o pai o esperava na sinagoga, para as orações.

Naquela mesma noite o Cantor Yoelson ficou horrorizado ao descobrir que o filho havia cantado num teatro. Isso porque Steve Martin o procurou afim de lhe propor que deixasse Asa fazer com êle um número de variedades. Está claro que Martin saiu dali com a mais formal das recusas.

Dias depois a pequena "troupe" de Martin mudou-se para Baltimore. Quando Asa soube disso, não teve dúvidas. Fugiu de casa e rumou para Baltimore também. Lá chegando, a primeira coisa que lhe aconteceu foi ser agarrado pela polícia e enviado ao Asilo Santa Maria. Ali ficou, cantando no côro da igreja e ajudando no serviço religioso, até que chegasse o seu pai, chamado de Washington. O encontro de Asa com os pais, em reunião presidida pelo padre-diretor do asilo e com a presença de Steve Martin — foi dramática. O pequeno estava firmemente decidido a seguir a carreira teatral. O Cantor Yoelson terminou por entregá-lo à guarda de Steve Martin.

Os anos que se seguiram foram de tranquilidade e saudade para os Yoelson. Recebiam regularmente cartas e fotografias de Asa, que havia mudado o nome para Al Jolson e obtinha sucesso com Steve Martin em seu número de variedades. Jolson chegou assim aos dezoito anos. Vivia tentando convencer Martin de que êle, Al, devia fazer um número no palco, com o que o outro não concordava, contentando-se com o sucesso que obtinham com o velho número.

Entretanto uma noite, em Louisville, aconteceu que o cantor Tony Baron, que fazia um número com o rosto pintado de preto, passou muito da conta no uisque e ficou em estado lastimável. Não podia atuar. E justamente numa noite em que os famosos empresários Lew Dockstader e Hammerstein estavam entre a assistência! Al Jolson, para salvar Tony, pintou o rosto de preto e entrou no palco em seu lugar. A "performance" do falso Tony Baron foi de tal categoria que Dockstader o procurou nos camarins, para contratá-lo. Lá descobriu a manobra de Al. Foi ao próprio Al que êle contratou, não sem ter dito antes uma porção de contratempos, pois o rapaz recusava abandonar Steve Martin. Afinal foi o bom e generoso Martin... que o abandonou!

Larry Parks, no papel de Al Jolson, na película da Columbia Pictures, "Sonhos dourados"

Larry Parks e Evelyn Keyes, em "Sonhos dourados"; ela, como Julie Bishop, êle, como Al Jolson

Ingressando no elenco dos famosos Menestreis de Dockstader, Al Jolson fez sucesso. Mas êle mesmo sentia cansaço da rotina e da música tradicional de "show". E que as "blue sessions" dos negros de New Orleans o fascinavam. Era o nascimento de uma nova espécie de música — o jazz — e suas possibilidades eram infinitas. Por isso Al Jolson deixou os Menestreis e, de uma hora para outra, ficou desempregado. Ninguém queria saber do novo gênero que êle queria introduzir.

Cansado, o rapaz voltou ao lar, onde Papá e Mamá Yoelson trataram, auxiliados por Ann Murray, agora uma pequena encantadora, de convencer Al a abandonar o palco. Mas nessa mesma noite Al recebeu um telefonema de Nova York. Tony Baron havia se tornado gerente do célebre teatro de variedades de Schubert e chamava o seu amigo para lá. Era a Broadway! E lá se foi Al Jolson.

Tony Baron apenas lhe impoz uma condição: tomar como gerente Martin. E Al Jolson estreou cantando "Mammy", com o rosto pintado de negro. Foi uma noite memoravel, uma das mais sensacionais noites que a Broadway já conheceu, aclamando um novo astro, que devia reinar durante um quarto de século como soberano absoluto das canções de jazz!

No Winter Garden Jolson acabou montando suas próprias revistas. Suas canções, levadas pelo disco, cobriram tôda a nação. Em Hollywood pensava-se em lançar o cinema sonoro. Precisavam de um grande astro para o primeiro filme e chamaram Al Jolson. Antes de partir Jolson reuniu todos os artistas de Nova York em um teatro da Rua 42, para despedir-se deles. Foi cantando que descobriu entre a assistência, ao lado de Florenz

(Continua na pág. 56)

Larry Parks, no papel de Al Jolson, em "Sonhos dourados" com algumas "girls" da Columbia

Erguida à beira do caminho, à des[illegible]losa igreja aflue[illegible]

SÃO JUDAS T[illegible]

PADROEIRO DOS [illegible]

COM OS SANTOS TAMBÉM HÁ [illegible]AS — CO[illegible] HOMÔNIMO DO TRAIDOR DO [illegible]STO NO B[illegible] B[illegible]ARA

Reportagem de RUTH GUIMARÃES — Foto[illegible]

O Brasil é a a terra lírica das religiões [illegible] asperezas, das convicções suavizadas por uma [illegible] gênita doçura, das superstições sem o pano de [illegible] do violento dos mistérios tenebrosos, das cre[illegible] que são mais confiança que misticismo, e que [illegible] principalmente um ingênuo e total entregar-[illegible] boa vontade dos deuses.

Quando surgiu o culto de São Judas, t[illegible] tempo esquecido devido ao seu homônimo [illegible] trinta dinheiros, de miserável memória, nada [illegible] sabia sôbre o santo. Antes, ninguém se deti[illegible] para pensar quem tinha sido São Judas. Não [illegible] sabia que tinha nascido na Galiléia e que era [illegible] cípulo dileto do Nazareno. Tanto era o disci[illegible] dileto, que o suave portador da Boa Nova lhe [illegible] receu, depois da ressurreição, no caminho [illegible] Emaús.

Judas foi chamado o amavel, o amoros[illegible] muito deve ter trilhado os caminhos poentos [illegible] Mesopotâmia, arrimado ao bordão de pereg[illegible] antes do martírio final.

Nada disso se sabia.

E, assim [illegible] tado de São [illegible] trada, a igre[illegible] vam com esp[illegible] humildade c[illegible] minho, espon[illegible] tigio, com u[illegible] rante dois m[illegible] nela confiou [illegible] garantia de [illegible]

Sem sab[illegible] inclinada ao [illegible] gente que pa[illegible] perdoado o [illegible] pendimento [illegible]

— Coita[illegible] ta, o dó con[illegible] sujeito às n[illegible] tanto, com r[illegible]

Entreme[illegible] e era baixa[illegible] um ar amiga[illegible]

EM CIMA: São Judas Tadeu, — não deve ser confundido com o traidor Judas Iscariotes... Esta imagem é a que existe na Igreja de São Sebastião (a dos Capuchinhos). Mas, no Rio, ainda não tem um templo, como o que os paulistas lhe erigiram no bairro do Jabaquara. EM BAIXO: A antiga igreja de São Judas, era baixa, larga, esparramada, colonial, com um ar amigável de abrigo

Nas barraquinhas vendem-se cois[illegible]teríveis desde o o[illegible] coloridas até a cocada queimada [illegible] é infalível nas fe[illegible]

o caminho, à des[illegible]osa igreja afluem os fiéis, pobres e ricos.

JUDAS TADEU

IRODOS AFLITOS

BÉM HÁ [illegible]AS — COMO SURGIU O CULTO AO [illegible]DOR DO [illegible]STO NO BAIRRO PAULISTA DO JA-BIARA

UIMARÃES

Fotografias de BOTELHO NETO

das religiões [illegible]
adas por uma [illegible]
cia o pano de [illegible]
rosos, das cre[illegible]
ticismo, e que [illegible]
otal entregar-[illegible]

São Judas, t[illegible]
u homônimo [illegible]
memória, nada [illegible]
nguém se deti[illegible]
o Judas. Nã[illegible]
éia e que era [illegible]
to era o disci[illegible]
Boa Nova lhe [illegible]
no caminho [illegible]

el, o amoros[illegible]
inhos poentos [illegible]
dão de perego[illegible]

E, assim, quando se iniciou num bairro afastado de São Paulo, no Jabaquara, à beira da estrada, a igreja dedicada a São Judas, todos a olhavam com espanto, sem compreender. A própria humildade com que crescia, pobre à beira do caminho, espontânea quase, sem apoio e sem prestígio, com um nome que havia sido execrado durante dois mil anos, instintivamente tôda a gente nela confiou. O seu próprio desamparo, era uma garantia de sinceridade e pureza.

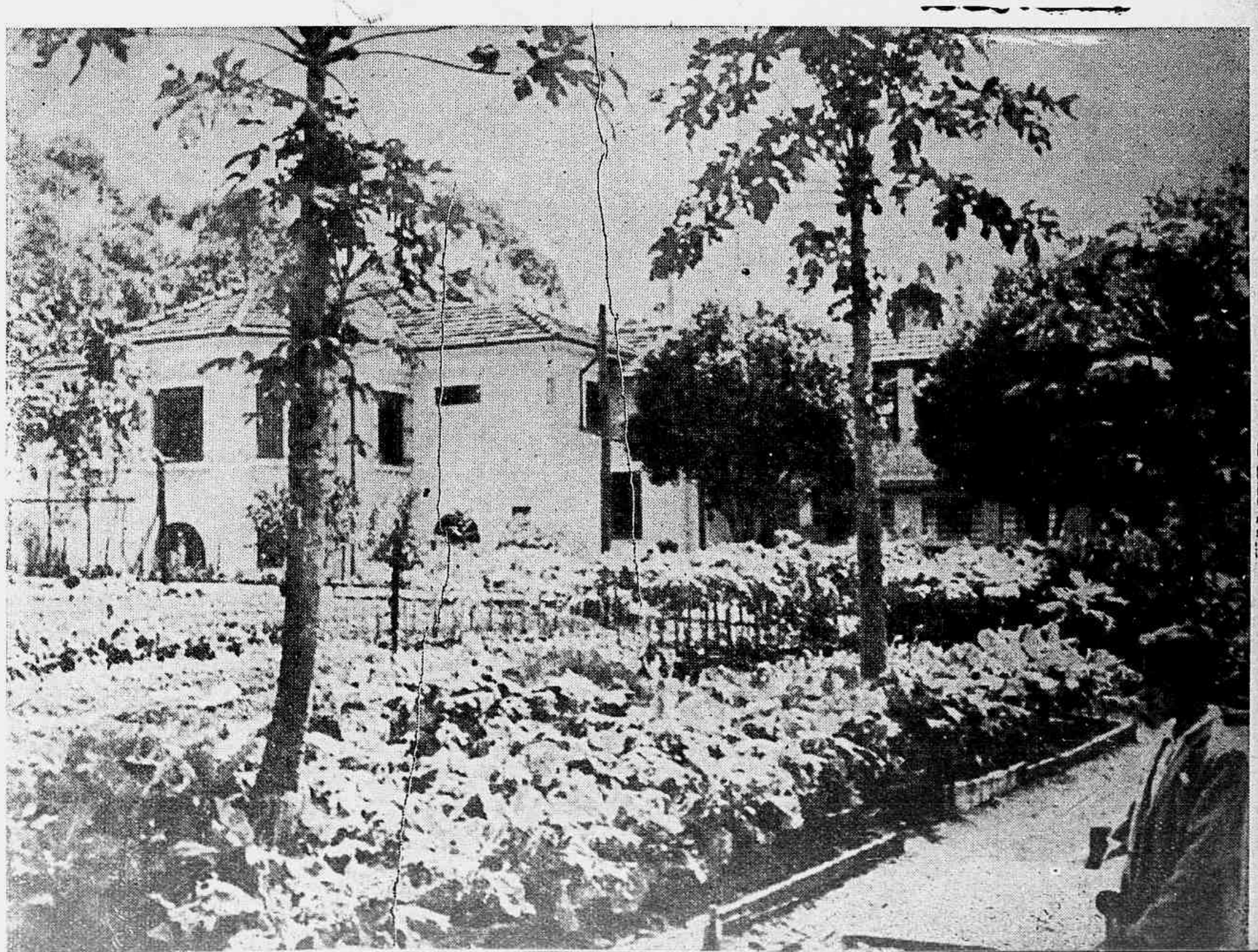
Sem saber quem tinha sido São Judas, mas inclinada ao perdão e à aceitação sem reservas, a gente que passava pensava que o bom Deus havia perdoado o outro Judas, e que, pelo grande arrependimento o réprobo havia sido santificado.

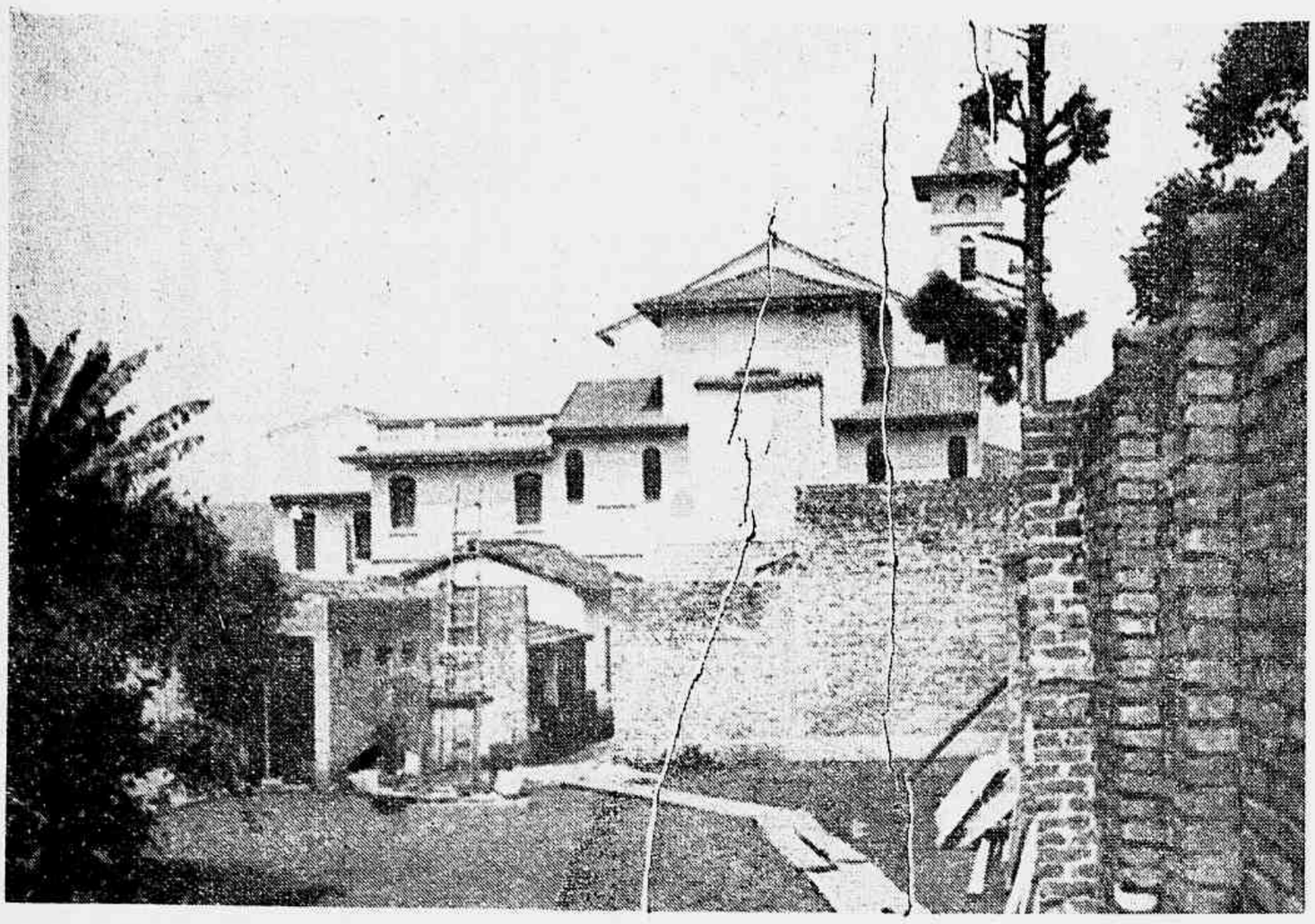
— Coitado! — dizia-se, com uma pena infinita, o dó compreensivo do pecador, sem dinheiro, sujeito às mesmas fraquezas — Coitado! Sofreu tanto, com remorsos!

Entrementes, a capela foi recoberta de telhas e era baixa, larga, esparramada, colonial, com um ar amigavel de abrigo e de casa de oração pri-

EM CIMA: Imagem de São Tadeu, existente na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da Lapa, no Rio. E' um dos santos da moda. Em São Paulo, seu prestígio é cada vez maior. EM BAIXO: O Orfanato tem um pomar e uma horta. E na parte da frente um jardinzinho, com uns verdes deliciosos. Essa obra de benemerência está sendo favorecida pelo culto de devotos a São Judas.

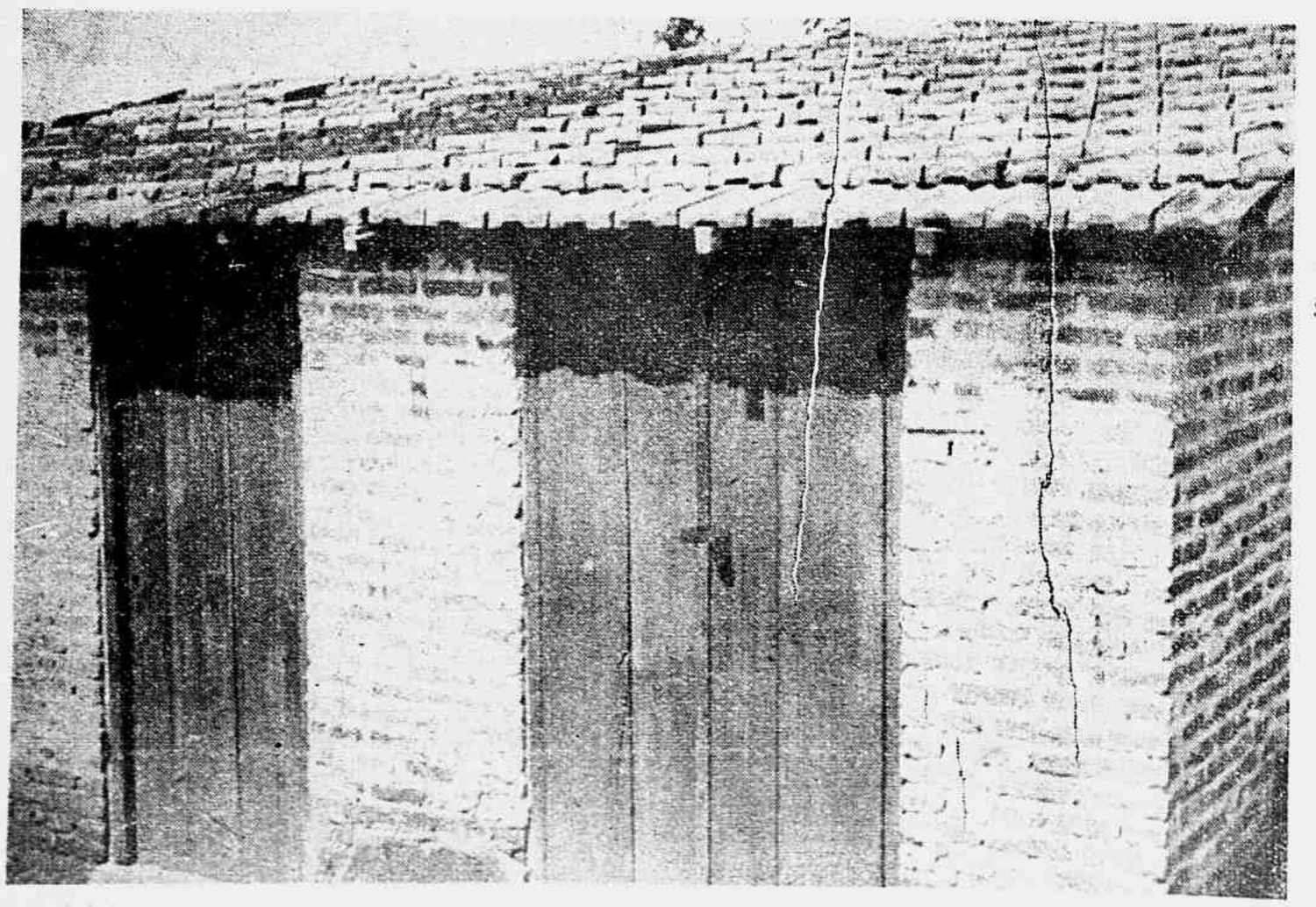
endem-se coisas [illegible]ada queimada [illegible]criveis desde o oratório feito de conchas [illegible] é infalivel nas festas e nos aglomerados.





O terreno dos fundos da igreja de São Judas foi comprado pelo padre João Buescher, S. C. J., por oitocentos contos e ali foi instalado o orfanato.

Agora se entra em fila para tudo. Há fila do pão, da carne, fila para morrer, porque os cemitérios estão lotados e não aceitam tôda gente. Na Praça da Sé todos os dias 28 há uma fila nova, mais tocante: — a fila da esperança.



nitiva. Torres não tinha. Uma cruzinha preta, de ferro encimava a despretenciosa capela. O sino, doação de algum cristão de coração aberto, teve que ser pendurado a uma árvore próxima que tinha galhos robustos.

Sino de igreja numa arvore, por falta de torres! Nunca se viu pobreza igual. Nunca se viu tamanho desamparo. Um a um, os fieis foram chegando e espiando, — alguns curiosos, alguns emocionados, e a capelinha foi ficando conhecida, adotada, pode-se dizer. E todos tinham pena de vê-la tão desprotegida e tão pobre, com o sino de bronze, a única coisa rica que possuia, pendurado nos galhos da árvore frondosa.

Sim. Foi assim que a igreja de São Judas nasceu.

E foi um dia, como numa historia de fadas, daquelas onde ocorrem encantamentos os mais lindos e onde a filha do pescador se casa com o rei dos peixes e vai para o seu palácio de coral — um dia, como nas histórias de fada, começaram a correr as lendas maravilhosas dos milagres de São Judas.

Murmurava-se, num assombramento que acendia fulgores de esperança nos olhos, que havia surgido finalmente um advogado dos infelizes, um patrono das causas perdidas e desesperadas. São Judas tornou-se conhecido, amado e invocado.

ISSO DE SANTOS, É QUESTÃO DE MODA

A gente superior e sofisticada pode comentar que o milagre é uma questão de sugestão coletiva, que as curas são operadas sòmente em doentes nervosos, que a fé é que atua nos organismos, dando-lhes o pequeno impulso que precisam para reerguer-se. E ainda alguns lembrarão com diabólica malícia, — pois são os temíveis ouvintes de entendimento agudo de que se arreceiava Vieira — êsses se lembrarão que houve tempo em que o santo do dia era Antoninho Marmo, o menino-santo do Cemitério da Consolação. Mais tarde os milagres eram feitos na igreja de São Francisco. Um Santo Antonio obrava prodigios como os que fazia em vida, fascinando os peixes ou aparecendo em dois lugares a um tempo, ubiquidade só conhecida antes no Pai, no Filho e no Espirito Santo. As trezenas então fizeram furor. Santo Antonio favorecia os bons negócios e os casamentos, e era muitissimo procurado às terças-feiras, de seis da tarde em diante, geralmente, no seu modesto altar lateral, na igreja de São Francisco.

E ainda alguns dirão que o povo está sempre precisando de proteção, que confia na bondade divina, sempre na fila da esperança, ansioso por milagres, quer sejam feitos por intermédio do Padre Antonio de Rio Casca, ou de Santa Manoelina de Coqueiros, ou de um feiticeiro qualquer de São Roque — perito num despacho, — ou por intermédio das sessões espiritas, onde baixem pais de santo. O povo acredita sempre e espera sempre.

À SOMBRA DOS MILAGRES

Sabe-se que o culto de São Judas atingiu, por estas alturas, as proporções de superstição. Nos dias 28 de cada mês, e, especialmente a 28 de Outubro, a praça da Sé regorgita de fieis. Gente há que fica horas na fila do Jabaquara, esperando a vez. Velhinhas que se diria não aguentarem 15 minutos sob o sol, ficam um tempo enorme, ora apoiadas num pé ora no outro, com uma energia e uma resistência que sòmente a fé lhes poderia emprestar.

Para o que vai por curiosidade, simplesmente, sem os moveis profundos da fé, não há o que ver, na igreja de São Judas. Ela é nova e não tem antiguidades, nem tradições notaveis. Nada há no seu estilo de precioso nem de belo. A parte do bairro onde fica é apenas um vasto espaço aberto e poeirento, no caminho do El-Dorado. Nada tem

*

A sapataria está trancada, porque o domingo é mestre Nicola [illegible] ao presente.

na arquitetura, nada na escultura das imagens que são comuns, com a mesma feição italiana de tôda a iconografia católica moderna.

Há uma sala de milagres, com a galeria dos retratos costumeiros — tranças amarradas com fitas, penduradas pelas paredes, pernas, braços, e cabeças de cera, uma coleção de aparelhos ortopédicos, e a batida e comovente série de dedicatórias ingênuas, num português estropeado. Nos dias em que é grande a afluência de fiéis, a paisagem humana guarda aquêle indescritível ar de sofrimento e de esperança, de incompreensão e de crença que se vê nos lugares de peregrinação.

Diante da igreja, os vendedores ambulantes vendem pipoca, amendoim torrado, maria-mole e cocada, e mais essas passas ditas americanas, que, por estas alturas, em São Paulo, já se tornaram epidêmicas. Além dos doceiros, há vendedores de santos, de oratórios, e os próprios padres vendem livros sagrados.

O padre João Buescher, S. C. J., primeiro Vigário de São Judas, encontrou à sua frente no começo uma soma enorme de dificuldades, visto que nada existia, mas tudo estava por fazer.

No princípio havia ficado na capelinha, naquela mesma pobre capelinha, onde o sino não pôde ser colocado por falta de torres. Além dos meios comuns de solver os problemas, encontrou um novo meio racional e inteligente. O trabalho de carpintaria era caro? Fundou uma oficina, contratou profissionais competentes e passou a fazer por conta própria as esquadrias, os bancos da igreja, todos os serviços necessários de carpintaria e marcenaria, o que lhe trouxe vantagens enormes, tanto com referência ao fator tempo, como do ponto de vista econômico. Em seguida instalou uma oficina mecânica, para os mesmos fins.

A peregrinação periódica de doentes e de fiéis que iam por devoção apenas, aplainou as dificuldades. Para atende-los, nos baixos da igreja foi instalado um barzinho, e uma sala onde são vendidas velas de cera.

Como nas demais igrejas, em São Judas as velas não são consumidas até ao fim. Meio queimadas, são apagadas e revendidas, revertendo o produto da venda, em benefício da igreja.

Pode-se dizer agora a igreja é rica. E sabendo disso é consolador saber, que está lá atrás, escondida, entre laranjeiras e couves viçosas, a mais bela das obras do Padre João Buescher, e o milagre mais lindo de São Judas.

Feito com o dinheiro que rende da fama dos milagres do velho santo galileu, está o menor e mais tocante asilo do mundo, com uma porção de criancinhas desamparadas, cuidadas pelas irmãzinhas missionárias.

Foi fundado há dois anos, com capacidade para 17 crianças. Está com cinquenta, porque o que não falta em São Paulo são crianças abandonadas.

Como D. Bosco, que é seu homônimo, o D. Bosco dos «birichini», e como o Padre Flanagan, — o vigário de São Judas tem generosas audácias. Planejou um asilo maior, para duzentas e cinquenta crianças e já pôs mãos à obra. Continuando o seu plano de fazer tudo como seus próprios recursos, instalou uma sapataria, para confecção de sapatos das meninas orfãs e em breve inaugurara uma padaria, porque o pão, para comprar fora, está escasso e caro.

A oficina mecânica e a carpintaria serão utilizadas, futuramente no ensino de trabalho profissional aos meninos.

Vemos as Irmãs, vestidas de branco, suaves e serenas como grandes aves e é impossível pensar em suicídio místico ao vê-las. São ativas, diligentes, alegres. Principalmente alegres. Aquêle é um orfanato onde há bastante riso.

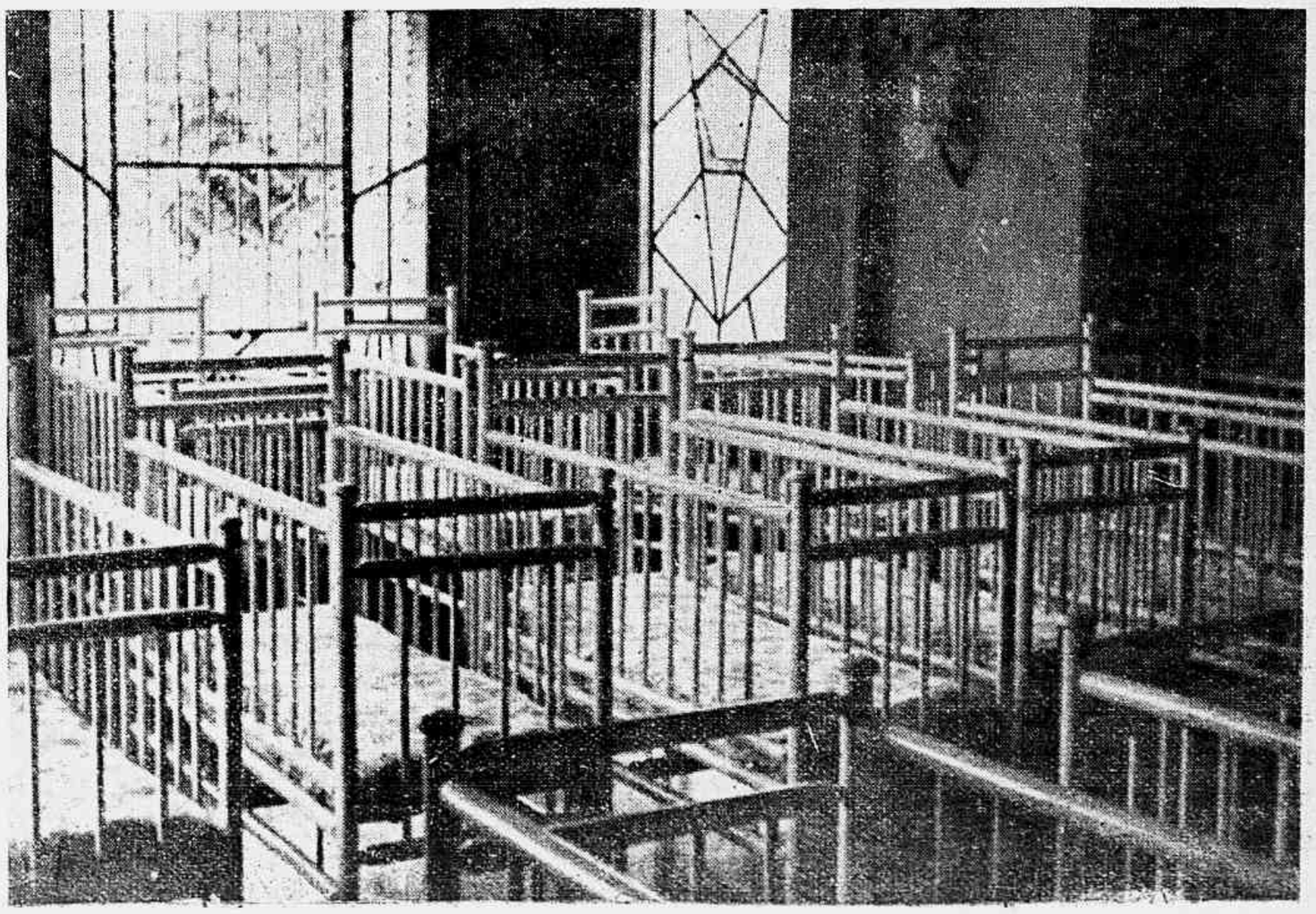
(Continua na pag. 56)

*

Muitos gostarão de saber que o dinheiro dado de esmola, na Igreja de São Judas, ou proveniente da venda das velas de cera, que o sacristão previdentemente apaga antes que se queimem muito, foi empregado para tornar felizes algumas gerações de crianças orfãs.

O orfanato começou com 17 pequenos abandonados, há dois anos. Já está com cinquenta. O abandono e a pobreza são coisas comuns e cotidianas nos bairros operários da Capital.

O terreno do orfanato começa logo atrás da igreja e está todo plantado de laranjeiras. A área limpa vai ser aproveitada na construção de um prédio, onde serão instaladas as salas de aula.



O DONO DO MUNDO

★

Contos de Euclides Marques de Andrade

★

Agir — Rio de Janeiro

1948

O sr. Euclides Marques de Andrade não batizou êste livro, à maneira de Maupassant e de tantos outros autores, com o título do primeiro conto. Nem do maior ou melhor do volume. Tirou talvez à sorte.

Em **O dono do mundo** se trata de um pobre diabo de escriturário para quem a repartição constituia uma espécie de cárcere de insipidez e humilhação e o qual, de volta a casa, só ouvia falar de encarecimento dos géneros, exigências e desafóros dos fornecedores, brigas dos meninos, outras calamidades vulgares. Mas sabia música e tocava violino. E êsse duplo recurso, que sempre lhe parecera inútil ou, pelo menos, deficiente, em certo dia de verdadeira inspiração lhe deu prova de uma amplitude e um alcance nada menos que maravilhosos. Depois de jantar, recolheu-se ao quarto e apelou para a rebeca meio abandonada. Sentiu que lhe fazia bem tocar, prolongou o concêrto solitário. Ao cabo de uma hora, outro desejo lhe veio, com uma esperança maior. Quiz obter uma peça musical bem sua, do seu espírito e do seu sentimento. Compôs a obra ambicionada. "E pela noite dentro, embrulhado em sua ilusão, êle foi sonhando que o mundo era seu e que estava livre"...

Para nós, o mais valioso dos trabalhos aqui reunidos é **Internato**, com um tema bastante explorado mas agora tanto quanto possível renovado, e um desfecho que surpreende e entusiásma. O menino Joãozinho queixou-se de lhe haverem furtado o relógio. Era um menino incapaz de mentir. Um dos professores dirigiu-se aos alunos, intimando o culpado a apresentar-se como tal, para evitar que todos os outros fossem castigados. (Eis o caso de que já muitos contistas se valeram). Joãozinho esperava, ansioso, a denúncia ou a confissão.. e sobretudo o relógio. Mas ninguém disse palavra. Começaram as punições. Foram suspensas as saídas, reduzidas as horas de recreio; e o próprio domingo se tornou, lá dentro, um dia como outro qualquer. A atmosfera do colégio vai ficando cada vez mais pesada, mais envenenada... Não tardará o desespêro geral... Na terça-feira, porém, o menino queixoso encontra o relógio no fundo da mala, onde se não lembrava de o haver escondido. Ouvida esta explicação e, tendo-se retirado o Reitor que a apresentou, todos os alunos caem sôbre Joãozinho. E' patético. Achatam-lhe o nariz; arrepelam-no, esmurram-no, esgadanham-no a ponto de o deixarem "sangrando por todos os póros"... E o fecho do conto: "Mas só em pensamento, está claro!".

O sr. Euclides Marques de Andrade escreve geralmente com leveza, brilho e aquêle jeito que, seja espontâneo, seja obtido com menor ou maior esfôrço, dá a impressão da facilidade. Pena é que, na maneira de se exprimir, a si próprio, surjam formas e frases que só deviam sair, nos diálogos, da bôca dos seus personagens mais ignorantes. Quer dizer: o contista, esquecido, por momentos, da sua dignidade literária, escreve como aquêles que não sabem falar. Assim, por exemplo, no primeiro conto e sem rigoroso exame, podemos notar: "Quando chegamos **em** casa... **sentamos** logo à mesa... assim na vista de todos... conseguiu-**se** conter..." E em outro conto: "**Escutavam-se** vozes vindas da rua... com o livro aberto **em** sua frente... se não se apresentasse **o** quanto antes... tanta gravidade amedrontava **aos** alunos... com as duas mãos **apoiando** a testa... chegou a **se** avermelhar... quando **lhe** informaram ficou alegre"... São, bem sabemos, irregularidades peculiares aos jovens literatos de hoje e as quais, de tão frequentes, já de algum modo se tornaram quase regulares. Quando, porém, se trata de um escritor de vocação e das probabilidades vitoriosas do sr. Marques de Andrade... Repetimos, é pena.

★

Introdução à Sociologia das Sêcas

★

Observações e apreciações de **Lopes de Andrade**

★

Editora "A Noite" — Rio de Janeiro

1948

Não se julgue que, por tratar de secas, o livro seja árido. O sr. Lopes de Andrade dá ao assunto bastante amenidade. Oferece-nos páginas a que não faltam as frondes nem as flores do estilo. E, tratando-se, como nos informa, em prefácio, o sr. Gilberto Freire, de um auto-didata, maior se deve tornar, se não pela obra a ser exclusivamente considerada no seu valor e alcance, mas pelo homem de esfôrço e de luta, a nossa admiração.

"Três são os órgãos centrais da Sociedade Humana — diz o primeiro capítulo do volume — que já se puseram em contacto com o problema das secas nordestinas e tentaram resolvê-lo: 1) a Tribo indígena; 2) a Coroa Portuguêsa; e 3) o Estado Nacional Brasileiro. Começaremos por caracterizar os esfôrços desenvolvidos pela Tribo no sentido de opôr-se às secas e evitar que elas destruissem a rude espécie de organização sob que a Sociedade Humana primeiramente se apresentou no Nordeste brasileiro. Em seguida estudaremos os demais."

Cita a seguir uma definição do que seja Tribo pelo antropologista Ralph Linton, e externa esta opinião devêras curiosa:

"A Tribo Indígena, melhor do que muitos dos nossos Estados políticos posteriores a ela, encarou os problemas derivados das secas com espírito prático e decisão de luta:

Bem precisava tal proposição de ser desenvolvida e explicada. Assim faz o autor de maneira que nunca as suas razões se tornam desinteressantes, muito menos cansativas. Se em algum ponto ou passagem tendermos a não concordar inteiramente com êle, nem por isso deixaremos de lhe reconhecer, além da sinceridade, os dotes de observador, o engenho de argumentador. Sentimos como o homem está à vontade e satisfeito na sua tarefa. Trabalha, não apenas com gôsto e convicção, mas também com entusiasmo pela obra a que se entregou. Asim o encontramos no capítulo inicial, assim o vamos acompanhando pelas quase duzentas páginas do volume, por entre citações numerosas e que nunca prejudicam o seu próprio modo de ver. Dizendo estudar apenas, em verdade o sr. Lopes de Andrade, por si mesmo ou revelando-nos o saber e a opinião alheios, nos ensina muita coisa. E modestamente conclue:

"Restará por certo muita coisa ainda a ser observada por outros e temos a mais sincera esperança de que a publicação dêstes ensáios, se não tiver outro mérito qualquer, servirá ao menos para despertar, dentro dos estreitos limites de introdução que lhe impusemos desde o início, a atenção de outros brasileiros estudiosos e fazê-la convergir sôbre uma região do nosso País digna de muito melhor sorte, pelo imenso valor intrínseco de seus habitantes e de suas coisas e pelas numerosas e variadas experiências de vida social que lá se acumulam, à espera apenas de quem as venha descobrir e sistematizar, construindo a civilização mais bela o original que se poderá ver no Novo Mundo."

★

O ESTADO MONETÁRIO

★

Introdução à História das Caixas Econômicas Brasileiras por JOÃO LYRA FILHO

★

Pongetti — Rio de Janeiro

1948

O sr. João Lyra Filho é um escritor que, como dizem os francêses, tem muitas cordas no seu arco. Na primeira mocidade, fez versos como tôda a gente, não, porém, iguais a quaisquer outros; depois, escreveu prosa, discursos, orações diversas; entrou a ocupar-se de assuntos econômicos e financeiros; abordou a biografia; dedicou-se aos problemas sociais; advogou em tôda a linha a causa, tantas vêzes mal defendida ou mal compreendida, dos esportes... Trata-se de um poligrafo sempre preparado, sempre aplicado e, podemos dizê-lo, sempre recompensado com o bom êxito.

O livro presente é talvez o mais amplo e importante, no seu género, que tem saído da pena, tão adestraaa e operosa, do escritor. Economistas por economistas sejam lidos e apreciados... Neste caso, porém, qualquer leitor poderá acompanhar, por cêrca de trezentas páginas, a exposição feita do grande assunto, dos diversos assuntos que a êsse preenchem ou com êle se relacionam. Esta obra levou três anos a compôr, porque o trabalho não foi continuado e uniforme, mas de onde em onde reassumido, em intervalos de tarefas inadiáveis. "Este livro, — diz uma nota luminar — é o rendimento dos meus lazeres. A vida não me permitiu que o escrevesse dentro de prazo razoável. Iniciei-o em 1945, quando exercia o cargo de consultor técnico da Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro, mas tive que interrompê-lo"... E mais adiante: "Eis porque, êste ano, decidi aproveitar os dias do Carnaval e da semana santa para ultimar os dois capítulos finais. E' possível que os tenham influenciado os contraditórios sentimentos cultivados em ambos os períodos. Tivemos mais de um "carnaval financeiro" no Império e mais de uma "semana santa" consagrada à purificação dos erros consumados"...

A natureza grave do assunto não afectou, como se vê, a "corda" espirituosa do autor. Pelo livro fora a encontraremos, discreta e espaçada, para melhor se fazer apreciar. Por entre as recordações dos problemas momentosos que iam ser resolvidos — ou tinham de ficar sem solução pròpriamente dita — as citações eruditas, os confrontos de especialistas, autoridades, influentes na grande questão: deduções e conclusões próprias, executadas com exemplar ponderação — nunca o sr. João Lyra Filho aliena os seus foros de escritor, quer dizer: de artista. O estilo é mantido a um nível de distinção que para os leigos mesmo: torna a leitura cativante. Quanto à restrição formulada no preâmbulo: "Êste livro há de ter inúmeras deficiências e consideráveis senões"; venham os técnicos procurá-los, que, êsses mesmos, de certo, deixarão de os descobrir. Da nossa parte — e conosco estará tôda a gente — só trouxemos destas páginas aprazimento e admiração.

DISSERAM que era louca... Teresinha, a que quis se suicidar porque não lhe permitiam viver como queria, — experimentando emoções fortes, foi considerada, pelos menos aparentemente, como louca! Não podia pertencer a uma pessoa normal aquêle diário repleto de conflitos amorosos dos quais ela era sempre a protagonista. Que tenha havido exagêro de imaginação, concordamos; mas loucura, não!

Foi, talvez, uma declaração apressada de quem não conhece bem a mocidade atual. Suas companheiras de mentalidade talvez não tenham pensado ainda em suicídio para se livrar da "monotonia" da vida, mas, com certeza, a consideram uma espécie de heroina que deve ser venerada.

Tristes e infelizes heroinas, para quem a vida aos dezessete anos de idade já nada tem de interessante para oferecer! Se fôssemos procurar os culpados de tudo isso, teríamos que, forçosamente, apontar em primeira lugar a própria época. Todos querem ser modernos, e a expressão "modernismo" é aplicada às mais esquisitas extravagâncias. Modernos, querem ser os pais que julgam educar os seus filhos dentro do "espírito atual", quando o que fazem é soltá-los inteiramente, sem que antes os tenham preparado convenientemente para essa liberdade. Modernos, querem ser aquêles que confundem independência e personalidade com falta de contrôle, de educação e de moral; modrnos, querem ser também aquêles que julgam que cada um deve viver a sua vida como bem entenderem, sem que haja necessidade de respeitar sentimentos, preconceitos ou direitos. Modernos, enfim, querem ser estas jovens que se atiram à vida afoitamente, procurando tudo conhecer de uma só vez... Sua inteligência, que poderia ser aproveitada em coisas mais úteis, lhes serve apenas para arquitetar planos onde a mentira, a vaidade e a irresponsabilidade desempenham papéis de grande importância. Não é uma, mas são aos milhares as Teresinhas namoradeiras que se julgam "fatais" e que se consideram predestinadas a despertar paixões violentas. Encarando com resignação êsse "fatalismo", elas vão se deixando arrastar numa confusão de casos amorosos, dos quais raramente saem com a consciência tranquila e o corpo sem mancha. E' um espetáculo triste e desolador! E não há quem lhes faça sentir que vivendo assim estão se privando dos maiores encantos que a vida lhes poderia oferecer! A "monotonia", a "desilusão" e o "cansaço" as envelhecem antes dos vinte anos, e então passam a se considerar infelizes e incompreendidas... Se desinteressam pela vida porque acham que a vida nada de novo lhes pode oferecer. Pobres criaturas, que já não se comovem ante o riso de uma criança, já não apreciam a beleza de uma flor, já não se encantam com um pôr-de-sol, já não vibram com um apêrto de mão carinhoso e leal! E dizer-se que elas poderiam ter sido salvas! Se houvesse amor e contrôle por parte dos pais de compreensão; se êstes não interpretassem tão mal o célebre "modernismo"; se procurassem se dedicar seriamente à educação dos seus filhos e prepará-los convenientemente para a vida, então Teresinha nunca teria pensado em suicídio!...

★

Sôbre uma camisola de cetim rosa sêco, Irene Harvey, da Universal-International, usa um maravilhoso "negligée" em crepe romano do mesmo tom. Blusa e saia plissados. Pala de renda formando os ombros [illegible] ajustadas nos pulsos

Modelos de Paris

NUNCA a moda feminina foi tão rica em detalhes e variedades; decotes grandes, golas altas, corpos ajustados, saias retas e longas, saias muito amplas, tudo, enfim, está sendo usado dentro daquilo que os americanos chamam de "new look". A mulher, portanto, nunca teve uma oportunidade tão grande de parecer mais bela, mais atraente e mais feminina. Não há necessidade de se usar apenas um modêlo; os modelos são variados e cada um se adapta a um tipo. O que é preciso é saber escolher.

CHRISTIAN DIOR

Modêlo em jersey preto, com amplo decote e drapeado sôbre o busto e "capeline" caindo sôbre os ombros, para trás. Saia "godet"

CHRISTIAN DIOR

"Tailleur" de linhas retas. Casaco curto. Gola muito alta

BALENCIAGA

Casaco de inspiração militar. Gola muito alta. Gravata em tom contrastante

LUCIEN LELONG

Modêlo para a noite. Corpo longo todo pregueado. Saia reta na frente e "godet" atrás, formando cauda

JACQUES FATH

Criação para a noite. Originalíssimo "manteau", de corpete justo, saia muito rodada, guarnecido de peles nas mangas, gola e saia

Modêlo em lã. A blusa é fechada por dois botões cobertos com o mesmo tecido. Mangas "raglan" três-quartos. A cintura é ajustada por meio de nervuras.
Modêlo em lã fantasia. Os recortes da blusa descem pela saia, formando pregas. A gola, os punhos e o cinto, são executados em lã de tom unido.
Modêlo em lã azul marinho. As mangas, formando um só corpo com a blusa que transpassa na frente fechando com dois botões. As pregas da saia vêm, desde o alto da cintura. Gola e punhos de piqué branco.

Modêlos

1 Vestido em lã escocêsa branco, azul e vermelho. Dois panos plissados partem da blusa, descendo até a saia. Botões de galalite azuis. Gola de piqué branco, cinto de couro azul.

★

2 Modêlo em "Kasha" rosa pastel, blusa transpassada e abotoada com botões de cerâmica. Recorte em "V" também sôbre a saia que se alarga com uma prega funda. Mangas "chemisier".

★

3 Vestido em lã cinza azulado. Blusa "chemisier" fechada por botões de galalite e dois boleos. A saia em forma tem duas pregas laterais. Gola em seda branca.

★

4 Modêlo em lã marron claro, guarnecido de gola e botões em crepe mate chocolate. Na saia, quatro pregas só na frente. Botões de crepe mate.

★

5 Modêlo em lã cinza; gola branca, bolsos com viez branco. Saia com dois grupos de pregas na frente. Botões de galalite azuis.

★

6 Modêlo em lã azul claro. Recortes na blusa que se prolongam até a saia, aumentando a sua roda. Nas costuras, dois bolsos verticais. Mangas "chemisier".

★

7 Duas-peças em lã verde-escuro. O blusão é ornado de dois bolsos triangulares donde partem costuras que se prolongam até em baixo. Saia inteiramente plissada.

variados

1 Modêlo em lã marron. Duas pregas na blusa que se prolongam até a saia. Gola do mesmo tecido. Mangas longas e retas. Botões de galalite.

★

2 Vestido em lã fantasia em dois tons de azul. Botões de cerâmica azuis. Pala recortada na blusa, dando um sentido arredondado às mangas.

★

3 Modêlo em lã vermelha. Blusa transpassada, com duas carreiras de botões. A saia, ligeiramente em forma, é guarnecida de dois bolsos verticais.

★

4 Modêlo em lã fantasia. Na blusa dois pequenos bolsos superpostos, de cada lado. Saia em panos, em forma. Gola de panamá branco, cinto de couro marron.

★

5 Vestido de lã rosa. Recortes na blusa que se prolongam na saia, dissimulando uma prega profunda. Botões de cerâmica. Cinto marron.

★

6 Duas peças em lã azul, com gola, botões e lenço, em rosa pálido. O blusão apresenta recortes, sendo que num deles está o bolso. Na saia, duas pregas profundas.

★

7 Modêlo em lã escocêsa vermelho e branco. Blusa "chemisier" com gola branca e dois bolsos abotoados. Saia em pregas.

Elegantes

Modêlo em lã, estilo "chemisier". Pregas com botões na blusa e na saia. Mangas "três-quartos" formando uma só peça com os ombros. Saia com panos em forma.

Modêlo prático em lã quadriculada, com recortes pespontados. Mangas "três-quartos", incrustadas sôbre os ombros. Saia com pregas. Vestido de lã azul marinho. Blusa ajustada por duas peças que terminam na saia, abrindo em pregas. Punhos e gola de seda branca.

AOS QUARENTA ANOS...

A mulher inteligente, sabe tirar partido de si mesma, em qualquer época da sua vida. Mesmo depois dos quarenta anos, ela sabe que tem a obrigação de manter a sua elegância e, sabe também quais as coisas que lhe convêm mais. Um penteado, um "maquillage" ou um vestido jovem demais, a tornaria ridícula. Vestir-se de acôrdo com a idade, como pentear-se ou pintar-se, requer tato e discreção. Aqui, Peggy Wood, da Paramount Pictures, apresenta um penteado muito elegante próprio para a noite e que pode ser usado por uma mulher de quarenta anos...

PREMIO NOBEL

Madame Curie, escreveu a um amigo, em 1903, logo depois de ter sido contemplada, juntamente com seu marido, com o premio Nobel de fisica.

"Meu marido foi a Londres afim de receber a Medalha Davy, que nos foi concedida. Não fui com êle por medo da fadiga. Recebemos também o Prêmio Nobel. Não sei direito em quanto monta. Perece-me que cerca de setenta mil francos. Para nós, é dinheiro de sobra".

E mais adiante: "Estamos sendo literalmente inundados de cartas, fotógrafos e jornalistas. Minha vontade era cavar um buraco no chão e me esconder."

TEATRO

Com a chegada do cheque "Nobel" a vida do casal Curie se tornou menos angustiosa. Pela primeira vez puderam ter uma mobilia. E, levados pelo extraordinário entusiásmo que havia pelo movimento teatral não puderam se esquivar ao desejo de conhecer as celebridades do palco. No começo do século, Eleanora Duse fazia Paris delirar. Sarah Bernhardt arrancava soluços. Suzenne Després apresentava os dramas de Ibsen. E Lugné Poe apresentava "O Poder das Trevas" de Tolstoi. Destas noitadas teatrais, Marie Curie voltava satisfeita e deprimida. Os dramas produziam nela um efeito indefinivel que durava dias e dias. Para que se dissipasse a emoção que a dominava, era preciso que o marido a chamasse à realidade, fazendo pilhérias.

— Não se esqueça de que você foi ao teatro para se distrair! — dizia.

E com isso Madame Curie voltava a ser o que era, até que novo drama a deixasse de novo absorta.

COMO VIVER?

Quando Pierre morreu, vitima de um acidente de tráfego, Marie ficou possuida de uma tal dor que se pensava que jamais voltasse a ser o que fora antes. Afim de ajudá-la, uma amiga ficou com ela em sua casa, destruindo, queimando tudo o que pertencera ao morto. Depois dessa estranha cerimônia, Marie confessou:

— Eu sei que preciso viver. Eu tenho que viver. Mas, como? Como?

A solução veio no seu próprio gênio e na coragem de que sempre dera provas.

PRIMEIRA AULA

Com a morte de Pierre, seu lugar de professor na Sorbonne foi entregue a Marie Curie. Caso único na história da famosa Universidade. Jamais mulher alguma havia ocupado ali um pôsto no professorado. Por outro lado, era hábito que o professor fizesse o elogio do seu antecessor. A situação era tanto mais dificil, porque se tratava da viuva do ex-professor, e, mais que isso, uma viuva célebre, cujo desespêro era conhecido no mundo inteiro. Iria falar do morto? Iria agradecer a honra que lhe era prestada, por ser a primeira mulher a ocupar uma cátedra na Sorbonne?

Marie Curie entrou, vestida singelamente de preto, esperou que cessassem as palmas e começou: "Quando tomamos em consideracão o extraordinário progresso da física nestes últimos dez anos, é com enorme surprêsa que verificamos o seu desenvolvimento no campo da eletricidade..."

Marie retomara as últimas palavras de seu marido e prosseguira a lição como se jamais tivesse sido interrompida.

PRÊMIOS

Êstes foram os prêmios concedidos a Marie Curie:

Prêmio Gegner, da Academia de Ciências de Paris (três vezes). Em 1898, 1900 e 1902.

Prêmio Nobel de Física — 1903 (juntamente com Pierre e Henri Becquerell).

Prêmio Osiris — 1904 (Sindicato de Imprensa Parisiense).

Prêmio Actonian — 1907 (Instituto Real da Inglaterra).

Prêmio Nobel de Química — 1911.

Prêmio Pesquisas Ellen Richard — 1921.

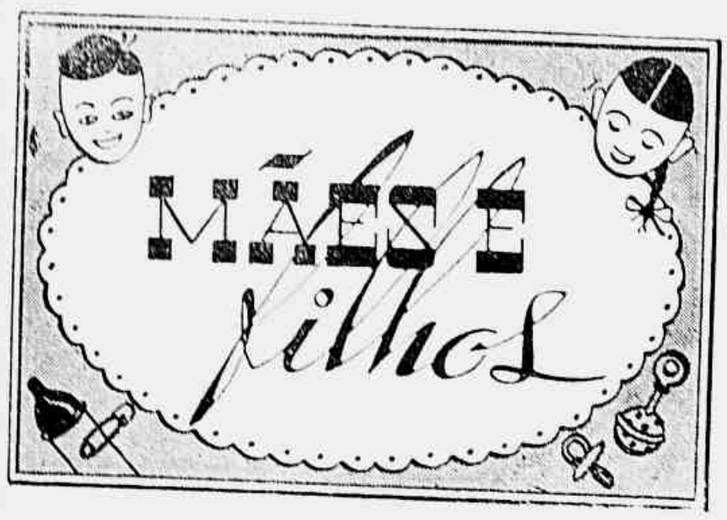
Grande Prêmio Marquês d'Argenteuil — 1924.

Prêmio Cameron (Universidade de Edinburgo) 1931.

Mais quinze medalhas e condecorações. Quanto aos titulos honorificos sobem a cento e dez, inclusive o titulo que lhe concedeu a Academia Brasileira de Ciências, a Sociedade de Quimicos de São Paulo, a Associação dos Farmacêuticos Brasileiros, o que prova que o Brasil não se esqueceu de honrar essa mulher extraordinária, cujo gênio é uma das maiores glórias do século vinte.

Marie Curie repousa no cemiterio de Sceaux. Na sua sepultura reza apenas "Madame Curie". Não precisava mesmo dizer mais nada.

(Selecão de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA).



ASSISTÊNCIA MÉDICA À INFÂNCIA

Uma das notícias mais sensacionais da semana passada e de que os jornais pouco se ocuparam foi a socialização da medicina na Inglaterra. Nós, que vivemos no "vasto hospital que é o Brasil", mas sem leitos, teremos forçosamente de lançar olhares compridos para o outro lado do oceano, pasmados pela facilidade com que os inglêses resolvem os seus problemas. E se pensarmos que os problemas de lá estão muito longe da intensidade e gravidade dos de cá, mais ainda admiramos a capacidade dos súditos de Sua Magestade Britânica.

E o que é mais [illegible] nesta história é o caso de ter sido resolvido sem comunismo e com rei e tudo. Na verdade os inglêses estão querendo ensinar alguma coisa ao mundo inteiro e, neste particular, nós, os brasileiros, deveríamos estar atentos às suas lições para que progredíssemos, ao menos neste setor [illegible] o de saúde. E o momento não poderia estar mais a calhar, quando se cogita da criação de um ministério de saúde; e seria bom, então, que os homens do Brasil compreendessem que um ministério dêste gênero não deveria se compor de burocratas "made" Dasp, mas de técnicos como médicos, enfermeiras, laboratoristas, psicoterapeutas e assistentes sociais.

Tudo isto que acabei de falar, notícias auspiciosas para a humanidade e hipotéticas para o Brasil, são como um comentário à nossa realidade pavorosa em matéria de auxílio médico à infância nesta terra. Nem é preciso que falemos em plano Salte, este observa em números, mas os que conhecem o ambiente dos nossos morros, das casas de cômodos e das nossas escolas primárias sabem de uma forma mais figurada e expressiva o quanto a nossa população necessita de assistência médica, e não apenas assistência terapêutica, mas higienizadora, e orientadora sôbre formas racionais de viver e de agir.

Ainda mesmo quando há esta assistência médica, o médico assume a figura de um pregador: na consulta prega o que se deve fazer, mas ... e depois? Onde o dinheiro para comprar remédios e vitaminas? Onde a dieta adequada para cada enfermidade? Onde a habitação arejada, arejada e equilibrada, digna de abrigar o rei da criação, e não locas e casas como muitas delas? Não há conforto algum para o paciente saber apenas de que doença sofre, receber um nome técnico e continuar no mesmo estado de coisas.

Em questão de saúde, como em outras mais, a infância do Brasil, a mais flagelada, germina sem assistência médica, vaga sem ela e morre nos primeiros anos de vida, aos magotes, também sem proteção adequada. Quando os que escapam desta matança geral, pela seleção natural da espécie, atingem a adolescência, levam ainda assim para a idade adulta todas as marcas da subalimentação, dos anos vividos e dos complexos mentais que o ambiente imprime.

Não digo que alcançemos sem mais tardar a situação ideal da Inglaterra, neste ponto pois, entre ela e [illegible] em que vivemos há muitas décadas [illegible] mas que poderíamos fazer algum [illegible] se estivéssemos dirigidos de boa vontade [illegible] os homens dêste país tenho a menor dúvida.

Poderíamos por exemplo, empregar nos serviços médicos mais modestos que [illegible] e exigir dêles não só as mais técnicas que a [illegible] de um serviço público, poderíamos criar um fundo nacional de saúde, arrecadando [illegible] para tal fim, [illegible] e verbas extraordinárias [illegible] para ser integralmente empregado em leitos, medicamentos e recursos para instalar em 5 anos a saúde da população. Mas eu poderia [illegible] aqui, enfileirando poderosas [illegible] se o espírito [illegible] um fim. Mas a culpa de tantas hipóteses é a situação do homem moderno, envolvido numa de múltiplas formas de vida, sendo, ao mesmo tempo, se [illegible] uma quantia de [illegible]

ZOLA DE LAET

Veludo negro e rosas pálidas

Veludo, penas verdes e véu

PARA o Grande Prêmio Brasil, já se prepara o mundo feminino Oportuníssimos, portanto, são êstes chapéus que nos vêm de Paris.

★

Tafetá verde, listas brancas

Chapéus

Breton marinho e branco, organdi plissado

Feltro negro, "aigrettes" negras

Feltro rosa, plumas brancas

HEROÍNA SÉCULO XX

D. Eunice Weaver é dessas pessoas que não passam desapercebidas na multidão. Não por ser majestosa e alta, é claro, porque há muito gigante por aí em que a gente esbarra e passa adiante, como se tivesse encontrado uma pilha de sacos. O que impressiona em D. Eunice é a expressão de segurança do olhar, o belo sorriso de quem não tem medo. Os que não a conhecem a olharão com simpatia. Os outros, mais felizes talvez a cumprimentem sorrindo, talvez tirem silenciosamente o chapéu. Mas com tôda a certeza hão de pensar: — Se houvesse uma Eunice Weaver para cada problema social do Brasil, outra seria a nossa gente, outras as nossa perspectivas.

Ela é presidente da Federação das Associações de Assistência aos Leprosos e Defesa contra a Lepra. Há treze anos corta os céus do Brasil, de norte a sul, levando o confôrto de sua presença aos que sofrem a mais terrível das enfermidades, levando a sua experiência e a sua inabalavel coragem aos apóstolos da grande cruzada. Há poucos dias chegou de Havana, onde representou o Brasil na V Conferência Internacional da Lepra; é esta a quarta reunião internacional a que comparece como delegada brasileira: em 1938, no Cairo; em 1939, como presidente, no Rio; em 1942, em Washington, sua presença tem sido a mais bela afirmação do valor feminino. Em 1946 foi convidada pelo govêrno paraguaio para criar no país vizinho uma associação semelhante à Federação; e pelo seu desvêlo nessa missão foi condecorada com a "Ordem do Mérito", distinção jamais conferida a uma mulher.

Mas, na tarefa gigantesca de combate à lepra a menina dos olhos de D. Eunice são os preventórios para filhos de lázaros. Três mil crianças estão abrigadas nos 24 estabelecimentos espalhados por todo o Brasil; mais de sete mil senhoras, reunidas em 152 associações trabalham para reintegrá-los na sociedade completamente isentos da pecha de suspeitos.

Foi dura a luta contra o preconceito, contra o medo inspirado pelos filhos de leprosos. Escorraçados do convívio de outras crianças, mal recebidos nas escolas, temidos como a sombra da desgraça, só tinham um destino: refugiar-se no lar contaminado e adquirir a moléstia impiedosa. Em seus dezessete anos de existência, a Federação lutou para que a sociedade admitisse a verdade científica: a lepra não é hereditária; afastado do foco do contágio, o filho de lázaro é um indivíduo normal. Foi nessa luta que D. Eunice teve a maior emoção de sua vida: ver as crianças do Educandário Carlos Chagas, de Juiz de Fora, desfilando entre os outros colegios, na Semana da Pátria em 1944, sem que os outros meninos se sentissem constrangidos ou amedrontados com sua presença. Há pouco, no Paraná, outra grande vitória: os escolares de Curitiba ofereceram uma grande festa aos meninos do preventório, todos confraternizando na mesma límpida alegria de infância.

Numa vida assim, não há lugar para os gostos fúteis, para as distrações do diletantismo. As leituras prediletas tratam de problemas sociais modernos. Há um romance brasileiro assinalado — "Capitães de Areia", de Jorge Amado — pela fôrça com que aborda o problema da infância abandonada.

Escreveu dois livros: a vida de Florence Nithingale e "A História Maravilhosa da Vida", pequeno manual precioso para os pais atormentados por certas curiosidades das crianças. E seu ideal é escrever ainda. Escrever livros úteis e objetivos sôbre os nossos problemas humanos.

Resta dizer que d. Eunice Weaver, paulista criada no Rio Grande do Sul não se dedicou à assistência social para encher o vazio de uma vida desinteressante ou infeliz: é espôsa e mãe felicíssima, dama do mais alto prestígio social. E, como escreveu Frederico del Villar: "Não tem qualidades ascéticas; é alta, saudavel, inteligente, loquaz, com um grande "charme" de maneiras e de palavras." E' a bondade século XX. Foi às Filipinas, à China, ao Japão, a Makolal, às Indias para estudar lepra, como outras vão para curar "spleen". Vale a pena procurar um adjetivo para essa vida?

SARAH MARQUES

ALGUMAS RESPOSTAS

[illegible]

Lã azul-marinho, aplica-ções em branco.

JÁ se preparam as nossas elegantes para a grande corrida da Gávea, a já tradicional festa de beleza e elegância. Nestas páginas oferecemos algumas sugestões de famosos costureiros franceses, próprias para a ocasião.

[illegible]

Lã cinza pérola, botões e cinto preto.

Ao alto: De Paquin, vestido em jersey de lã listrado, formando desenho na saia. Amplo casaco de jersey de lã verde bandeira. Modêlo em seda preta, com original movimento na saia. Blusa, mangas e parte da saia bordados em "pailletés". Creação de Jean Dessès. De Robert Piguet, modêlo em veludo verde, faixa de tule preto terminando atrás no comprimento da saia

Recepstake

SIM, você tem razão; a nossa alimentação deve ser orientada de acôrdo com o clima do local em que vivemos. Sempre consideramos o nosso povo pessimamente alimentado, levando-se em conta, principalmente, o que êle come durante o verão. Feijão, carnes, tutús, angús, e muitos outros pratos que pelo fato de serem gostosos não se justificam no menú daqueles que vivem em climas quentes. Sòmente no inverno, certas extravagâncias podem ser permitidas e, quanto ao verão, o que significa dizer-se durante quase todo o ano, a nossa alimentação deveria consistir principalmente de legumes e frutas. Assim, não só suportariamos melhor uma temperatura elevada, como estariamos fazendo um grande bem ao nosso organismo. Futuramente, daremos a você, receitas leves, próprias para o verão. Por enquanto, aproveitamos êstes dias menos quentes aos quais nos habituamos a chamar de "inverno".

★

BIFES À HAMBURGUÊSA

Ingredientes: 500 grs. de alcatra, 200 grs. de banha, 125 grs. de manteiga, 1 gema, 1 colher, das de sopa, de extrato de tomates, 1 cebola, sal e pimenta.

Preparação: Trata-se a carne, pica-se com uma faca e passa-se na máquina. Feito isto, juntam-se-lhe a gema, o extrato de tomates, uma pitada de pimenta e sal. À parte, corta-se a cebola em pedacinhos que se fritam ligeiramente com um pouco de manteiga e junta-se à carne. Em seguida, põe-se tudo numa tábua polvilhada com farinha de trigo, divide-se em diversos pedaços, à vontade, dando-lhes a forma de bifes. Fritam-se de ambos os lados na banha bem quente.

★

PURÉ DE FEIJÃO

Ingredientes: 500 grs. de feijão; 100 de manteiga ou banha, 1 cebola, 3 tomates, sal, salsa.

Preparação: Trata-se e cozinha-se o feijão e depois escorre-se e passa-se numa peneira. À parte, põem-se a manteiga, ou banha, em uma caçarola e leva-se ao fogo. Quando estiver quente, juntam-se-lhe a cebola e a salsa picadinhas, os tomates sem a pele e as sementes e o sal suficiente para temperar. Em seguida, acrescenta-se a massa no feijão, mistura-se tudo muito bem e deixa-se ficar no fogo até tomar consistência de puré, mexendo-se sempre para não queimar.

★

CREME DE CIDRA

Ingredientes: 120 grs. de açúcar, 120 grs. de creme de leiteira, 2 litros de leite, 2 claras, 1 pedaço de casca de cidra.

Preparação: Batem-se as claras com o açúcar e depois juntam-se-lhes o leite e a casca de cidra. Mistura-se tudo muito bem e leva-se ao fogo em banho-maria, mexendo-se continuamente. Deixa-se ferver um pouco e em seguida retira-se e deixa esfriar. Passa-se então por uma peneira e acrescenta-se o creme de leiteria. Mexe-se e despeja-se na sorveteira, levando-se em seguida à geladeira para congelar.

★

PONCHE ORIENTAL

Ingredientes: 500 grs. de açúcar, 1 litro de Rum, 1 limão, 20 grs. de chá preto.

Preparação: Numa vasilha funda põe-se o chá, o limão descascado e sem as sementes, cortados em tiras delgadas e a casca do mesmo. Em seguida, junta-se-lhes o açúcar e um litro de água fervendo. Mistura-se tudo, cobre-se e deixa-se ficar de infusão, durante meia hora. Findo êsse tempo, acrescenta-se o Rum. Na ocasião de servir, aquece-se sem deixar ferver.

"DISC JOCKEY"

O "broadcasting" brasileiro ressentia-se de um programa como o que a Radio Globo lançou, sob o comando e orientação de Louis Serrano. E' que o impulso tomado pela industria do disco, em nossa terra, estava a exigir um "broadcast" especializado, nos moldes dos que são apresentados pelas estações norte-americanas. Tendo como finalidade, o estudo completo de uma gravação, a que não escapa o valor da melodia posta na cêra, as qualidades vocais do cantor, o mérito da orquestra e de seus músicos, essas apresentações, em geral, conquistam a simpatia dos afeccionados da música em conserva, colocando-se em boa posição entre os demais programas. Louis Serrano que, com a larga experiência adquirida no rádio americano, lançou o mais completo "disc jockey" apresentado entre nós, é perfeito conhecedor do assunto. Além disso, sabe selecionar o material a ser levado ao microfône. Suas apreciações a respeito dos numeros irradiados, a maneira clara e audivel com que pronuncia o nome dos famosos instrumentistas tanques, assim, como o senso artistico de que é dotado, são a garantia do sucesso alcançado pelo "disc jockey" da PRE-8. A propósito do lançamento dêsse cartaz, surgiram os "pioneiros". Porém, Louis Serrano não faz questão de ser o primeiro a apresentar um programma dessa espécie no rádio carioca. Seu desejo foi, unicamente, oferecer aos amantes da música em conserva, o mais completo "broadcast" do gênero que já se fez nas ondas hertzianas do Brasil. Quanto ao resto, é coisa secundária.

A. MIGUEIS

EMBRACEABLE YOU

De George Gershwin.

Embrace me, my sweet embraceable you.
Embrace me, you irresistable you.
Just one look at you, my heart grew
[tipsy in mine.
You and you alone bring out the gypsy
[in me.
I love all the merry charms about you,
[above all
I want my arms about you.
Don't be a naughty baby, come to papa.
Come to papa do, my sweet embraceable
[you.

ALUGA-SE UM COSAQUE

Samba de Walter Tocchini, Alberto Ribeiro e Eugenio Lucas

Alugo-se um coração
Não procuro dinheiro
Troco por cachaça
Quando é muito amor
Serve bem de noite
Que seja mulher de olhar
Não falsa nem boca
Pra quando eu quiser beijar.
Quem não saber escrever em envelope
Não se deve apresentar
Procura fazer um "ninho"
Pra dois corações
Longe de curiosidade
Quero paz e sossego
Um canto bem arrumado
em forma de ninho

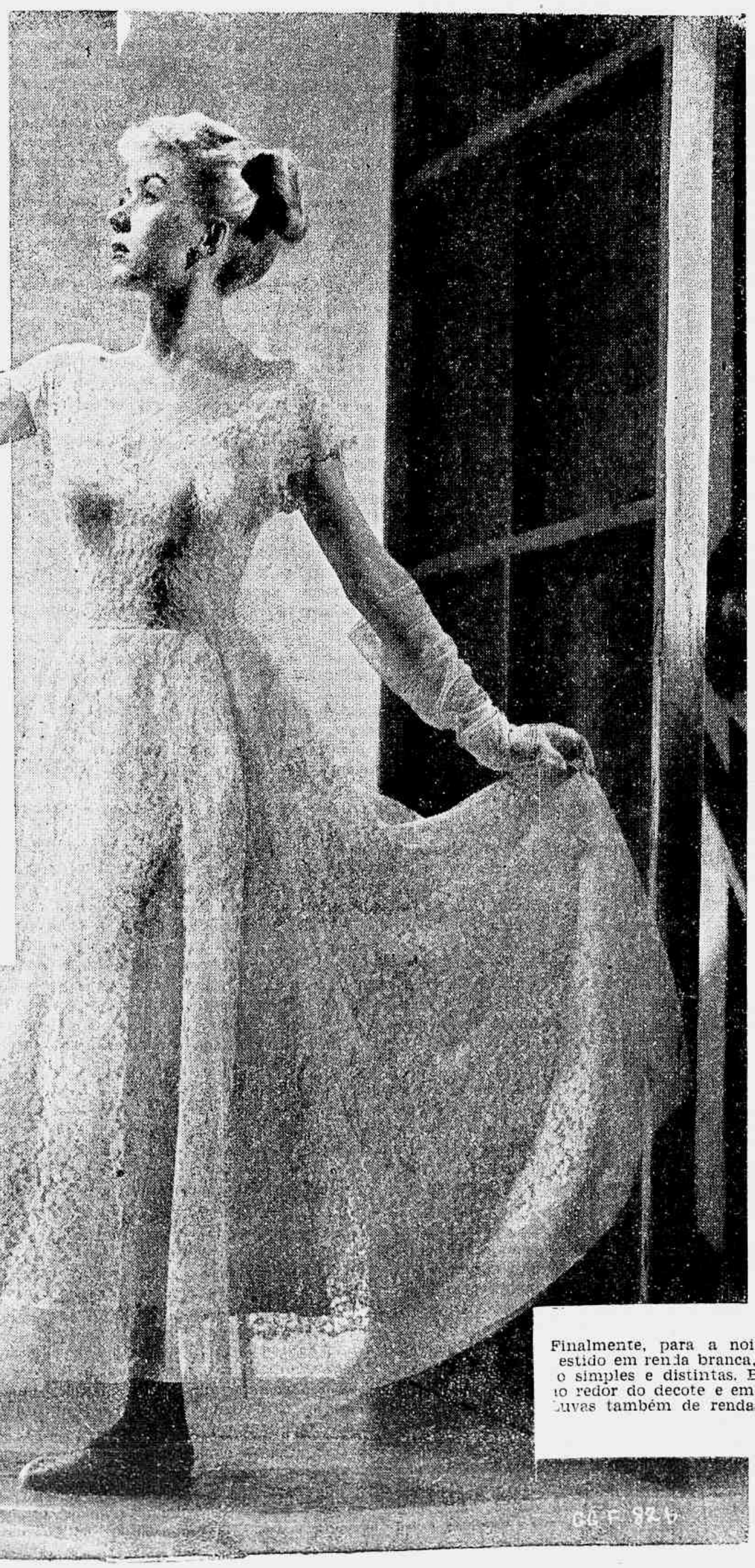
Gloria Grahame, "estrêla" da RKO Radio, exibe os seus mais recentes modelos, inspirados já no "new look". Miss Gloria, como aliás quase tôdas as americanas apenas estão reagindo aos ombros arredondados, ponto em que discordam dos costureiros francêses.

Um "habillo" muito simples. E' feito em lamé côr de chumbo, de linhas retas, pestanas pespontadas no lado esquerdo da saia e sobre o ombro direito.

Sugestões DE GLORIA GRAHAME

Elegantíssimo "duas-peças" para a tarde composto de saia estampada imitando renda. Jaqueta em tom unido com "basques" laterais. Gola redonda.

"Duas-peças" de veludo escocês. Saia "godet". Jaqueta curta, gola alta, laço de veludo em tom unido. Punhos virados.



Finalmente, para a noite, maravilhoso vestido em renda branca, de linhas muito simples e distintas. Barra de "tulle" ao redor do decote e em baixo, na saia. Luvas também de renda.

★ O Departamento de Comércio e o Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos dividiram-se sôbre a lei que visa tornar as linhas aéreas não licenciadas sujeitas aos regulamentos do conselho. H. C. McCoy, diretor do escritório de Comércio Doméstico do departamento, declarou no sub-comité de Comércio do Senado que uma "certa quantidade de regulamentação" do assim chamado conjável. "Mas", disse êle, "a lei pendente no Senado trato de emprêsas aéreas de transporte era desefoi demasiado longe." Emory T. Nunneley, consultor geral do conselho, recomendou a aprovação da referida legislação com algumas emendas de menor importância. A Associação do Transporte Aéreo também favoreceu a lei. Robert Ramspeck, vice-presidente da Associação, disse que a legislação viria "preencher uma séria lacuna" no atual sistema regulador do govêrno sôbre as operações aéreas civis.

★ O Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos rejeitou as reclamações e pedidos de suspensão feitos pela Pan American Airways e pela Panagra contra a rota latino-americana da Braniff Airways. Indicou o Conselho que uma audiência naquela ocasião sôbre as petições iria "lançar uma sombra negra" sôbre a rota da Braniff.

★ Foi recomendada a expedição de uma licença para emprêsa de transporte aéreo estrangeira, em favor da British Caribbean Airways, Ltda., para prestar serviço entre Kingston, na Jamaica, e Miami. A recomendação foi feita em relatório do Examinador do Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos, sr. Lawrence J. Kosters.

★ O Serviço de Transporte Aéreo Militar dos Estados Unidos, recentemente organizado, — uma consolidação do Serviço de Transporte Aéreo da Marinha e o Comando do Transporte Aéreo da Fôrça Aérea — iniciou suas operações a 1.º de julho. A fôrça inicial do novo serviço é constituida de 215 aviões quadrimotores "R5D" e "C-54" e 59 bimotores leves "R4D" e "C-47". A organização é guarnecida por cêrca de 12.000 pessoas.

★

Transcorreu a 10 de julho mais um aniversário da fundação da Escola de Aeronáutica. Em comemoração à data foi organizado um vasto programa de festividades, entre as quais a recepção ao exmo. sr. presidente da República, o compromisso à Bandeira pelos cadetes do Ar e recrutas da Escola, a oferta de um espadim ao comandante da Escola pelos cadetes do Ar, a entrega de espadins aos cadetes do Ar matriculados em 1948 e um desfile em continência às autoridades.

★

O tráfego comercial aéreo entre a Europa e a América do Sul esteve recentemente interrompido em consequência de uma greve do pessoal da manutenção do aeroporto francês de Dacar. Os aviões de tôdas as companhias aéreas que fazem a travessia do Atlântico através daquele aeroporto, inclusive a Panair do Brasil, foram obrigados a retroceder a Lisboa, durante a noite, em virtude dos holofotes de aterragem se acharem apagados e de estarem paralizados todos os demais serviços.

★

A Diretoria de Aeronáutica Civil concedeu novo prazo às companhias de navegação aérea para apresentarem suas propostas sôbre a tarifa única a ser organizada por aquela diretoria.

★

Um vespertino local noticiou há pouco ter o ministro da Agricultura cedido dois helicópteros de seu Ministério para dar buscas nas selvas amazônicas à procura do tenente Gomes e, assim, ficamos sabendo ser o govêrno possuidor de duas unidades daquele tipo de aeronaves. Mas não foi isto que nos surpreendeu na notícia e sim a informação, em seguida, de que havia uma dificuldade: era que o ministro não sabia onde se encontravam os aparelhos. Será possivel isso?

★

Em resposta às declarações feitas pelo sr. Ary Loureiro Botelho, irmão do sargento Amaury, um dos tripulantes do "Catalina" que caiu há tempos na região do Aquiqui, no Pará, escreveu o sargento da Aeronáutica George Aires um artigo na "Folha do Norte", demonstrando a impossibilidade de existir ainda algum sobrevivente daquele desastre. O articulista participou da expedição que recolheu os restos mortais das vítimas.

★

Um helicóptero, a bordo do qual se achava André Labarthe, cientista e jornalista francês conhecido por suas investigações sôbre a energia atômica, aterrou recentemente sôbre o terraço do edifício das "Galerias Lafayette", perto da praça da Ópera, em Paris. Essa aterragem, que repetiu o feito de Vedrines em 1919, se bem que êste em circunstâncias mais difíceis, efetuou-se com perfeita técnica. O aparelho, que procedia de Londres, era pilotado por um aviador inglês.

Ao sair do aparelho, Labarthe declarou:

— Não realizei um grande feito. Quis somente provar que o futuro pertence a êsses "helitaxis" que podem pousar num espaço reduzido e assegurar ligações rápidas e perfeitas.

★

Um avião "C-47", em vôo de treinamento, caiu ao solo na base aérea de Greenville, Carolina do Sul, Estados Unidos, incendiando-se. Em consequência, perderam a vida os seus dois tripulantes.

★

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

MÚSICA

FANTASIA BRASILEIRA ★ E O LOBO ENGOLIU O "SPEAKER" ★ PEDRO, PROKOFIEFF E UMA ORQUESTRA INDIFERENTE ★ NO CONSERVATORIO BRASILEIRO DE MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Para REVISTA DA SEMANA)

Os concertos nominais da Orquestra Sinfonica Brasileira revelam a ausencia de um público disposto a sacrificar seu repouso matinal a fim de acordar ao Rio de Janeiro para ouvir um pouco de musica. Os ouvintes francos espontaneos, generosos que acolhem a execução das obras que compõem o programa revelam um entusiasmo pela arte que deve ser cuidadosamente cultivado e favorecido com novas e mais frequentes oportunidades de estabelecer contacto entre essa parcela composta principalmente de pequenos musicos e de tesouros musicais que somente chegam ao ouvido dos privilegiados frequentadores do Teatro Municipal.

Uma outra falha sumamente dêsses concertos é a apresentação que ali se faz só a base de diversos repertorios de estreia e sacrificam obra de compositores brasileiros sobretudo de contemporaneos.

Passam-se geralmente meses sem que um bom ouvido ouça e ouvir o que a sua produção as leis práticas necessarias que essa audição torna-se raríssimas. Sem contacto com os ouvintes o compositor desanima ou erra na escolha dos efeitos de orquestração. Pudera. Pois se nunca ou quase nunca sentem a sua arte "realizada" plenamente "vivida" na execução de uma orquestra.

FANTASIA BRASILEIRA

Desconhecendo as duras as dificuldades que tornam a profissão de compositor um ato heroico em nosso meio, não gostaria de tratar com severidade um artista como o sr. Radames Gnattali que já conta para recomendar seu nome com coisa melhor do que essa Fantasia Brasileira que tive oportunidade de ouvir num desses domingos.

Fica ainda a uma nota muito estreita do nacionalismo em musica a Fantasia que se intitula brasileira pretende estilizar uma melodia simples consagrada adornando-a com efeitos orquestrais acompanhados de um solo de piano.

Francamente não fiquei muito feliz o sr. Gnattali a orquestração, que se perde num jôgo superficial, como certos jogos de artifício sinfônicos de Mignone não é de grande originalidade. Cordas e metais são empregados em contrastes que revelam a competencia do perito, estilo em maneira de "arranjos" musicais que é inegavelmente o sr. Gnattali. A impressão que fica, porém, é de que o longo convívio no rádio vai roubando a personalidade do sr. Gnattali transformando seu talento num instrumento mecânico e convencional, desvirtuando-o de pesquisa de trabalho bem difícil, árduo, mas em última análise compensador pois forja uma expressão musical vigorosa e sugestiva, levando o compositor das "formulas" gastas e banais.

O LOBO ENGOLIU O "SPEAKER"

O programa do mesmo concerto anunciava Pedro e o Lobo, de Prokofieff, que recentemente Walt Disney nos ofereceu em encantadora versão cinematográfica. A orquestra que já conhece bem a partitura pareceu extremamente indiferente à sua ingênua beleza ao sabor de lenda tremendamente com que Prokofieff conseguiu dar à música um sugestivo tumo musical. Faltou graça leveza, ritmo mais bem marcado, melodias mais atidamente acentuadas, faltou em suma tudo na execução tenta confusa, pesada.

O mais curioso, porém, foi o que aconteceu com o "speaker". Um narrador experimentado como o sr. Celso Guimarães fez esforços inauditos para vencer a resistência de um microfone traiçoeiro. Infelizmente temos que registrar um total fracasso. O sr. Celso Guimarães, entretanto quando conseguiu fazer-se ouvir pareceu ao tom adequado e na riqueza de inflexões que, não fôra o microfone ingrato teria conseguido um grande sucesso. Mas ao longe o ouvimos mal percebíamos uma frase ou outra.

As crianças que pretendiam ouvir a obra de Prokofieff saíram tremendamente desapontadas. E não esconderam a sua impressão. Pelo contrário. Durante a execução de Pedro e o Lobo muitos perguntavam, alto e bom som, com a franqueza própria da idade:

— Papai, o que é que êle está dizendo? Não entendi nada... Que é que êle está dizendo?

CONSERVATORIO BRASILEIRO DE MUSICA

A professora Leonor de Freitas do Conservatorio Brasileiro de Musica organizou recentemente um recital de alunas que mostraram ser aproveitamento interpretando peças escolhidas especialmente pela professora de acôrdo com a idade e o temperamento de cada uma.

Menina desde a idade de cinco anos trouxeram ao público que as aplaudiu o melhor mostrar de eficiência de seu mestre.

A prof. Leonor de Freitas cercada por suas alunas, que atressaram recentemente em aplaudido recital.

"Repeat performance"

(Continuação do número anterior)

Continuavam a ser programados os espetáculos especiais para dois de dezembro que só os grandes hotéis permitem. O rei Barney fazia [illegible] [illegible] [illegible] de entretenimento extraordinário. Ninguém se dá por a saber o espetáculo não [illegible] que ele estava programado. Um [illegible] com o Sr. [illegible] [illegible] dia.

No dia do aniversário de William ele ia [illegible] para casa, como de costume, ou mais do cedo para a Vila Sol. A mesa [illegible] William, Eleanor, Bob Barney, Bob Atkins, Paula [illegible] A Sheila [illegible] Eleanor que [illegible] que tocou [illegible] "Happy Birthday To You".

— William uma vez quase [illegible] William [illegible] por causa disso — observou Bob, em tom de troça.

Eleanor [illegible] apenas [illegible] — Não [illegible] Sheila [illegible] Page e Paula [illegible] — O [illegible] que se fez de [illegible] que [illegible] ela [illegible] — Que foi que eu disse? Eu [illegible] Paula [illegible] que fosse [illegible] de gente de [illegible] Não é que eu [illegible]

Sheila tentou [illegible] embora [illegible] que [illegible] em [illegible] — Barney... [illegible] Guilt [illegible] que ele [illegible] algumas modificações na peça [illegible] e [illegible]

— Mas o Guilt não vai apresentar a peça de Barney. Vai apresentar a opereta de Hilpartner. Eu sei porque estou [illegible] a peça.

A terceira mulher teria [illegible] mais mais. Porém Sheila não estava mais ali para [illegible] Apertara o capote e correra para a porta. Ao [illegible] a voz [illegible] de William. — P'ra que você abriu essa [illegible] — A porta [illegible]

Foi [illegible] uma festa para o elenco após a [illegible] do Dia de Graças. Todos os atores se reuniram do palco para comer o peru e beber o champanha. Friday ofereceu uma taça a Sheila, e tentou sorrir quando ela a recusou. — Formidável! — [illegible]

— Formidável! Eu gostaria de ver um bruto provocar alguém que se abeira. John. — Não fora sua intenção revelar o seu aborrecimento. Achou de que Barney estava ali também, e poderia ouvi-la. Mas as palavras de [illegible] escaparam-lhe dos lábios. — Eu gostaria de [illegible] de que todos [illegible] não passam de bostas.

— Sôbre Paula e Barney? — perguntou John. — Você tinha razão, Sheila. Não sei como você pôde prever, mas você tinha razão. Eu não a culpo para esta festa. Que é que você pretende fazer, Sheila?

— Não sei. — A voz dela exprimia temor. — O tempo está passando. Já estamos quase no fim de novembro. Dezembro vem aí. Resta tão pouco tempo para evitar o pior! Eu [illegible] as [illegible]. — Não sei o que você quer dizer, Sheila.

— Eu sei. Mas não posso explicar. Sinto-me tão só em tudo isso. — E [illegible], como a querer criar coragem. — Precisamos retirar-nos daqui. Isto aqui não é lugar que convenha a Barney. Olha para êle. — O desespêro espelhava-se nos olhos dela quando se dirigiram para onde estava Barney. Um Barney completamente embriagado, turvolento, grosseiro.

Mas quando ela achou que era tempo de retirar-se, quem podia dizer onde Barney se metera? Ela o teria procurado inutilmente se Eleanor Shaw não estivesse ao lado de um dos refletores do palco. Eleanor observava-a procurando o marido. Visivelmente Eleanor vinha-se mostrando desgostosa com William.

De repente ela virou um dos refletores dirigindo o seu marido para uma, para um dos camarotes acima do proscênio: onde duas figuras se confundiam num estreito abraço. O homem ainda se podia dizer quem era. Mas a mulher era um ser desesperado, que ainda tentava os seus custosos agasalhos.

Ao bater a luz do refletor, Barney levantou-se e aproximou-se do parapeito. Inclinou-se melodramaticamente, tentou a pleno pulmões:

> Que luz matina penetra pela janela!
> E' Julieta! E' o sol!

E voltou-se, ao pronunciar o nome de Julieta, para apontar Paula, que se conservava imóvel sob o facho de luz. Sheila viu-a perder o equilíbrio e cair por cima do parapeito, para ir choocar-se violentamente contra as cadeiras da platéia. Antes mesmo que ela pudesse sequer alcançar a ribalta. Num outro mundo, assim pareceu, Paula começou a gritar.

★

Ela nunca mais poderia esquecer a sala de espera do hospital onde finalmente lhe deram notícias do estado de Barney. Três semanas haviam decorrido após o acidente. E durante todo êsse tempo ela permanecera no hospital, esquecida de especialistas examinavam radiografias e faziam diagnósticos. Chorou, era um dia [illegible] e ali estava ela, em companhia do atemorado John, para ouvir o veredito.

— O choque e a hemorragia causaram a paralisia das pernas — declarou o médico-chefe, em tom sóbrio.

Sheila [illegible]. Ela não quisera que fosse assim. Não queria ver Barney sofrendo para que as coisas fossem diferentes. Mas agora ele precisava dela e isso [illegible] para que o casal voltasse a ser feliz. — Mas... é para sempre?

— Por enquanto não se pode dizer que seja sua. Page. Tem havido casos de pessoas no estado em que se encontra o seu marido andarem no fim de uma semana, de um ano. Mas outros nunca mais podem andar. Tudo depende do seu cuidado e de sua compreensão. Ele não pode excitar-se, não pode contrariar-se, não pode beber. Do contrário... poderá haver nova hemorragia, com paralisia permanente, e até...

Sheila percebeu o perigo que aquela hesitação ocultava. — Diga, doutor, eu lhe peço.

— Ele pode até ser acometido de loucura furiosa. Conquanto seja uma possibilidade remota, eu estou certo de que com o seu cuidado e compreensão... e com a sua paciência...

O que a paciência poderia significar. Sheila se viu a saber quanto levaria Barney para cair da sua cadeira de rodas. O seu bom rosto agora emaciado assumiu uma permanente expressão de amargor. Ele deixava-se ficar sentado num homem liberdade à espôsa, como se não a ouvisse e recusando-se a dar resposta a mais cerrada observação que ela lhe fizesse. E ela sabia, mas não se atrevia a dar a entender-lhe qual era a causa de tudo. **Paula não o visitava. Ele nunca mais tivera notícias dela.**

— Vai dia lhe falará. — Dizia Paula, para acalmá-la, compreendendo que ela devia sentir-se cada vez mais acabrunhada à medida que os meses iam passando. — Quando passar o choque lhe falará.

Sheila sorria, agradecida. — Foi sorte o que houve, John, por causa da peça.

— Não pense nisso. A sua substituta pode continuar trabalhando por mais algum tempo. Se você puder recomeçar a trabalhar no Natal, será bom.

— Creio que poderei. — Ela parecia desesperada. — Espero que sim.

Sheila estava ainda se esforçando para compor alguma maneira de silenciar que havia dos vida resistindo a todos os golpes, quando uma tarde Ross se lhe visitou, pedindo-lhe a notícia de que William Williams fora internado num manicômio. Pela sra. Shaw, ela [illegible]. — Ela desconhece os pormenores do caso, mas a sra. Shaw foi levada para um hospício num estado lastimável, e William está no hospício.

— A sua vida [illegible] muito pesar, Ross. — Disse Sheila com certa desilusão.

Naquela mesma tarde ela pôde provocar um sorriso [illegible] com a criada para dizer que ela [illegible] se [illegible] e [illegible]. Sempre sorrindo, apenas à sala de visitas. Cada vez [illegible] [illegible] [illegible]

Êle sorriu frouxamente, ao vê-la. Mas enquanto o guarda não recuou para a parede, onde ia aguardar o têrmo da entrevista, não disse nada. Estava analisando a fisionomia dela com estranho pavor. — Você previu isso, lembra-se? Uma sra. Shaw, e eu... no manicômio? Como vai o Barney, Sheila? Que é que êle faz agora?

— Êle está em casa — respondeu Sheila, com um suspiro. — Há muito pouca probabilidade de êle voltar a andar. Eu não sei o que acontecerá. Sinto-me tão confusa! A primeira vez...

— Você uma vez tentou dizer-me que "agora" queria dizer um ano atrás, e que você já havia passado por tudo isso. — William falava com voz tranquila. — Creio que começo a compreender. Mas, Sheila... Barney está paralítico, **e isso não aconteceu na primeira vez.** Quer dizer que o destino se enganou! E enquanto êle corrige o êrro, quem sabe se nós nos podemos livrar dele? De que é que nós estamos querendo fugir, Sheila?

— Eu matei Barney, William. Assassinei-o com um tiro. Foi na véspera do Ano Novo.

— Você quer dizer na próxima véspera de Ano Novo? — E esperou que ela confirmasse com um aceno de cabeça. — E você não quer que isso aconteça de novo. Não nos resta muito tempo, não é verdade?

Ela tornou a suspirar. — Eu nesse momento devia estar aqui tentando conformá-lo...

— Escute uma coisa — disse William. — Na vez passada... eu consegui fugir?

— Sim, na véspera do Ano Novo — respondeu Sheila. — Você simplesmente saiu e tomou um ônibus. Na outra vez deu certo, William!

Muito tempo depois de se haver despedido dele ela ainda tinha na lembrança o olhar apavorado de William, quando dos aposentos contíguos vinham as explosões de gargalhadas demoníacas dos loucos. Também não esquecera o modo tranquilo com que êle, ao ser reconduzido pelo guarda para a sua cela, dissera estas palavras: — Feliz Natal, Sheila!

Mas ela tinha de voltar para casa. Para a companhia de Barney. Para a sua árvore de Natal sem enfeites. Talvez, se êle a visse enfeitando-a... quem sabe se isso não o tiraria daquele mutismo voluntário?

Não houve nada que o fizesse falar. Êle continuou com o mesmo olhar aparvalhado, enquanto ela contou que, no mercado, a filhinha de Giuseppi improvisara uma árvore de Natal que a fizera recordar-se da primeira que vira na casa de sua mãe. A sua voz era como uma súplica para que êle respondesse.

— E' um cartão de boas-festas, Barney! Eu gostaria de poder escrever **Feliz Natal** em toda a extensão da Washington Square, e de mandá-la a todas as pessoas que eu sei que nunca viram Nova York assim. E esta é a árvore que trouxemos de Pocone Hills, onde passamos a nossa lua de mel.

Era inútil. Êle continuava olhando, sem nada dizer.

Na véspera do Natal, como Mattie, a empregada, podia cuidar dele, e principalmente porque parecia não haver nada que abrandasse aquêle coração empedernido, Sheila voltou ao teatro, para trabalhar. Friday dissera que ao ser anunciado o seu reaparecimento, fôra uma verdadeira corrida na bilheteria. Devia ser grato saber que ela era artista de bilheteria. Se é que ainda podia haver algo grato para ela.

Os artistas comemoraram a volta de Sheila numa cerimônia simples, que a comoveu profundamente. A platéia recebeu-a com uma ovação. Mas ela só pensava em voltar para casa, para Barney. Ia contente, no taxi que a levava de volta. Contente de mais, como veio a perceber. Porque ao abrir a porta a voz de Barney feriu-lhe os ouvidos. Alegre, animada... mas não para ela.

Paula estava sentada diante dele, ao lado da lareira. Ela nunca parecera tão bela, Sheila foi obrigada a reconhecer. Mas havia qualquer coisa em seus olhos que Barney evidentemente não compreendera. A expressão de uma mulher resolvida a dar por encerrada uma aventura passada.

Paula levantou-se quando Sheila entrou. — Eu parto para Londres na véspera do Natal — disse, com toda a calma. — Vim apenas para me despedir.

— Se eu soubesse que Barney tinha companhia, — disse Sheila, quase involuntariamente, — teria ido ao palco mais uma vez agradecer os aplausos. O espetáculo desta noite foi um novo sucesso. Você está de partida, Paula? — Caminhou para o vestíbulo, com o seu gesto obrigando Paula a acompanhá-la. À soleira da porta, entreolharam-se.

— Quer dizer que você está fugindo? — murmurou Sheila. — Você já pensou em Barney? Êle gosta de Londres. E está precisando dos cuidados de alguém que o ame e seja por êle amada. Isso contribuiria muito para que êle se restabelecesse... mais depressa.

Paula encarou-a friamente. — Barney me mandou chamar, Sheila. E' por isso que estou aqui. — Da lapela, ela estava retirando um grande broche cravejado de pedras preciosas. — Barney me deu isto de presente. As despesas com o hospital e os especialistas devem ter sido grandes. Creio que esta jóia talvez ajude.

Sheila fitou demoradamente aquêles olhos duros e brilhantes. Depois, repentinamente, deu uma bofetada em Paula Costello. Paula soltou um grito agudo, girou nos calcanhares e correu para a porta, que fechou com estrondo, ao sair. Barney olhava para a porta de comunicação interna, quando Sheila voltou do vestíbulo, vagarosa, muito vagarosamente. Tinha os olhos brilhantes, e dos seus lábios saíram as palavras:

— Venha cá!

Sheila acercou-se dele e ajoelhou-se ao seu lado. — Barney...

— Paula é fina de mais para devolver-lhe a bofetada — disse êle, falando por entre os dentes. — Mas eu não sou! — E pespegou violenta bofetada em Sheila, que chorava, quando recuou a cabeça, ao receber o golpe.

★

Puseram um novo letreiro na marquise, na véspera do Ano Novo. **Feliz Ano Novo,** lia-se nele.

Sheila sentiu profundamente o significado daquelas palavras, que para ela, porém, não traziam alívio nem esperança. Desempenhou o seu papel com tal impaciência que antes mesmo de arriarem a cortina, faltando um quarto para as onze, já estava no camarim.

Friday esperava-a, e ela apertou-lhe a mão. — John, — pediu, — quer me fazer um favor, ..ficar comigo até a meia-noite? Será um grande favor que você me fará! — **Porque naquela noite havia acontecido o pior, da vez anterior. Exatamente à meia-noite. E se ela não ficasse sozinha com Barney...**

Mas o apartamento estava às escuras quando ela entrou, acompanhada de John. E ao acenderem as luzes viram que a cadeira de Barney estava vazia, como que para zombar do assombro de Sheila! Não o encontraram em parte alguma — nem na cozinha, nem no banheiro, nem no quarto... Só o eco respondia, quando ela chamava por êle.

Finalmente, ela encontrou o bilhete, deixado em cima da mesa da sala de estar, onde êle estava, na vez passada, quando ela atirara nele. Era um bilhete de poucas palavras. **"Parto com Paula à meia-noite".**

Então... **êle andava!**

Assustada, perplexa, ela agarrou o braço de John. — Está sendo diferente. Na vez passada Paula não partiu. Barney não foi...

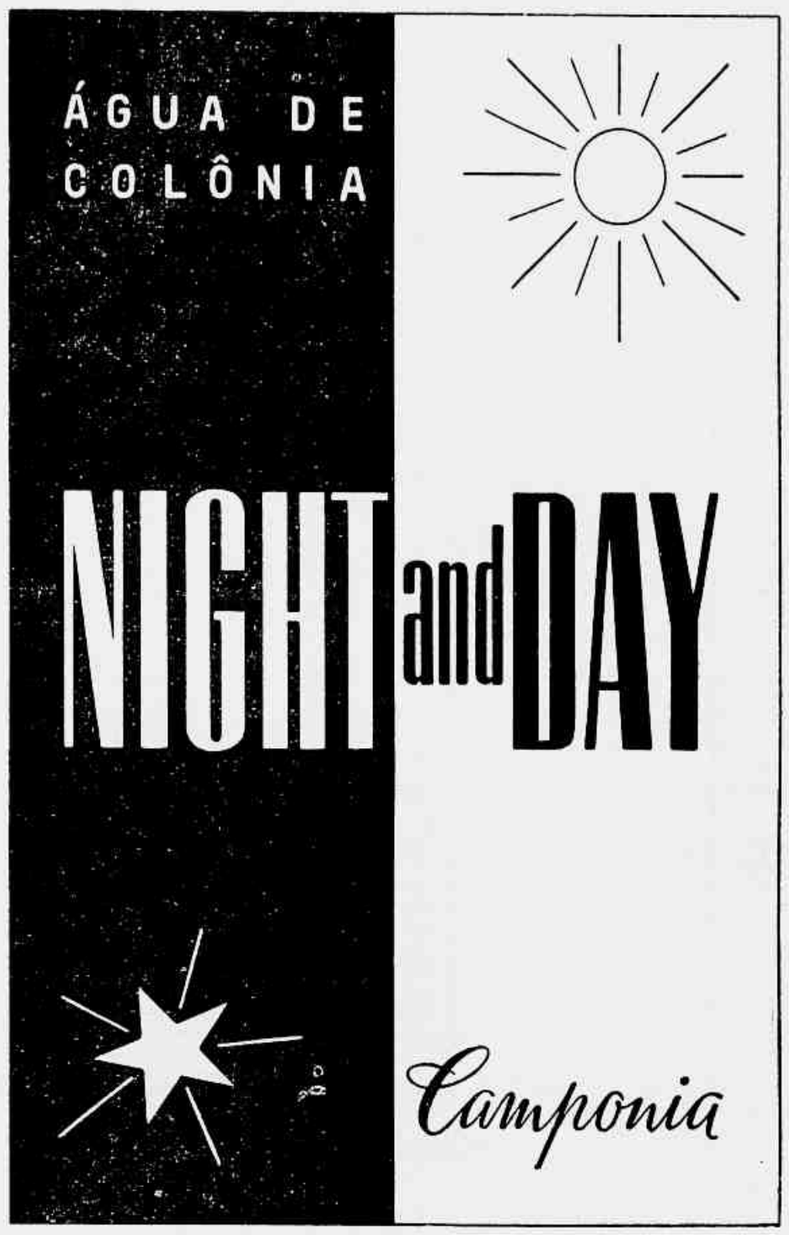
— Desculpe, Sheila — dizia John, com sua voz delicada.

— Não. Talvez seja melhor assim. Eu podia tê-lo assassinado, John.

De sorte que tudo passou. Embora Friday hesitasse em deixá-la, embora a adoração em seus olhos dissesse que êle queria ficar e confortá-la, Sheila acompanhara-o até a porta e murmurou um boa-noite de exaustão. Queria agora estar só. Só, para agradecer à sua boa estrêla que mudara o curso dos acontecimentos, pelo menos na última hora. Só, para chorar.

Deitou-se na cama e apagou a luz. O quarto escureceu; embora o luar o estivesse invadindo. Fora, ela ouvia a algazarra festiva da meia-noite que se aproximava, o borborinho dos que se achavam nas ruas, o ruído das cornetas e matracas. Mas não precisava ter medo. Perdera Barney. Mas êle estava vivo.

(Continua na pág. 53)



TONIGHT OR TODAY USE THE NIGHT AND DAY

UMA LINHA DE PRODUTOS PARA A SUA BELEZA

Água de Colônia,
Talco,
Pó de Arroz,
Baton, etc.

★

Pedidos aos Fabricantes:

RIBEIRO, LEITE, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Sucessores de LA-ROCQUE DE LUXO LTDA.

RUA CHAVES FARIAS, 330 — RIO DE JANEIRO

Aceitamos representantes nas principais cidades do País

MÚSICA

FANTASIA BRASILEIRA ★ E O LOBO ENGOLIU O "SPEAKER" ★ PEDRO, PROKOFIEFF E UMA ORQUESTRA INDIFERENTE ★ NO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Para REVISTA DA SEMANA)

Os concertos dominicais da Orquestra Sinfônica Brasileira atestam a existência de um público disposto a sacrificar seu repouso matinal, a fim de acorrer ao Rex, às dez horas, para ouvir um pouco de música. Os aplausos francos, espontâneos, generosos que acolhem a execução das obras que constam do programa revelam um entusiasmo pela arte, que deve ser cuidadosamente cultivado e favorecido com novas e mais frequentes oportunidades de estabelecer contacto entre essa platéia, composta principalmente de gente moça, e os tesouros musicais, que somente chegam ao alcance dos privilegiados frequentadores do Teatro Municipal.

Uma outra feição simpática dêsses concertos é a apresentação que ali se faz, sob a batuta de diversos regentes, da esquecida e sacrificada obra de compositores brasileiros, sobretudo os contemporâneos.

Passam-se, geralmente, meses sem que um deles chegue a ouvir executar a sua produção. As lições práticas inestimáveis que essa audição traria são raríssimas. Sem contacto com os ouvintes, o compositor desanima, ou erra, na escolha dos efeitos de orquestração. Pudera! Pois se nunca, ou quase nunca, sentem a sua arte "realizada" plenamente, "vivendo" na execução de uma orquestra.

FANTASIA BRASILEIRA?

Reconhecendo as lutas, as dificuldades que tornam a profissão de compositor um ato heróico, em nosso meio, não gostaria de tratar com severidade um artista como o sr. Radamés Gnatalli, que já conta, para recomendar seu nome, com coisa melhor do que essa Fantasia Brasileira que tive oportunidade de ouvir, num dêsses domingos.

Prêsa, ainda, a uma noção muito estreita de nacionalismo, em música, a Fantasia, que se intitula brasileira, pretende estilizar uma melodia simples, consagrada, adornando-a com efeitos orquestrais, acompanhados de um solo de piano.

Francamente, não foi muito feliz o sr. Gnatalli. A orquestração, que se perde num jôgo superficial, como certos fogos de artifício sinfônicos de Mignone, não é de grande originalidade. Cordas e metais são contrapostos, em contrastes que revelam a competência do perito, exímio em matéria de "arranjos" musicais, que é, inegavelmente, o sr. Gnatalli. A impressão que fica, porém, é de que o longo tirocínio no rádio vai roubando a espontaneidade do sr. Gnatalli, transformando seu talento num instrumento mecânico e convencional, desviando-o da pesquisa, de trabalho lento, difícil, árduo, mas, em última análise, compensador, pois forja uma expressão musical vigorosa e sugestiva, livrando o compositor das "fórmulas" gastas e banais.

O LOBO ENGOLIU O "SPEAKER"

O programa do mesmo concêrto anunciava Pedro e o Lobo, de Prokofieff, que, recentemente, Walt Disney nos ofereceu em encantadora versão cinematográfica. A orquestra, que já conhece bem a partitura, parecia, entretanto, indiferente à sua ingênua beleza, ao sabor de lépida juvenilidade com que Prokofieff conseguiu dar à história um sugestivo fundo musical. Faltou graça, leveza, ritmo mais bem marcado, melodias mais nitidamente acentuadas, faltou, em suma, tudo, na execução, tarda, confusa, pesada.

O mais curioso, porém, foi o que aconteceu com o "speaker". Um narrador experimentado, como o sr. Celso Guimarães, fez esforços inauditos para vencer a resistência de um microfone traiçoeiro. Infelizmente, temos que registrar um total fracasso. O sr. Celso Guimarães, entretanto, quando conseguiu fazer-se ouvir, revelou, no tom adequado e na riqueza de inflexões, que, não fôra o microfone ingrato, teria conseguido um grande sucesso. Mas, tal como o ouvimos, mal percebíamos uma frase ou outra...

As crianças que pretendiam ouvir a obra de Prokofieff saíram tremendamente desapontadas. E não esconderam a sua impressão. Pelo contrário. Durante a execução de Pedro e o Lobo, muitos perguntavam, alto e bom som, com a franqueza própria da idade:

— Papai, o que é que êle está dizendo? Não entendo nada!... Que é que êle está dizendo?

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

A professora Leonor de Freitas, do Conservatório Brasileiro de Música, organizou, recentemente, um recital de alunas, que mostraram seu aproveitamento, interpretando peças escolhidas especialmente pela professora, de acôrdo com a idade e o temperamento de cada uma.

Meninas, desde a idade de cinco anos, trouxeram ao público que as aplaudiu o melhor atestado de eficiência da sua mestra.

A prof. Leonor de Freitas, cercada por suas alunas, que apresentou, recentemente, em aplaudido recital.

"Repeat performance"

(Continuação do número anterior)

Começaram a ser programados os espetáculos especiais, para fins de caridade, que só os grandes sucessos permitem. O que Barney fazia naquelas noites, naquelas muitas tardes de espetáculos extraordinários, Sheila só podia saber de segunda mão. Mas juraria que êle estava prosseguindo nos entendimentos com o Guild, como êle mesmo lhe dizia.

No dia do aniversário de William, em vez de ir diretamente para casa, como de costume, ela saiu do teatro para a Village Den. A mesa festiva já estava completa. William, Eleanor, Bess, Ricardo, Bob Randall, John... estavam todos lá. A única nota dissonante era Eleanor, que insistia em que todos cantassem o "Happy Rirthday To You".

— William uma vez quase estrangulou um mensageiro da Western Union por causa disso — observou Bess, em tom de troça.

Eleanor mostrou-se apenas desconsolada. — Não acredito! Onde estão o sr. Page e Paula Costello? — O silêncio que se fez na mesa foi tão grande que até mesmo ela o notou. — Que foi que eu disse? Eu os vejo juntos em toda parte. Pensei que fosse dessas coisas de gente de teatro... Não é que eu aprove...

Sheila tentou dominar-se, embora sentisse que tudo lhe girava em tôrno. — Barney... o Guild quis que êle fizesse algumas modificações na peça... ela o está ajudando.

— Mas o Guild não vai apresentar a peça de Barney. Vai apresentar a opereta de Hillgardner. Eu sei porque estou custeando a peça.

A terrível mulher teria dito mais, muito mais. Porém Sheila não estava mais ali para ouví-la. Agarrara o capote e correra para a porta. Às suas costas, ouviu a voz acusadora de William. — **P'ra que você abriu essa bôca...** — A porta bateu.

Foi promovida uma festa para o elenco, após a "matinée" do Dia de Graças. Todos os artistas se reuniram no palco para comer o peru e beber o champanha. Friday ofereceu uma taça a Sheila, e tentou sorrir quando ela a recebeu. — Felicidades! — brindou.

— Felicidades? Eu gostaria de ver um brinde provocar aquilo que se deseja, John. — Não fôra sua intenção revelar o seu sofrimento. Além de que, Barney estava ali também, e poderia ouví-la. Mas as palavras de acabrunhamento escaparam-lhe dos lábios. — Eu gostaria de convencer-me de que todos êsses boatos não passam de boatos.

— Sôbre Paula e Barney? — perguntou John. — Você tinha razão, Sheila. Não sei como você pôde prever, mas você tinha razão. Eu não a convidei para esta festa. Que é que você pretende fazer, Sheila?

— Não sei. — A voz dela exprimia temor. — O tempo está passando. Já estamos quase no fim de novembro. Dezembro vem aí. Resta tão pouco tempo para evitar o pior!

Êle franziu levemente as sobrancelhas. — Não sei o que você quer dizer, Sheila.

— Eu sei. Mas não posso explicar. Sinto-me tão só em tudo isso. — E esticando-se, como a querer criar coragem. — Precisamos retirar-nos cedo. Isto aqui não é lugar que convenha a Barney. Olhe para êle. — O desespêro espelhara-se nos olhos dela quando se dirigiram para onde estava Barney. Um Barney completamente embriagado, turbulento, grosseiro.

Mas quando ela achou que era tempo de retirarem-se, quem podia dizer onde Barney se metera? Ela o teria procurado inutilmente se Eleanor Shaw não estivesse ao lado de um dos refletores do palco. Eleanor observara-a procurando o marido. Ultimamente Eleanor vinha-se mostrando desgostosa com William.

De repente, ela virou um dos refletores, dirigindo o seu clarão para cima, para um dos camarotes acima do proscênio, onde duas figuras se confundiam num estreito abraço. O homem ainda se podia dizer quem era. Mas a mulher era um conviva inesperado, que ainda vestia os seus custosos agasalhos.

Ao notar a luz do refletor, Barney levantou-se e aproximou-se do parapeito. Inclinando-se melodramaticamente, recitou, a plenos pulmões:

Que luz macia penetra pela janela!
E' Julieta! E' o sol!

E voltou-se, ao pronunciar o nome de Julieta, para apontar Paula, que se conservava imóvel sob o facho de luz. Sheila viu-o perder o equilíbrio e rolar por cima do parapeito, para ir chocar-se violentamente contra as cadeiras da platéia... antes mesmo que ela pudesse sequer alcançar a ribalta. Num outro mundo, assim parecia, Paula começou a gritar.

★

Ela nunca mais poderia esquecer a sala de espera do hospital onde finalmente lhe deram notícias do estado de Barney. Três semanas haviam decorrido após o acidente. E durante todo êsse tempo êle permanecia no hospital, enquanto os especialistas examinavam radiografias e faziam diagnósticos. Chovia, era um dia tristonho, e ali estava ela, em companhia do atencioso John, para ouvir o veredito.

— O choque e a hemorragia causaram a paralisia das pernas — declarou o médico-chefe, em tom solene.

Sheila encarou-o. Ela não quisera que fosse assim. Não queria ver Barney sofrendo para que as coisas fossem diferentes. Mas agora êle precisava dela, e isso contribuiria para que o casal voltasse a ser feliz. — Mas... é para sempre?

— Por enquanto não se pode dizer que seja, sra. Page. Tem havido casos de pessoas no estado em que se encontra o seu marido andarem no fim de uma semana, de um ano. Mas outros nunca mais podem andar. Tudo depende do seu cuidado e da sua compreensão. Êle não pode excitar-se, não pode contrariar-se, não pode beber. Do contrário... poderá haver nova hemorragia, com paralisia permanente, e até...

Sheila percebeu o perigo que aquela hesitação ocultava. — Diga, doutor, eu lhe peço.

— Êle pode até ser acometido de loucura furiosa. Conquanto seja uma possibilidade remota, eu estou certo de que com o seu cuidado e compreensão... e com a sua paciência...

O que a paciência referida significaria, Sheila só veio a saber quando levaram Barney para casa, na sua cadeira de rodas. O seu belo rosto, agora emaciado, assumira uma permanente expressão de amargor. Êle deixava-se ficar sentado num completo alheamento à espôsa, como se não a ouvisse, e recusando-se a dar resposta a mais carinhosa observação que ela lhe fizesse. E ela sabia, mas não se atrevia a dar a entendê-lo, qual era a causa de tudo. **Paula não o visitava. Êle nunca mais tivera notícias dela.**

— Um dia êle falará — dizia Friday, para animá-la, compreendendo que ela devia sentir-se cada vez mais acabrunhada, à medida que os lúgubres dias iam passando. — Quando passar o choque êle falará.

Sheila sorria, agradecida. — Eu sinto o que houve, John, por causa da peça.

— Não pense nisso. A sua substituta pode continuar trabalhando por mais algum tempo. Se você puder recomeçar a trabalhar no Natal, será bom.

— Creio que poderei. — Ela parecia desesperada. — Espero que sim.

Sheila estava ainda se esforçando para romper aquela muralha de silêncio que havia dias vinha resistindo a todos os golpes, quando uma tarde Bess os foi visitar, levando-lhes a notícia de que William Williams fôra internado num manicômio. Pela sra. Shaw, era claro. — Eu desconheço os pormenores do caso, mas a sra. Shaw foi levada para um hospital, num estado lastimável, e William está no hospício.

— A sua visita deu-nos muito prazer, Bess — disse Sheila, com certo desânimo.

Naquela mesma tarde ela pela primeira vez saiu e deixou Barney sozinho, apenas com a criada para olhar por êle. Ao chegar ao hospital de psicopatas, foi conduzida à sala de visitas, onde, numa comprida mesa, os visitantes podiam conversar com os doentes, que ocupavam o lado oposto. E pouco depois aparecia um guarda conduzindo William.

Êle sorriu frouxamente, ao vê-la. Mas enquanto o guarda não recuou para a parede, onde ia aguardar o têrmo da entrevista, não disse nada. Estava analisando a fisionomia dela com estranho pavor. — Você previu isso, lembra-se? Uma sra. Shaw, e eu... no manicômio? Como vai o Barney, Sheila? Que é que êle faz agora?

— Êle está em casa — respondeu Sheila, com um suspiro. — Há muito pouca probabilidade de êle voltar a andar. Eu não sei o que acontecerá. Sinto-me tão confusa! A primeira vez...

— Você uma vez tentou dizer-me que "agora" queria dizer um ano atrás, e que você já havia passado por tudo isso. — William falava com voz tranquila. — Creio que começo a compreender. Mas, Sheila... Barney está paralítico, **e isso não aconteceu na primeira vez.** Quer dizer que o destino se enganou! E enquanto êle corrige o êrro, quem sabe se nós nos podemos livrar dele? De que é que nós estamos querendo fugir, Sheila?

— Eu matei Barney, William. Assassinei-o com um tiro. Foi na véspera do Ano Novo.

— Você quer dizer na próxima véspera de Ano Novo? — E esperou que ela confirmasse com um aceno de cabeça. — E você não quer que isso aconteça de novo. Não nos resta muito tempo, não é verdade?

Ela tornou a suspirar. — Eu nesse momento devia estar aqui tentando conformá-lo...

— Escute uma coisa — disse William. — Na vez passada... eu consegui fugir?

— Sim, na véspera do Ano Novo — respondeu Sheila. — Você simplesmente saiu e tomou um ônibus. Na outra vez deu certo, William!

Muito tempo depois de se haver despedido dele ela ainda tinha na lembrança o olhar apavorado de William, quando dos aposentos contíguos vinham as explosões de gargalhadas demoníacas dos loucos. Também não esquecera o modo tranquilo com que êle, ao ser reconduzido pelo guarda para a sua cela, dissera estas palavras: — Feliz Natal, Sheila!

Mas ela tinha de voltar para casa. Para a companhia de Barney. Para a sua árvore de Natal sem enfeites. Talvez, se êle a visse enfeitando-a... quem sabe se isso não o tiraria daquele mutismo voluntário?

Não houve nada que o fizesse falar. Êle continuou com o mesmo olhar aparvalhado, enquanto ela contou que, no mercado, a filhinha de Giuseppi improvisara uma árvore de Natal que a fizera recordar-se da primeira que vira na casa de sua mãe. A sua voz era como uma súplica para que êle respondesse.

— E' um cartão de boas-festas, Barney! Eu gostaria de poder escrever **Feliz Natal** em toda a extensão da Washington Square, e de mandá-la a todas as pessoas que eu sei que nunca viram Nova York assim. E esta é a árvore que trouxemos de Pocone Hills, onde passamos a nossa lua de mel.

Era inútil. Êle continuava olhando, sem nada dizer.

Na véspera do Natal, como Mattie, a empregada, podia cuidar dele, e principalmente porque parecia não haver nada que abrandasse aquêle coração empedernido, Sheila voltou ao teatro, para trabalhar. Friday dissera que ao ser anunciado o seu reaparecimento, fôra uma verdadeira corrida na bilheteria. Devia ser grato saber que ela era artista de bilheteria. Se é que ainda podia haver algo grato para ela.

Os artistas comemoraram a volta de Sheila numa cerimônia simples, que a comoveu profundamente. A platéia recebeu-a com uma ovação. Mas ela só pensava em voltar para casa, para Barney. Ia contente, no taxi que a levava de volta. Contente de mais, como veio a perceber. Porque ao abrir a porta a voz de Barney feriu-lhe os ouvidos. Alegre, animada... mas não para ela.

Paula estava sentada diante dele, ao lado da lareira. Ela nunca parecera tão bela, Sheila foi obrigada a reconhecer. Mas havia qualquer coisa em seus olhos que Barney evidentemente não compreendera. A expressão de uma mulher resolvida a dar por encerrada uma aventura passada.

Paula levantou-se quando Sheila entrou. — Eu parto para Londres na véspera do Natal — disse, com toda a calma. — Vim apenas para me despedir.

— Se eu soubesse que Barney tinha companhia, — disse Sheila, quase involuntariamente, — teria ido ao palco mais uma vez agradecer os aplausos. O espetáculo desta noite foi um novo sucesso. Você está de partida, Paula? — Caminhou para o vestíbulo, com o seu gesto obrigando Paula a acompanhá-la. À soleira da porta, entreolharam-se.

— Quer dizer que você está fugindo? — murmurou Sheila. — Você já pensou em Barney? Êle gosta de Londres. E está precisando dos cuidados de alguém que o ame e seja por êle amada. Isso contribuiria muito para que êle se restabelecesse... mais depressa.

Paula encarou-a friamente. — Barney me mandou chamar, Sheila. E' por isso que estou aqui. — Da lapela, ela estava retirando um grande broche cravejado de pedras preciosas. — Barney me deu isto de presente. As despesas com o hospital e os especialistas devem ter sido grandes. Creio que esta jóia talvez ajude.

Sheila fitou demoradamente aquêles olhos duros e brilhantes. Depois, repentinamente, deu uma bofetada em Paula Costello. Paula soltou um grito agudo, girou nos calcanhares e correu para a porta, que fechou com estrondo, ao sair. Barney olhava para a porta de comunicação interna, quando Sheila voltou do vestíbulo, vagarosa, muito vagarosamente. Tinha os olhos brilhantes, e dos seus lábios saíram as palavras:

— Venha cá!

Sheila acercou-se dele e ajoelhou-se ao seu lado. — Barney...

— Paula é fina de mais para devolver-lhe a bofetada — disse êle, falando por entre os dentes. — Mas eu não sou! — E pespegou violenta bofetada em Sheila, que chorava, quando recuou a cabeça, ao receber o golpe.

★

Puseram um novo letreiro na marquise, na véspera do Ano Novo. **Feliz Ano Novo,** lia-se nele.

Sheila sentiu profundamente o significado daquelas palavras, que para ela, porém, não traziam alívio nem esperança. Desempenhou o seu papel com tal impaciência que antes mesmo de arriarem a cortina, faltando um quarto para as onze, já estava no camarim.

Friday esperava-a, e ela apertou-lhe a mão. — John, — pediu, — quer me fazer um favor. ..ficar comigo até a meia-noite? Será um grande favor que você me fará! — **Porque naquela noite havia acontecido o pior, da vez anterior. Exatamente à meia-noite. E se ela não ficasse sozinha com Barney...**

Mas o apartamento estava às escuras quando ela entrou, acompanhada de John. E ao acenderem as luzes viram que a cadeira de Barney estava vazia, como que para zombar do assombro de Sheila! Não o encontraram em parte alguma — nem na cozinha, nem no banheiro, nem no quarto... Só o eco respondia, quando ela chamava por êle.

Finalmente, ela encontrou o bilhete, deixado em cima da mesa da sala de estar, onde êle estava, na vez passada, quando ela atirara nele. Era um bilhete de poucas palavras. **"Parto com Paula à meia-noite".**

Então... **êle andava!**

Assustada, perplexa, ela agarrou o braço de John. — Está sendo diferente. Na vez passada Paula não partiu. Barney não foi...

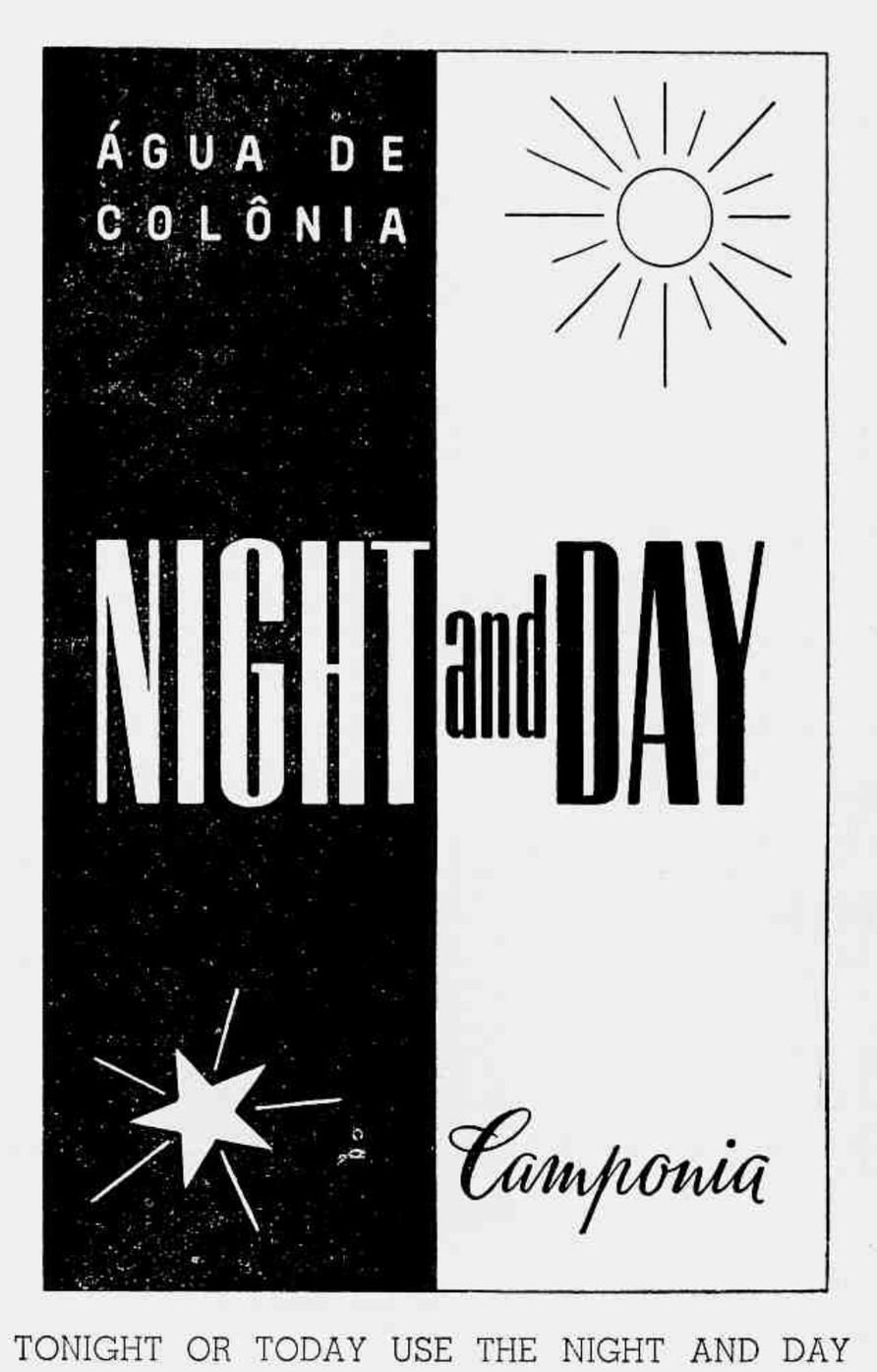
— Desculpe, Sheila — dizia John, com sua voz delicada.

— Não. Talvez seja melhor assim. Eu podia tê-lo assassinado, John.

De sorte que tudo passou. Embora Friday hesitasse em deixá-la, embora a adoração em seus olhos dissesse que êle queria ficar e confortá-la, Sheila acompanhara-o até a porta e murmurou um boa-noite de exaustão. Queria agora estar só. Só, para agradecer à sua boa estrêla que mudara o curso dos acontecimentos, pelo menos na última hora. Só, para chorar.

Deitou-se na cama e apagou a luz. O quarto escureceu; embora o luar o estivesse invadindo. Fora, ela ouvia a algazarra festiva da meia-noite que se aproximava, o borborinho dos que se achavam nas ruas, o ruído das cornetas e matracas. Mas não precisava ter medo. Perdera Barney. Mas êle estava vivo.

(Continua na pág. 53)



TONIGHT OR TODAY USE THE NIGHT AND DAY

UMA LINHA DE PRODUTOS PARA A SUA BELEZA

Água de Colônia,
Talco,
Pó de Arroz,
Baton, etc.

★

Pedidos aos Fabricantes:

RIBEIRO, LEITE, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Sucessores de LA-ROCQUE DE LUXO LTDA.

RUA CHAVES FARIAS, 330 — RIO DE JANEIRO

Aceitamos representantes nas principais cidades do País

A vida de Cézanne

(Continuação da pág. 36)

publicara uma penetrante análise de George Leonte, não de todo hostil aos trabalhos de Cézanne. "Porque Cézanne não tem outro guia senão seus instintos", escreveu Leonte, "êle tateia, êle hesita... Pode êle realmente pintar paisagens? Êle apanha o caráter delas, suas côres, sua luz... mas fracassa na arte de dividir os planos e de dar a ilusão de distância". Outro crítico contemporâneo falou sôbre a "falta de exatidão" de seu desenho e a "languidez" de sua côr. Ainda outro crítico resumiu a impressão geral, chamando Cézanne de trabalhador de "notáveis dotes, mas de visão perturbada; não é inábil, mas faz com que o considerem inábil, por alguma enfermidade manual". Tinha idéias, mas era incapaz de expressá-las, porque "parecia não conhecer nem mesmo os princípios elementares de seu ofício". Dois anos antes de sua morte, o ar ainda não havia clareado. Alguns escritores elevaram as mãos e confessaram que Cézanne era um pintor a quem o mundo jamais seria capaz de compreender. Outros, entretanto, retorquiam: "Cézanne não é incompreendido; êle é apenas incompleto". Havia nêle uma "fatal carência de facilidade". Muita gente criticava em surdina, porque Cézanne tinha um "bando" de admiradores fanáticos, rudes e prontos para "assaltar" qualquer pessoa mais insolente, que expressasse seu desprêzo pela Câmara de Horrores de Cézanne. Cézanne, insistiam êsses discípulos entusiastas, era um grande, inspirado e admirável pintor. E o público intimidado concordava, mas com a restrição mental: — "A coisa mais admirável de sua vida foi sua perseverança em pintar mal".

Por alguns anos, travou-se uma batalha de palavras amargas em tôrno da interpretação da arte de Cézanne. Seus admiradores venceram amplamente. Cézanne é hoje um mestre reconhecido. As qualidades revolucionárias de sua arte, que desagradaram a seus contemporâneos, são agora geralmente vistas como o "brilho matinal" de uma nova era da pintura.

Quais são estas qualidades revolucionárias da arte de Cézanne?

Em primeiro lugar, há uma objetividade impessoal em seus quadros — um completo desligamento do artista em relação a sua obra, característica desconcertante, à primeira vista. Tôdas as suas paisagens parecem ser representadas em uma estranha ausência de vento, de folhagens sussurrantes, e de ação do claro-escuro, que torna uma cena viva, comovedora, real. A vida orgânica é imóvel. A atmosfera é rígida. E' como se o Criador tivesse parado de soprar o mundo por Êle feito. Na verdade o "sôpro da vida" está inteiramente ausente destas cenas. Cézanne brilha particularmente em seus quadros de natureza morta. As mesmas características, que dão solidez e magnificiência aos assuntos de natureza morta de alimentos e objetos de mesa parecem, quando aplicadas a paisagens e pessoas, um tanto confusas. Cézanne, quando pintava um retrato, dizia ao retratado "para ficar como uma maçã".

— Seu desgraçado, — disse êle a Vollard, um dia, quando fazia seu retrato, — você estragou a pose. Tenho de dizer outra vez que você deve sentar-se como uma maçã? As maçãs se movem?

Depois, existe também uma luz neutra, exatamente como há uma rigidez neutra e imóvel, nos quadros de Cézanne. A atmosfera que vemos nas telas de Corot ou de alguns outros grandes intérpretes da natureza, está sobrecarregada de claro-escuro. Resplandece com o verde das folhagens ou com o azul das montanhas em perspectiva. Porém uma paisagem de Cézanne é completamente desprovida de côr atmosférica, neste sentido. Como se fizesse todos os seus quadros sob um céu plúmbeo.

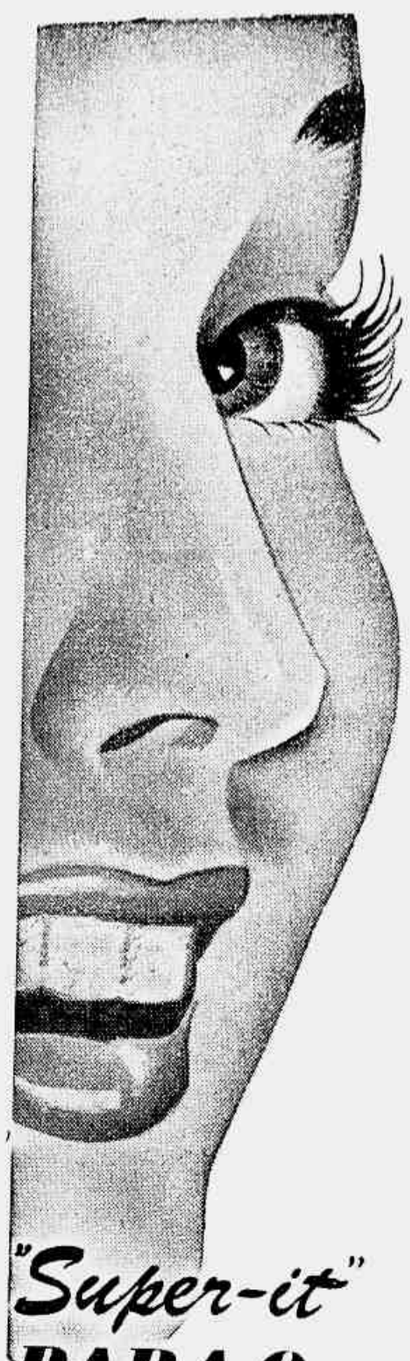
No entanto, o mais importante de tudo, a ilusão de espaço e perspectiva que é o A B C de qualquer curso elementar de arte, está completamente desdenhado em Cézanne. Pouco admira que os críticos enrubesçam quando pela primeira vez vêem seus quadros! Não há o sentimento de distância, nem a conveniente diminuição gradativa de objetos, nem tensão de planos, nenhum dêsses artifícios convencionais, que dão a uma imagem sua verossimilhança essencial. Em outras palavras, não há ilusão de realidade tridimensional nos quadros de Cézanne. Cézanne revolucionou tôda a concepção intelectual de arte, que havia considerado distância e perspectiva como os valores primários da composição. De acôrdo com Cézanne, a qualidade primordial de um quadro não é a perspectiva mas a *forma estrutural*. Não vê os objetos uns em relação aos outros.

— Tudo na Natureza, — disse êle, — é um cilindro ou um cubo isolado.

O espectador acha difícil penetrar na dimensão de Cézanne, pela simples razão de que não existe em seus quadros o espaço dimensional. Seu "espaço" é completamente independente do conjunto de seus objetos. Todos êsses objetos, estejam êles perto ou longe, são amontoados juntos numa pilha desigual de côres agudamente contrastantes. A vista, de acôrdo com Cézanne, não pode, na realidade, perceber o espaço. Percebe apenas a forma estrutural. E a forma estrutural, afirmava Cézanne, depende não do desenho linear mas da solidez da côr. As formas dos objetos são obtidas por um cálculo das áreas adjacentes de côr. Cézanne criou volumes de côr com uma autoridade que dá uma solidez monumental à sua obra. Êle priva o desenho de seus princípios essenciais. Para êle, o desenho representa simplesmente uma linha de demarcação entre duas manchas de côr. Cézanne aspirava a uma lógica arquitetônica, sob a ondulação da luz atmosférica. Procurava idéias essencialmente estruturais, que existiram na eternidade muito antes dos artistas virem para a terra. Todos os artistas, pensava êle, cometem o êrro de pintar o que vêem e o chamam de realidade. Desejava captar a verdadeira realidade sob a aparência, o verdadeiro sentido da forma, que unicamente o intelecto e não a vista pode compreender. Seus assuntos de natureza morta lhe proporcionaram uma oportunidade ideal para suas experiências. A mais famosa de suas natrezas mortas é o quadro *A compoteira*. Um grupo de maçãs, uma faca, um guardanapo, um cesto de frutas e um copo meio cheio de água estão colocados numa toalha de mesa. Êstes objetos estão desenhados com tanta solidez que todos parecem descansar infalìvelmente em suas posições, como se ordenados pelo Criador a ali permanecer. As maçãs pintadas são mais grosseiras e densas que qualquer maçã real. O guardanapo e a faca são desenhados numa extensão retangular. O cesto de frutas e o copo de água são figuras oblongas e pesadas. Se não se considera a assinatura do artista, o quadro parece desajeitado e mal desenhado. No entanto, há uma relação simples e lógica entre as *côres* dos vários objetos. Estas côres são aplicadas numa série de pinceladas pequenas, sólidas e paralelas. Jazem sôbre a superfície da tela, sem nenhuma consideração pelo contôrno das formas. Êste quadro, observou um dos admiradores de Cézanne, pode carecer da ilusão de vida, mas contém a verdade das coisas eternas. Ao que um cético pode replicar, como Pôncio Pilatos: "Mas o que é a verdade?" Será a solidez elementar dos estudos de naturezas mortas de Cézanne um lampejo de eternidade, ou será meramente o resultado de um defeito constitucional de sua vista? Para responder categòricamente a esta pergunta deve-se ser mais que um crítico de arte; deve-se ser um vidente.

A mesma aproximação do elementar, as mesmas qualidades de solidez que se encontram nos quadros de Cézanne de natureza morta podem ser encontradas também em seus retratos. Êle aproxima os assuntos de maneira

(Continua na pág. 51)



"Super-it"
PARA O SEU OLHAR

com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às palpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos

embeleza e protege os olhos

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

RUGÓL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

"REPEAT PERFORMANCE"

(Continuação da pág. 51)

A porta abriu-se tão repentinamente que ela nem pôde ouvir o ruído do trinco ao ser girado.

Barney estava ali à porta, olhando para ela, ofegante. Tinha no rosto uma palidez de morte. Assim que o percebeu e gritou o nome dele, saltando da cama, Sheila lembrou-se do que os médicos haviam dito. **"Não pode excitar-se, não pode contrariar-se. Êle pode até ser acometido de loucura furiosa".**

Êle avançara lentamente, de cabeça baixa, olhando fixamente para ela. Não era uma expressão de perversidade, a dele. Era uma expressão de desejo desesperador, torturante, fanático, quase deplorável, de destruir. As palavras que êle pronunciou saíram-lhe dos lábios num gemido.

— Eu voltei, Sheila! Já posso andar. Posso andar como outro homem qualquer. Você tentou privar-me de muita coisa — de beber, de amar, de ser amado. Você disse a Paula que eu daria trabalho a ela enquanto vivesse. — Ela sentia agora o hálito dele no próprio ombro. — Eu vou matá-la, Sheila. Tenho de matá-la. Se não a matar, você tornará a querer viver a minha vida. Tentará impedir-me de viver como eu quero.

Sheila, aterrorizada, enganou-o, e correu para a sala de estar. Êle saiu atrás dela, respirando a custo. — Você é muito bonita quando está com medo. Você está com medo, não está? E' porque se sente culpada. Você tentou destruir-me, não tentou? Agora é a minha vez! E eu preciso destruí-la!

Mesmo apavorada, ela sabia o que devia ter acontecido. Num tremendo esfôrço de vontade, êle levantara-se da cadeira de rodas e dirigira-se ao vapor no qual Paula ia partir. E Paula, desgostosa, confessara quão pouco na verdade êle significava para ela. E agora Barney, atirando a culpa para cima da espôsa, voltara — através da cidade em delírio — para vingar-se.

— Não, Barney! Barney, por favor, não faça isso! — Seria dela aquela voz?

— Você desta vez não me escapará, Sheila — disse, e precipitou-se para ela. Um abajur que tombou espatifou-se no chão. Ela colocou-se atrás de uma mesa, mas êle a derrubou. Ela correu para o piano. Êle agarrou uma pesada estatueta de bronze.

— Não, Barney! — Estava gritando. — Não! Havia um revólver, antes! Antes eu tinha um revólver. — Foi um lamento no escuro. — **Onde está o revólver?**

Êle atirou-se a ela, com o braço suspenso. E então... ouviram-se os tiros. Ela o viu curvar-se. Viu-o cair ao chão. Horrorizada, baixou os olhos para as próprias mãos. Estavam vazias. Alguém batia à porta, gritando: — Abram! — Mas as mãos dela estavam vazias.

Arrombaram a porta. Vultos escuros passaram por ela. Sentiu então que a abraçavam. E no mesmo instante adivinhou quem a confortava, com aquêle gesto: John Friday. Os guardas que haviam vindo com êle já estavam voltando da revista feita no terraço. E entre êles, ainda tendo na mão a arma, sorrindo pacificamente, vinha William.

Êle olhou firme para ela. — Êles não me podem fazer nada, Sheila. — E sorrindo, com serenidade. — Não me podem fazer nada porque eu estou louco.

Os guardas levaram-no para fora, para o vestíbulo. William não ofereceu a menor resistência. John estreitou-a nos braços. — Êles foram à minha casa, à procura de William. Eu imaginei que êle estivesse aqui. — Pelo modo como êle o disse, e pelo seu modo de olhar, Sheila compreendeu claramente, melhor do que se êle tivesse declarado por palavras, que a sua segurança era para êle o que mais importava. John Friday devia amá-la havia muito, muito tempo.

À porta, William voltou-se. — O destino é obstinado. Êle não gosta que lhe modifiquem os planos. Parece que os meios não lhe interessam tanto, desde que o fim seja alcançado.

Olhando para êle, Sheila compreendeu o que as palavras de William diziam, e mais ainda. O súbito explodir de assobios, gritos e toques de sinos, nas ruas, assinalando a meia-noite, significou para ela muito mais que a simples recepção jubilosa de um novo ano. Lembravam tanto o gargalhar insano que ela ouvira no lugar para onde o iam levar novamente...

Os meios variaram. O fim foi o mesmo. Ela aconchegou-se a John, cegamente, sabendo que êle simbolizava o futuro, o Ano Novo, a segurança. Mas foi William quem, pouco antes de os guardas de farda azul o levarem para sempre, pronunciou as palavras benditas que afinal a fizeram despertar do longo pesadelo.

Foi William quem disse, com voz tão débil que talvez ninguém mais ali o tivesse ouvido: — Feliz Ano Novo, Sheila.

— F I M —

O Noturno de Chopin

(Continuação da pág. 22)

Conceição, levantando a vista de cima das malhas pequeninas.

— Não. Por que?

— Nada; apenas te perguntei.

Nesse instante, ouvimos uns suaves acordes de piano, que vinham da casa em frente. Conceição fez-se muito pálida e olhou-me espantada.

— Que tens? — perguntei, atirando a ponta do cigarro para um canto.

— Nada, querido! Tomei um susto. — E depois de alguns instantes, com um sorriso forçado: — Já passou!...

Mas vi que mentia: notei-lhe as mãos trêmulas ao pegarem as agulhas

A música, executada por mãos hábeis, prolongava-se agora, como uma cascata de sons harmoniosos, pela infinita amplidão da noite estrelada. E, através das janelas abertas, vinha até nós, com toda alma que lhe dava o seu pianista: ora lenta, suave, quase sumida; ora forte, vibrante, cheia de amor!

— E' um noturno de Chopin — falei, depois de alguns minutos, encarando minha mulher, que o ouvia com visível comoção. Conhece-o?

— Sim — fez ela.

— E o pianista, quem é?

— O vizinho dessa casa defronte!

— Conhece-o?! — tornei, perscrutando-lhe o rosto, que se fizera mais pálido.

Como não respondesse, insisti. Conceição inclinou o busto sôbre as agulhas, como para desviar-se de mim, que a devorava com os olhos, e respondeu, a voz quase sumida:

— Não...

A criada avisou-nos de que a ceia estava pronta e perguntou se podia fechar a janela, para não acordar as crianças.

— Não! não! — exclamei, vendo que minha mulher concordara. — Deixe as janelas abertas! — E acrescentei frisando bem as palavras: — Minha mulher quer ouvi-lo! Mas vamos à ceia!

Sentei-me à mesa com um sorriso diabólico nos lábios: conseguira o efeito desejado!

Conceição não quis comer: alegou uma súbita indisposição do estômago e encaminhou-se para a porta do quarto

— Aonde vais?! — bradei, erguendo-me da mesa.

Ela voltou-se, atemorizada:

— Vou dormir!

— Senta-te aqui! — ordenei, puxando uma cadeira para ela, ao pé de mim.

Conceição obedeceu.

Comecei a comer. Observava-a com o canto dos olhos. Ela não o suspeitava, mas bem que eu notei — estava triste, absorta, pensativa: toda entregue à música, que, agora, parecia um murmúrio terníssimo de coisas distantes, uma queixa plangente de um coração que ama e que procura!...

Não consegui dormir àquela noite. Queria fechar os olhos, mas vinha-me uma porção de alucinações.

O noturno de Chopin parece que me arrebentava os miolos.

Sentia latejar-me as têmporas. Levantei-me da cama.

Minha mulher dormia tranquilamente: sonhava e sorria! Tive ímpetos de estrangulá-la, mas contive-me. Fui para a sala.

Parece que o maldito pianista tocava ainda aquêle noturno! Tocava-o ou era minha imaginação?! Eu mesmo não sei. Mas ouvia-lhe as notas, os sons, os acordes, na escuridão, trazendo-me um cortejo de fantasmas!

★

Saí bem cedo, antes de Conceição acordar, para indagar da vida do pianista. Consegui saber, apenas, que se chamava Cláudio, era maestro e jovem, e residia,

(Continua na pág. 55)

COLCHÃO DE MOLAS
"BRASIL"

GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o Representante exclusivo
A. BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

"BLACK & WHITE"
SCOTCH WHISKY

James Buchanan & Co. Ltd., Glasgow, Scotland.

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e ás gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contem pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN
CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Bôlo Royal da Semana

NÃO ESPERE uma data especial... Crie em seu lar um ambiente de constante festa fazendo bolos esta semana e sempre. E para que sejam deliciosos e bonitos, utilize o produto de qualidade e confiança, Fermento Royal.

BÔLO SURPRÊSA

½ chicara manteiga
1 chicara açúcar
3 claras
½ chicara leite
1 colh (chá baunilha ou ½ colh. (chá) essência de amêndoas
1 ¾ chicaras de farinha
2 colhs. (chá) Royal

Derreta a manteiga e junte o açúcar com uma clara não batida. Adicione o leite aos poucos, batendo sempre. Junte a essência, e a farinha com o Royal peneirados juntos. Por fim, adicione as duas claras restantes depois de bem batidas. Fôrmas rasas untadas, forno bem quente durante 15 minutos. Recheio entre as camadas. Por cima e dos lados, glace branca enfeitada com metades de nozes.

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. Rio de Janeiro

GRÁTIS!

Obtenha o cartão Royal e ganhe êste livro

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro

ROYAL

O SEGRÊDO DA "BOA MÃO"

A VIDA DE CÉZANNE

(Continuação da pág. 52)

notàvelmente primitiva. Em seu retrato de Madame Cézanne, por exemplo, o modêlo nos encara honestamente. Ela está sentada precisamente no centro da tela, vertical e rígida. Como para desafiar tôdas as leis de composição, a cadeira em que está sentada é tôsca e retangular, dando uma severa extensão vertical ao quadro. Tôda a tela possui a simetria de um obelisco egípcio, uma metáfora pintada de monumental estabilidade.

Achamos a mesma estabilidade monumental — ou como diriam seus detratores, a mesma desgraciosa inflexibilidade — em suas paisagens, em seus quadros de grupos. Suas casas, seus rios, suas montanhas, suas árvores, sua relva, sua gente — todos êsses objetos parecem desafiar não unicamente a física estabelecida, mas até mesmo a química e as leis de criação mentais e morais. Mas isto, disse Cézanne, representa o mundo em que vivemos.

Se Cézanne viu melhor que seus companheiros, ou se foi apenas a vítima de um aparelho visual doente, que deformava os aspectos do mundo, é uma pergunta a se discutir. Mas o que quer que os críticos possam dizer do desenho dos quadros de Cézanne, então unanimemente de acôrdo, em relação a seus efeitos de côr. No mundo da côr, Cézanne está entre os maiores. Quando jovem, impusera-se a tarefa de ultrapassar a natureza na magia de suas côres. Nesta tarefa, muitos dos críticos admitem, conseguiu triunfar.

(Do livro "Vidas de grandes pintores")

OZANAM, A CIDADE DOS MENDIGOS

(Continuação da pág. 12)

a marmelada ou a goiabada, raramente entram ali. O leite é difícil e, durante o lunch na creche, vimos nas canecas um mingau duvidoso que não sabemos de que é feito. Mas para que falar nisso se sequer água existe em abundância? Começa pela falta dágua. Numa cidade de mais de quatrocentos habitantes não há água durante a minha visita. As crianças não haviam ainda tomado banho naquele dia. Nos ricos bairros residenciais da capital mineira não há falta dágua, mas esta falta se faz sentir na Cidade dos Mendigos. E verdade que, nessas horas, a Prefeitura tem providenciado caminhões dágua que ali chegam diariamente com o líquido precioso. Mas o problema existe.

Existe no centro uma tela e às vêzes há cinema. E a grande festa da criançada ou dos adultos. Quando se anuncia a exibição de um filme qualquer com uma semana de antecedência, o acontecimento passa a ser o assunto geral das conversas. E outra semana depois é ainda o assunto predileto. Isso, porém, acontece com muito pouca frequência. A Cidade Ozanam não pode alugar filmes e não tarda as pessoas que tomam a iniciativa de fazer um divertimento nisso sentido. No entanto, a Prefeitura acaba de fazer uma doação de vinte mudas de árvores ao recinto da capital e compreende que isso [illegible] sua atitude na compra de passe de ônibus.

TODA A POPULAÇÃO TRABALHA

Não é que vos estou mostrando com a intenção de provar contra a Cidade Ozanam. Não há intenções nos fatos. Dentro da atual organização social brasileira, esta instituição presta um grande serviço pelo cunho de humanitarismo de que se reveste. O que se deve ver nos fatos acima e nos seguintes é a precariedade de suas atuais condições, o esfôrço quase sobre-humano para que esta obra continue.

Ozanam é dirigida pelas irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, brasileiras. Trata-se de um pequeno número de abnegadas criaturas. Podemos vê-las no seu amor para os pequeninos sêres desamparados, na creche, no berçário, no alojamento das pequenas órfãs, nos refeitórios, nas lavanderias, em toda parte, no trabalho diário e ininterrupto.

Na verdade, executados os inválidos, todo mundo trabalha em Ozanam. Nas oficinas de carpintaria, de marcenaria, de ferreiro, na tipografia, na sapataria, na horta, na lavanderia, na cozinha coletiva. Todo o serviço é feito pelos mendigos.

E não é só. Todo mundo ganha um pouco. Alguns produtos são vendidos para fora, e para fora também é parte do serviço da lavanderia. Nestes serviços também se empregam as crianças nas horas em que não estão na escola.

Há um sistema de remuneração para todos. E' verdade que êsses ordenados são pequenos. Vi anotações que variam de dois a cem cruzeiros por mês. O objetivo principal é criar o hábito de trabalho. O pagamento é feito do seguinte modo: metade em bônus, que pode ser gasto na própria cantina (sim, há uma cantina) da Cidade, e metade em depósito na Caixa Econômica. Sim, porque, principalmente quanto à criança, admite-se que um dia ela sairá dali e então poderá dispor de um pequeno pecúlio. Muitos jovens já têm saído de Ozanam para empregos ou para outras escolas de menores abandonados, que o Govêrno do Estado mantém. Um exemplo típico nos dá uma viúva que ali chegou com seis filhos. Hoje, três deles continuam ainda ali, mas os outros estão numa daquelas escolas.

Mas, voltando aos bônus: juntando êsses bônus, o mendigo pode comprar, por exemplo, um par de calçados na própria sapataria da Cidade Ozanam.

Na administração da Cidade Ozanam a burocracia está reduzida ao mínimo. Todos os serviços são feitos pelos mendigos, numa espécie de comunismo primitivo, com refeitórios coletivos, cozinha coletiva, etc. Existe apenas uma funcionária que não é abrigada. E' uma auxiliar de escritório e ganha oitocentos cruzeiros.

A LIBERDADE DE IR E VIR EM OZANAM

No começo os mendigos eram trazidos à fôrça para a Cidade Ozanam, com o auxílio da polícia. Chegavam às dezenas e eram abrigadas sem mais exame. Hoje, existe um serviço de Triagem. E' uma espécie de ante-câmara da Cidade. Antes de passar à cidade propriamente dita, o mendigo ali permanece, cêrca de uma semana, até que seu caso seja examinado. Existe para isso um serviço jurídico em funcionamento. Dá-se o caso que às vêzes surgem em Ozanam falsos mendigos. Outras vêzes, o caso não é de abrigo, mas de uma simples ação de prestação de alimentos, como a de certa senhora encontrada esmolando na rua em companhia de três crianças e que, no serviço de Triagem, revelou ser espôsa de um oficial reformado da polícia, que a abandonara. O serviço de Triagem moveu contra o pai e marido relapso uma ação de alimento e o assunto se resolveu.

Mas já estamos de saída, pois pela Triagem se passa quando se sai, e ainda quero, antes do próximo capítulo, falar da disciplina. A lei está presente na Cidade Ozanam nas pessoas de três ou quatro guardas, desarmados, e que, parece, nenhuma interferência exercem sôbre a população. Existe um sistema de concessão de saídas, uma ou duas vêzes por mês, e a privação dessa regalia constitui a punição maior para os faltosos, velhos, moços ou crianças. Felizmente, a polícia não tem entrada ali a não ser a chamado expresso da administração e somente com sua ordem.

Em resumo, Ozanam é mesmo uma cidade à parte com a liberdade de ir e vir para todos os seus habitantes.

OS TRÊS PROBLEMAS ANGUSTIANTES

Na Cidade dos Mendigos três problemas cruciantes estão sempre presentes: a alimentação, o vestuário e os brinquedos. São a consequência imediata da falta de recursos com que luta a administração.

O primeiro é tão grave, atinge a tais proporções atualmente, que há dias em que a administração da cidade não sabe o que comerão os seus habitantes nas próximas 48 horas. E quando se fala em comer em tal cidade, isto quer dizer feijão, arroz, batata, alguns pedaços de carne.

O do vestuário salta à vista logo de entrada. Na realidade, os donativos que chegam à administração jamais correspondem às necessidades. Declarou-me uma das irmãs que as crianças estão sempre sem roupas, sem calçados, sem agasalhos. E nem é preciso que se diga isso a quem visita Ozanam. Basta olhar-se para que o problema entre pelos olhos.

O problema do brinquedo. O problema do brinquedo atinge uma população de mais de duzentas crianças.

Ó vós, que tendes filhos, vós que gostais de crianças, ou vós que já fostes crianças, já vistes alguma vez um aglomerado de crianças de dois a cinco anos de idade, olhando umas para as outras sem uma boneca, um cavalinho de pau, um cachorrinho, um ursinho, um gatinho? Já sentistes a tristeza e a sensação de vergonha que elas nos transmitem?

Pois eu vi no berçário, na creche e nas ruas da Cidade dos Mendigos. E eu não sou sentimental.

E eu vos digo, não é uma bela coisa de se ver. Principalmente quando se sabe que tais crianças não conhecem pais, foram abandonadas na rua, apanhadas debaixo das pontes.

Mas deixemos Ozanam, a Cidade dos Mendigos. Mostrei-vos o que vi. E' provável que vos tenha assegurado qualquer coisa. A mim também, principalmente aquela sala de visitas, com cadeiras bais ou menos, para as visitas oficiais dos homens de Govêrno, quando passam os seus olhos nas coisas em que mandam, ou aquela linda moldura no retrato de certa autoridade — coisas que bem poderiam ser transformadas em brinquedos.

E' provável que achem que em Ozanam está o verdadeiro caminho da grande solução do problema da mendicância.

Quanto a mim, sei que não. (Oh! perdoai-me a sabiência.) Entretanto, acho que é assim mesmo uma grande coisa. Ela abriga meninos que nasceram debaixo das pontes.

E os meninos que nascem sob as pontes, um dia ajudarão a resolver o problema de maneira definitiva.

O Noturno de Chopin

(Continuação da pág. 33)

com um seu criado naquela casa. Há uns dois ou três dias.

Entrei em casa, à noite, desorientado.

Passara todo o dia à caça de diversões. Faltei ao escritório, na companhia. Entrei num cinema; e nada! O noturno não me saía da memória! Com êle, o vulto esbelto de minha mulher e todos os acontecimentos da véspera, os quais eu ia analisando, um a um, com precisão e nitidez fantásticas.

Era um doloroso caleidoscópio!

Via tudo, tudo! — a sua indisposição para cear, o desejo de fechar a janela para não ouvir a música, sua palidez, seus embaraços, as mãos trêmulas, o pretêxto de ir para o quarto, os êxtases, o sonho, os sorrisos!...

Em casa, não disse palavra. Recusei o jantar: sentia-me nervoso, inquieto!

Perguntou-me a criada se eu estava doente. Não respondi.

O silêncio de minha mulher incomodava-me. Dizia-me que esperava algo: o pianista!

E quando assim pensava, o piano começou a vibrar.

Passou-se a primeira semana, a segunda e a terceira; e em todas elas, às mesmas horas, aquêle noturno! Quando ia fazer um mês, o pianista deixou de tocar. Procurei saber o motivo. Havia ido a São Paulo, onde daria um concêrto de Chopin — dissera-me o seu criado. Respirei, enfim, aliviado.

★

Agora que êle não se fazia mais ouvir, pareceu-me que Conceição, sentindo-lhe a falta, sofria mais!

Mas ele tornou a voltar; esteve ainda uns meses na casa; depois mudou-se não sei para onde.

Nunca mais soube dele; nunca mais, também, eu e minha mulher tivemos sossêgo: aquêle noturno arrebatara-nos para sempre a felicidade. Nossa vida se tornou insuportável! Não abandonei minha mulher somente por causa dos meus dois filhinhos.

Dois anos depois Conceição morreu.

Veio visitar-me um seu irmão, que me falou várias coisas a respeito dela. Disse-me que o primeiro namorado da falecida fôra um pianista! Como eu o olhasse espantado, ajuntou, tranquilizando-me:

— Mas não se assuste! Foram amôres de seu tempo de menina. O pianista morreu tuberculoso; e, estranho, gostava sempre de tocar para ela um noturno de Chopin!

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

Apele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

INOVAÇÃO NA INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA

Uma emprêsa inglêsa descobriu novo sistema de espelhos para a projeção da televisão no cinema. Uma das dificuldades técnicas que havia impedido o uso da televisão no cinema foi a produção, a preços econômicos, de um sistema de espelhos que recolhesse a imagem do tubo de raios catódicos e a projetasse sôbre a tela sem perda de luz e detalhes.

Existia, de fato, um tal sistema, mas sua construção era demasiadamente dispendiosa e não estava ao alcance da maior parte dos emprêsários cinematográficos. O novo método descoberto apenas exige a despesa de algumas centenas de libras esterlinas. Tecnicamente, a diferença está nos aparelhos. O novo sistema de lentes tem uma abertura de foco de 0,7 e superfícies esféricas que permitem simplificar sua manufatura e reduzir o custo. Os construtores afirmam que a imagem aparece clara e sem deformações.

ARCO-ÍRIS ARTIFICIAL

Um imenso espectro de 36 metros de altura por 2,43 metros de largura se levanta como um arco-íris da graciosa fachada do pavilhão onde se encontra a «Casa da Côr», uma das principais instalações da seção de tecidos da Feira das Indústrias Britânicas, que se acha aberta em Londres, desde o dia 5. A «Casa das Côres» foi organizada em colaboração com o Conselho de Côr da Grã-Bretanha e com a Associação de Tintureiros e tem como finalidade demonstrar o efeito da luz sôbre as côres e sua aplicação nos diferentes climas onde se vendem os tecidos britânicos.

A fachada do pavilhão consiste de onze nichos, de dez metros de altura cada um, com tecidos representando a produção moderna, em cada uma de suas bases. De cada nicho se levanta um mastro assemelhando-se a cristal de diversas côres, que desaparece na obscuridade do elevado teto de Earl's Court.

O «arco-íris» foi idéia de Mr. George Grimaldi, assessor da Comissão Textil Permanente, posta em prática de combinação com o arquiteto R. H. Treleaven e o engenheiro encarregado dos efeitos luminosos, A. Gibbons. O sistema de distribuição de côres se deve a Robert Wilson, diretor do Conselho de Côr da Grã-Bretanha, a quem também foi confiada a organização interior da Casa da Côr.

MÓVEIS DE PAPEL

De tempos para cá, os engenheiros e construtores vêm se empenhando para conciliar a resistência com o pêso reduzido nos materiais de construção. Antigamente, resistência era sinônimo de pêso e de volume, mas atualmente o caso é bem diverso. Os progressos feitos nesse sentido se devem ao aperfeiçoamento da indústria aeronáutica, onde é indispensável conciliar uma grande resistência com um pêso reduzido. Uma emprêsa britânica conseguiu descobrir o meio de conciliar aquelas duas qualidades com o emprêgo de papel. A princípio julgou-se que êsse material não conseguisse resistir às tensões experimentadas durante o vôo. Os laboratórios da emprêsa, contudo, conseguiram produzir um papel com o qual podem ser construidas portas e divisões internas de aviões, navios e vagões, assoalhos e tetos para habitações e peças de mobiliário.

Os móveis feitos de papel são muito resistentes e, ao mesmo tempo, extremamente leves. Uma mesa, por exemplo, pesa apenas algumas onças em vez dos vários quilos que pesa uma mesa de madeira. Ao mesmo tempo, como podem ser colocadas lâminas de madeira sôbre a estrutura de papel, os móveis têm o aspecto tradicional.

RICARDO *brilhava* EM 1927...

...e continua *brilhando* EM 1948

QUAL O SEU SEGRÊDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua côr primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!

POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raizes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Prática — RUA SENADOR DANTAS, 4 5-B — Telefone 22-3367 — De 1 às 7 horas

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

"SONHOS DOURADOS"

(Continuação da pág. 29)

Ziegfeld, uma linda "estrêla" de revistas musicais, Julie Benson. Foi para ela que êle cantou "April Showers". Naquela mesma noite, mais tarde, tomado de uma paixão fulminante, Al propôs-lhe casamento. A moça sorriu. Achava tudo aquilo rápido de mais e pensava que sua carreira no teatro de Ziegfeld era mais importante. Gostava dele... mas podiam esperar mais um pouco.

Al Jolson partiu para Hollywood, a empenhar o seu nome naquilo que muito reputavam uma aventura louca — o cinema sonoro. Todos os dias êle telefonava para Julie. Quando soube que ela estreava na Broadway desejou-lhe boa sorte... e embarcou num avião para assistir a estréia. Foi a sorte de Julie Benson. Quando a cortina se abriu para o seu bailado, ela, nervosa, ia-se perdendo num desastre artístico irremediável quando a voz que embalava a nação ergueu-se da platéia numa canção maravilhosa: Al Jolson! E a estréia de Julie transformou-se num sucesso incomparável!

Casaram-se. A estréia de "O Cantor do Jazz", o primeiro filme sonoro, acrescentou uma nova glória ao nome de Jolson. Hollywood o reclamava para um outro filme. Jolson voltou para lá, acompanhado de Julie Benson, também transformada em "estrêla" de cinema. Mais outro filme. Outro mais, êste reunindo Jolson e Julie. Mas a moça estava cansada do trabalho exaustivo dos estúdios. Sonhava com o seu próprio lar. Convenceu o marido a comprar um lindo bangalô e a abandonar a carreira. Al Jolson, sempre apaixonado pela espôsa, concordou.

Os meses passaram. Julie notava que o marido não era feliz. Sabia de onde advinha a sua tristeza. O seu coração doía com isso. E Jolson nunca mais cantou.

Um dia os pais de Jolson vieram passar uns dias com o filho e a nora. No dia do aniversário do Cantor Yoelson houve um jantar, ao qual compareceram Tony Earon e Steve Martin. Depois do jantar foram todos a um "night club", onde havia um bonito "show". Acercaram-se de uma grande mesa.

Aconteceu o inevitável: artistas e público reconheceram Al Jolson e, entre aplausos, pediram que êle cantasse ao menos uma de suas canções. Jolson, fiel a sua promessa à Julie, recusou-se. Mas todos insistiam e por fim Julie mesma, com um olhar, aquiesceu. Então Jolson cantou uma, duas, três, canções, sempre delirantemente aplaudido. Julie olhou para o velho Cantor Yoelson, que, com um sorriso compreensivo e triste, concordou silenciosamente com ela. A moça levantou-se e dirigiu-se para a porta. Em meio dos artistas do "show", Al Jolson era um outro homem. Cantava "Deixa-me Cantar e Serei Feliz" quando Julie Benson o olhou pela última vez. Ela se foi para nunca mais voltar.

São Judas Tadeu

(Continuação da pág. 33)

As freiras pertencem à congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, a mesma que trabalha em São José dos Campos, infatigavelmente, entre os tuberculosos. Essa é uma das poucas congregações que aceitam moças de côr. Têm nomes lindos de santas — Madre Verônica, Madre Angélica. Uma atende pelo apelido lírico e sagrado de Madre Coração de Jesus, logo abreviado para Madre Coração. Umas às outras tratam-se simplesmente de «Irmãzinha».

Quem sabe da existência do asilo, deixa de pensar na Igreja de São Judas como um centro de peregrinação onde vão os doentes sequiosos de saúde, para pensar nos pequeninos que ficaram abrigados em função dos milagres.

E agora confesso humildemente que creio ter errado ao batisar esta reportagem. Deveria se chamar, depois de tudo, a São Judas, — o Amoroso, caminheiro dos caminhos muito trilhados da Mesopotâmia, — não o padroeiro dos desesperados, que o é, mas dos desamparados e dos pequeninos.

Um filho

(Continuação da pág. 22)

marido, procurava acalmá-lo. Assustado, êle costumava acordar altas horas da noite, saltava da cama e espiava para a mulher, que dormia a sono sôlto. Que expressão serena tinha Maria! Ficava sentado a seu lado horas e horas, atentando para a sua respiração, para os movimentos que fazia. Como seria seu filho? Gordinho, vivo, falaria cedo? E se nascesse morto? Pareceu ver, ao lado de Maria, um corpinho de criança sem vida. Apavorado, tentando afastar o pensamento, a lembrança ruim, punha a mão aberta sôbre a barriga da mulher e somente se acalmava quando o sentia bulir. Suspirava, aliviado. A alegria era intensa, a felicidade crescia. Voltava para o seu lugar, cuidadosamente, para não acordar Maria.

Um dia, quando êle menos esperava, escutou os seus primeiros gemidos. Chegara a hora? Maria estava diante dele, lívida, torcendo as mãos.

— O que é? — perguntara, sem ação.

— Ora, mas você não está vendo?

Um momento depois chegava a assistência. Na maternidade, êle andava pelo corredor branco, de cima a baixo, como um maluco. Levou assim bem umas duas horas, mas para êle pareceu toda uma vida.

— Chorou! — gritou, em dado momento. Já nasceu — os vagidos da criança feriam-lhe os ouvidos.

E se precipitou para a enfermaria. A primeira coisa que viu, do filhinho, nos braços, nos braços da enfermeira, foi a cabeça pelada, depois a testa ampla de seu pai, uns olhinhos cerrados. O menino chorava. Maria espiava de lado para êle e viu muito bem quando Carlos falseava e caía, numa síncope.

A vida de Cézanne

(Continuação da pág. 23)

de sua mocidade. Agora se haviam separado. Não que alguma palavra rude tivesse sido pronunciada entre êles. Um belo dia Cézanne deixou de ir ver Zola, foi só. Já não se sentia mais a vontade em casa dêle, com os elegantes criados, os esplêndidos tapêtes e com o complacente e convencional Émile sentado a uma luxuosa escrivaninha. Émile tornara-se um burguês. A criada olhava-o raivosa cada vez que Paul deixava de limpar os sapatos no capacho, antes de entrar no salão de recepções. E depois, o grande homem de letras passou pela cidade natal de Paul, Aix-en-Provence, numa excursão de conferência. Quando Cézanne soube da chegada de Zola, estava pintando no campo. Lançou por terra sua palheta e esqueceu-se do quadro, de seus aborrecimentos, sua amargura, seus reveses. Zola estava em Aix! Seu velho amigo! Apressou-se em ir ao hotel de Émile, arrebatá-lo. A frieza que sentira por êle era uma coisa do passado. Mas no caminho encontrou um amigo que lhe disse:

— E' inútil; não vá ao hotel.

No dia anterior alguém perguntara a Zola se, agora que estava em Aix, iria tomar uma refeição com Cézanne, antes de partir. E Zola respondera que não tinha nenhum desejo de ver de novo aquêle "defunto".

Os olhos de Cézanne encheram-se de lágrimas.

— O idiota inchado-de-dinheiro! — disse êle encolerizado, agitando o punho.

Voltou para seus quadros indiferentes.

Mas um dia, de súbito, Cézanne começou a vender seus quadros. O círculo de artistas mais jovens de Paris, sempre à procura de algo novo e algo sensacional, adquirira um novo conhecimento mais profundo dos principais enigmas de Cézanne. Começaram a ver "gênio" onde anteriormente nada haviam visto. Uma nova religião foi fundada, e Cézanne foi saudado como seu profeta. O próprio Cézanne estava ligeiramente surdo, e tinha de levar a mão ao ouvido para ouvir as aclamações de seu recentes discípulos.

— Muito bem, muito bem, — observava com um sorriso. — Até que enfim estão pondo meus quadros em molduras.

Seus vizinhos da província de Aix ficaram espantados, ao saber que seus quadros começavam a ser vendidos em Paris. Em Aix, Cézanne oferecera durante anos suas telas a qualquer um que viesse procurá-las. Não podendo desfazer-se delas dessa maneira, abandonara grande número nos campos. Uma vez Renoir encontrou um esbôço em aquarela das *Banhistas*, que Cézanne lançara nos penhascos. No porão de Aix, havia um monte de quadros de Cézanne estragados, juntamente com uma gaiola quebrada de passarinho, um urinol rachado e uma velha seringa. Os amigos, não desejando insultar o artista, levavam alguns quadros como presentes e os escondiam nos sótãos, onde eram comidos pelos ratos. E agora haviam iniciado uma luta impiedosa para recuperar tôdas essas "obras-primas" meio consumidas. Um velho campônio vendeu um pequeno estudo que Cézanne lhe dera certa vez, como prova de amizade, e aposentou-se com o preço que conseguiu por êle.

Cézanne divertia-se com êsse repentino barulho que estava fazendo, entre a *intelligentsia*. Uma porção de idiotas, pensava. A pintura significava para êle muitíssimo mais do que a fama. Que fôssem para o diabo aquêles que o glorificavam e aquêles que o injuriavam. Estava farto. Era Paul Cézanne, e podia dizê-lo a qualquer camarada rude com quem esbarrasse, na rua. Que lhe importavam as opiniões de outros?

Quanto à sua opinião sôbre seu próprio trabalho, sentia-se ainda penosamente insatisfeito. De certo modo, percebia-se incapaz de expressar a intensidade que palpitava em seus sentidos. Olhava tôdas as nuvens, todos os magníficos contornos e côres da Natureza, que desejava pintar. Monet podia fazê-lo. Tinha fibra. "Monet não tem apenas fibra, mas visão", murmurava para si mesmo. "E eu? — parece que não possuo o poder de ver".

V

Cézanne viveu uma existência quase celibatária. Afora sua espôsa, as mulheres eram para êle "gatas malditas". Geralmente, também desconfiava dos homens. Sofria de mania de perseguição. Achava que as pessoas "tentavam pôr suas garras sôbre êle". Odiava as profissões convencionais. As professoras eram velhotas estúpidas; os eruditos, asnos. Até mesmo começou a odiar os velhos pintores convencionais — os homens que outrora admirara tão ardentemente. Em Rembrandt e Rubens, disse êle, devia-se "cuspir". Quando as multidões se punham diante de uma obra-prima, no Louvre, "assoava o nariz e deixava a sala". Com o passar dos anos, tornava-se cada vez mais um misantropo. O robusto pequeno camponês, de chapéu de abas largas, severa barba negra, passos firmes, tornara-se, caso levemos a sério suas conversas de mesa, o maior inimigo da humanidade e especialmente do Salão, que ainda se recusava a reconhecer seu trabalho. Era uma curiosa mistura de auto-subestimação e fanfarronice vulgar. Quando Whistler, depois de olhar algumas de suas paisagens, observou: "Se uma criança de seis anos tivesse desenhado isso em sua lousa, sua mãe, se fôsse uma boa mãe, deveria lhe dar uma boa surra". Cézanne ficou furioso e ressentido. Sua fé em si mesmo foi miseràvelmente despedaçada. Entretanto, blasonava-se pelas ruazinhas de Aix, acotovelando os aldeões sonolentos e gritando, num desafio orgulhoso: "Eu sou Cézanne!"

VI

A 22 de outubro de 1906, poucas pessoas viram por acaso a notícia de que um grande artista acabara de morrer. Um pintor, Henry Hamm, resumiu a atitude da maioria, quando escreveu acêrca do trabalho de Cézanne: "Sua sinceridade evidente me intriga; seu desacêrto me espanta". Uma década antes de sua morte, a *Revue d'Art*

(Continua na pág. 52)

NINGUEM ESCAPA

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de **FAITH BALDWIN**

— Desenhos de **J. SCHABELITZ**

Com Rix, Nelda voltou à vida.

Tom puxou-a para si...

Linda, da sacada, viu Rix e Nelda lá em baixo, abraçados...

O encontro com os pais de Rix em Nova York fôra muito proveitoso para Linda, de maneira que ela resolveu aproveitar o verão do melhor modo possível. E só em agosto finalmente aceitou um dos muitos convites para visitar os Heron... desta vez em sua casa balneária. Nelda Heron, Linda reparou, agora depois de noiva, ainda ligava menos a Tony. Mas quando Rix chegou, sozinho, Nelda voltou à vida. Não clamorosamente, é claro, mas quem quisesse notar... notava. — Peg está em Westchester com uns amigos californianos — explicou Rix. — Precisei vir aqui perto a negócio, e como não gosto do pessoal com que Peg está... aqui estou. — Se êle estava ainda zangado pelo que Linda lhe dissera aquela noite no taxi, não deu o menor sinal. De noite saíram todos para dançar e na volta Tom Yorke parou o carro na praia e propôs casamento a Linda, puxando-a para si. — Não precisa ter medo, Linda — explicou. — Eu levo essa vidinha, mas por você sou capaz de tomar jeito, embora isso me deixe aterrorizado. — Linda fez menção de falar. — Oh, não diga nada! Dê-me uma oportunidade. — E Tom a beijou em cheio nos lábios. — Foi tão mau assim? — Ela disse que não, que até gostara. — Então por que estamos esperando? Vamos anunciar logo... Eu, noivo! Não posso acreditar!

— Não precisa acreditar, Tom, porque você não está noivo. Gosto muito de você, mas... — Em todo o caso, continuarei a tentar — êle lamentou. — Talvez que de tanto ser amada você pegue a doença. — Voltaram em silêncio e Linda subiu para o quarto. Despiu-se, apagou as luzes, vestiu um quimono e saiu para a sacada. Sentou-se para fumar, pensando em que não devia andar muito com Tom. Seria pior para êle... Um momento depois ouviu murmúrio de vozes no jardim e se levantou para olhar. Eram Nelda e Rix. Se entrasse logo êles a veriam. Além disso, ela **precisava saber**...

— Querido, — dizia Nelda, — você não vai precisar abandonar-me!

Linda saiu pelo corredor...

— Linda... que deseja?

— Vi você e Rix no jardim.

— Isso não passa de ciumada!

Perturbada pelo que assistira, Linda atirou-se na cama. Seu coração doía por Tony. Achou que devia tomar alguma providência. Alguém devia perguntar a Nelda se pretendia casar com Tony e continuar a andar com Rix. Pouco depois se levantou e foi para o quarto de Nelda. Nervosa, com receio de chamar a atenção, afinal encontrou a porta. Nelda abriu. — Linda... que deseja? — Havia ainda tempo para recuar. Uma dor de cabeça, insônia. Desculpe-me, Nelda... mas não tem uma aspirina? Era fácil, razoável. Mas não! — Posso entrar, Nelda? — perguntou. — Mas é claro que pode. — E Nelda sorria, embora seu olhar mostrasse curiosidade, apreensão talvez. — Como vê, ainda não me deitei. — Linda caiu numa poltrona enquanto Nelda prosseguia nas suas massagens faciais. O coração de Linda já voltava ao normal. — Vi você e Rix — começou. — Vocês esqueceram, no jardim, que estavam bem embaixo das minhas janelas... — Parou e logo acrescentou: — Eu por acaso estava na sacada...

— Oh — exclamou Nelda, girando sôbre o pufe. — E que pretende fazer agora? — Linda podia ouvir a respiração da outra. E respondeu, calmamente: — Não penso que seja êsse o ponto importante. Acho que o ponto é: que pretende fazer?

— Eu — disse Nelda — pretendo fazer o que mais me convenha.

— E que eu trate da minha vida, não é?

— Você — disse Nelda — está com ciúme, nada mais. De Rix, com certeza... com certeza ainda o ama. Ou será por causa de Tony? Não sei bem...

Linda respondeu: — Pouco me incomodo com o que você saiba ou com o que pense. Eu quero simplesmente prevenir-la...

— Peg pode fazer um escândalo...

Linda arrumou a mala.

Assustada, abriu a porta. — Peg desapareceu, — disse Rix.

As duas se levantaram. E Linda prosseguiu: — Peg é capaz de fazer um escândalo. E' perfeitamente capaz de fazê-lo... e seus pais não vão gostar, Nelda. Nem Tony! — Nelda já não estava mais pálida como antes. — Bem, você já me preveniu. Agora é minha vez: se disser uma palavrinha que seja a Peg ou a Tony eu jurarei que é tudo mentira. Direi que é mágoa sua. Direi a Tony que você me confessou estar apaixonada por êle e que tudo faria para desmanchar nosso noivado. — Linda saiu dizendo: — Está bem, Nelda. Faça como bem entender. Vou-me embora de manhã cedo. — No corredor ela recomeçou a tremer... de cansaço e aborrecimento. Nada fizera por Tony... Uma vez no quarto, pôs-se a arrumar a mala. Deitou-se e não dormiu. Levantou-se muito cedo, vestiu-se e chamou a criada. Explicou sorrindo que sentia muito perturbá-la mas que se esquecera de avisar que voltaria a Nova York no primeiro trem. Queria saber os horários e empurrou uma pelega na mão da criada. Linda redigia um bilhete de desculpas aos Heron quando um telefone bateu. Um instante depois subia o mordomo e batia numa porta. Respondeu uma voz sonolenta, a de Rix. O telefone era para êle. Rix desceu...

Linda foi ao espêlho e ajeitou a boina na cabeça. Assim que Rix subisse e entrasse no quarto ela sairia. E logo Rix subiu, mas suas passadas vieram até a porta de Linda, onde êle bateu. — Linda... posso entrar? — Assustada, ela abriu a porta. E ali estava Rix, de roupão de banho por cima do pijama, descabelado, pálido — E' Peg — disse êle. — Eu... — Rix estremeceu e Linda o segurou pelo braço. — Sente aqui. Diga-me o que aconteceu. Que houve com Peg?

— Chamaram-me lá de Westchester. O pessoal com quem Peg estava passando dias. A noite passada ouviram-na chorando. E agora ela desapareceu...

NINGUEM ESCAPA

Tradução de **JORGE A. FORTES**, especialmente para **REVISTA DA SEMANA**

Êste folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas

Nelda estava assustada quando Linda partiu com Rix...

— Peg! — gritava Rix.

— Onde estará ela, Linda?

Nem ao menos levou a mala — continuou êle. — Linda, por favor, ajude-me a procurá-la! — Ela prontificou-se. Nelda, quando soube, ficou claramente assustada. O carro de Rix parava logo depois em frente à porta. Linda embarcou... E olhando para trás viu Tony, que saía e ficava parado ao lado de Nelda, ao sol da manhã.

Linda achou que era melhor telefonar. Na primeira cidade Rix telefonou. Voltou desanimado. — Nada sabem além de que um chofer de taxi levou-a à estação, onde ela pegou o primeiro trem depois de meia-noite. Nosso apartamento não responde. — Continuaram o trajeto e Linda opinou que deviam ir primeiramente ao apartamento. Adiante Rix falou: — Linda... você é muito boa em me ajudar. Eu precisava de alguém. Eu não disse a Peg que vinha à casa dos Heron, sabe? Brigamos porque eu não quis ir com ela. Ontem de noite o mordomo me avisou de que me tinham telefonado. Foi Peg. Com certeza telefonou só para saber se eu estava... — E continuando a descrever a briga com a espôsa, terminou contando que lhe dissera que requeresse divórcio, se bem que não o desejasse realmente, isso êle jurava. No apartamento êle entrou gritando por Peg, mas não houve resposta. A criada estava de folga, só voltaria no dia seguinte. Rix sentou-se no divã e pôs a cabeça entre as mãos. Já correra todos os cômodos. — Ela não está aqui — anunciou, sem a menor necessidade. — Onde estará, pelo amor de Deus? — Linda sentou-se ao lado dele. Êle não merecia compaixão, mas sempre não custava nada. Ela já se habituara a ter pena dele, a defendê-lo e ajudá-lo. Não se pode fugir ao hábito.

— Rix, — disse ela, — não deve ficar imaginando coisas. Com certeza ela só quer castigá-lo um pouco

Linda começou pelos hospitais...

Verificaram o guarda-roupa de Peg.

E lá estava Tony. — Que significa isto? — exigiu.

E imediatamente saíram de automóvel para a casa dos Weldon, em Westchester, onde Peg estivera. Apanharam a mala dela e foram à estação, onde encontraram o agente que vendera a passagem a Peg, para Nova York. E foi só. Voltaram para Nova York. O apartamento ainda estava vazio. — Nada nos resta fazer, — disse Rix, desesperado, — senão telefonar à polícia e aos hospitais. Chame primeiro os hospitais. — Linda sentiu-se impaciente com êle, zangada mesmo. Por que ficava ali sentado, sem fazer nada? Por que devia ser ela a fazer tudo? E num relâmpago Linda viu o que seria a sua vida com Rix, caso o tivesse desposado. Uma mulher quer que o seu marido seja um perfeito homem, pensou, discando um número. E assim continuou, à pressa, sem qualquer auxílio de Rix, ali sentado com a cabeça entre as mãos. Depois teve a idéia de verificar as roupas de Peg. Rix só olhava... E ela não podia adivinhar mesmo. Então se lembrou de que era só telefonar para os Weldon e perguntar qual a roupa usada por Peg. Alguém se lembrava: costume preto, blusa verde-claro, meias beige, sem chapéu, sapatos pretos e bolsa preta. O resto estava na mala que Linda e Rix haviam trazido de lá. Ao soltar o receptor Linda disse a êle que agora experimentaria todos os outros hospitais, pois descrevendo a roupa seria muito mais fácil.

Mas antes que pudesse discar o primeiro número ambos ouviram o elevador que parava e passos pelo corredor. Rix falou, roucamente: — Vem alguém — e correu para a porta. Mas logo soou a campainha, ao que êle parou, desanimado. — Peg tem a chave. Não iria tocar a campainha.

Linda abriu a porta e deu com Tony, encostado no portal, olhando intrigado para os dois. Tony entrou sem esperar convite e foi logo perguntando, sem preliminares: — Que significa tudo isso?

— Tente o Bellevue; ligeiro!

— Peg tentou se matar!

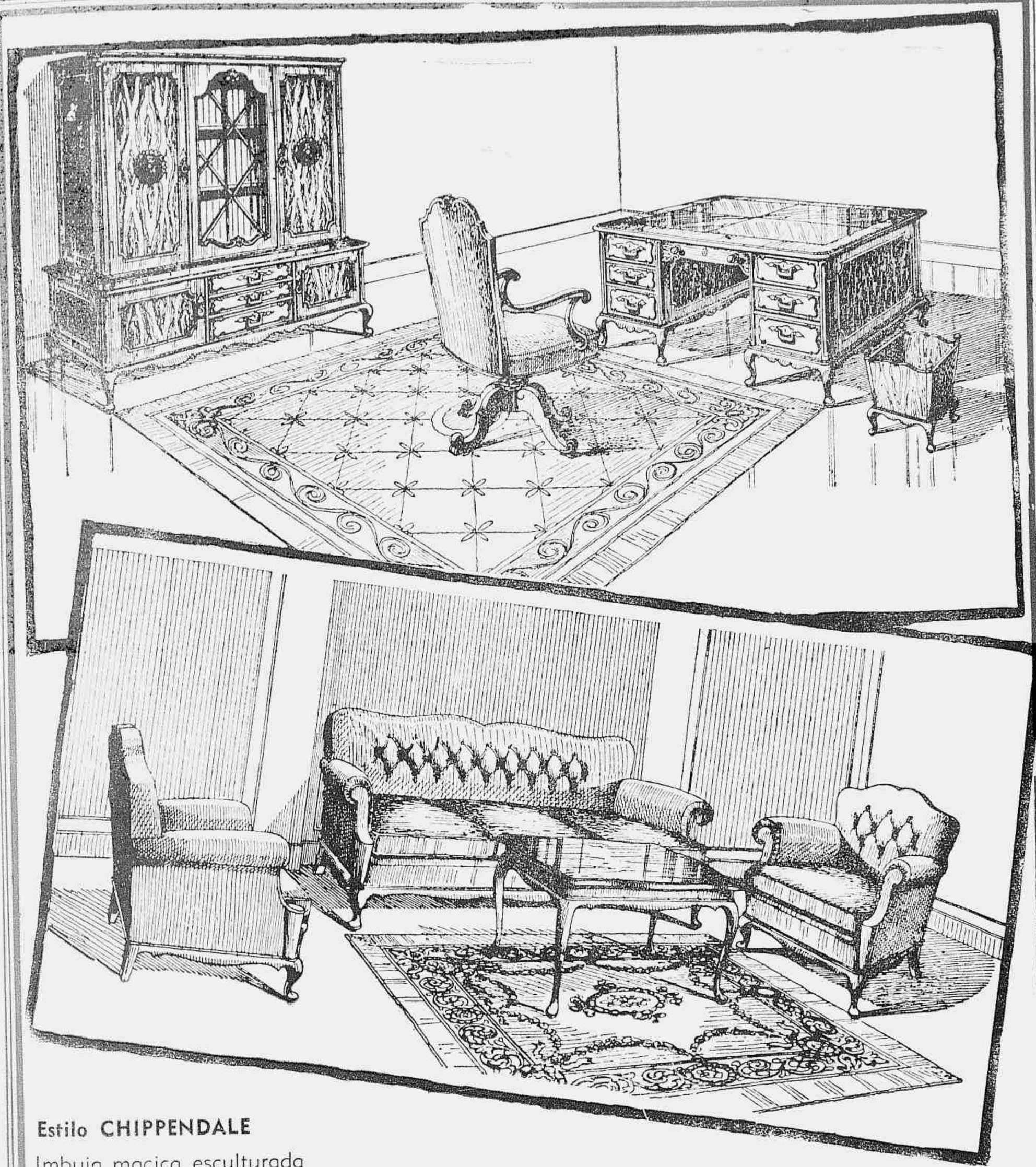
Rix ficou imóvel, olhando. — Se me perdoar, Peg...

Embora irritada com as maneiras de Tony, Linda ficou contente em vê-lo ali. Era um homem são, controlado; seus ombros eram largos o bastante para qualquer responsabilidade. Ela explicou tudo em poucas palavras, enquanto Rix continuava sentado, emudecido. Tony o olhou. — Tente o Bellevue, ligeiro — comandou. — Se houve alguma coisa, é provável que ela esteja num hospital da cidade, não identificada. — Rix se concentrou no telefone. Tony puxou Linda para um canto, dizendo baixinho: — Não esperava que você fosse idiota a ponto de tornar a se envolver com Anderson. Acho que é bem claro que quando Peg soube que êle estava na casa de Nelda, com você... e lá fora provavelmente para estar com você, ela... — E Linda já estava branca de fúria quando Rix os chamou. — No Bellevue há uma pequena que corresponde à descrição de Peg! — Rix estava trêmulo. — Linda, Peg tentou se matar!

— Isso simplifica as coisas — gritou Tony. — Vamos...

Ninguém falou durante o trajeto. Linda sentia-se mal, gelada, aterrada. Peg tentara suicidar-se. Oh, Peg, pensava, pobre tolinha: Rix não vale isso, nenhum homem vale... Linda procurava não pensar em Tony; no que êle dissera. Afinal êle nem ao menos é meu amigo, lembrou-se. Bem, não faz mesmo diferença nenhuma. Mas para seu horror, ela viu que fazia diferença. Ficar separada de Tony era como ser de repente atirada ao frio e à escuridão, expulsa do calor e do confôrto de uma amizade. No hospital, ela e Tony ficaram de fora. Rix entrou para encontrar Peg branca como a roupa da cama, fraca como um recém-nascido; até seus lábios estavam brancos. Quase não falava. Enfermeiras, médicos, internos, polícia... tudo um pesadelo. Afinal Peg sussurrou: — Sabe? Pensei que você e Nelda... quando falou em divórcio. Eu tinha certeza da criança, Rix... tinha as pastilhas de fazer dormir... — Rix arriou a cabeça sôbre ela, soluçando. — Eu... se quiser me perdoar, Peg... serei bom para você, prometo. Farei tudo por você...

TAPETES ● NACIONAIS, ● FRANCESES, ● INGLESES, ● AMERICANOS, ● PORTUGUESES, ● INDIANOS, ● PERSAS ● (LEGITIMOS), ETC.



Estilo CHIPPENDALE

Imbuia maciça esculturada

Escritório: armário-estante, bureau com 7 gavetas e tampo de cristal, poltrona giratória estofada de couro e cesta para papéis
Grupo: estofado de couro, com sofá 3 logares e 2 poltronas, mesinha de centro
Tapetes: aveludados com desenhos apropriados ao estilo dos móveis

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

inimitáveis e inconfundíveis

TAPETES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTINAS
EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO ADMITEM CONFRONTO

Fundada em 1912 — 65 -- RUA DA CARIOCA, 67 -- RIO

Agora, PARA ELA E PARA ELE...

O famoso MIDO MULTIFORT, inseparável companheiro de todas as atividades humanas, apresenta agora, também para senhoras, a sua extraordinária qualidade de "SUPER-AUTOMÁTICO". Esta nova maravilha da relojoaria suíça, na praia como no lar, no trabalho como no esporte, representa o máximo de confôrto, elegância e utilidade, tanto para o homem dinâmico quanto para a mulher moderna.

RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS

★ 100% IMPERMEÁVEL ★ "SUPER-AUTOMÁTICO"
★ PARA-CHOQUES ★ PRECISO ★ LUMINOSO
★ INOXIDÁVEL ★ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS